→ CARTA OFICIAL DE PEDRO CASALDÁLIGA

A C A M I N H A D A C O N T I N U A

Kirche in Brasilien

1988/ 89

KI-BR

Bibliothek

Institut für Brasilienkunde
KI-BR 192
Bibliothek
26.09.10
METTINGEN

→ CARTA OFICIAL DE PEDRO CASALDÁLIGA

A CAMINHADA CONTINUA

Institut für Brasilienkunde
Sunderstraße 15
4532 Mettingen

Pressearchiv

Zeitung	Datum	Nummer

CEDIM

→ CARTA OFICIAL DE PEDRO CASALDÁLIGA

A CAMINHADA CONTINUA

Hoje mais do que nunca gostaria de responder pessoalmente a cada um de vocês, ue me têem escrito por ocasião dessa "desavença" caseira que tive com o Vaticano. De essoa para pessoa talvez poderia dar à cada resposta seu tom justo. Vocês, amigos, ir-ãos, compreenderão o alcance desta carta coletiva e a gratidão e o carinho com que a-raço a cada um de vocês pessoalmente. Suas cartas e mensagens me emocionaram, às vezes, té às lágrimas e me obrigam a responder-lhes, mais do que com o papel, com a própria vi-a. Abraço a todos, digo: em meu nome, em nome de toda nossa Igreja de São Félix do Ara-uaia e, se não parecesse pretensão, em nome do Povo e da Igreja de toda essa Pátria Gran-e da nossa América Latina.

Porque não se trata de um problema meu, mas de causas nossas. Causas que a gente rê que são parte da Causa do próprio Jesus e por isso a gente as defende tão apaixonada-ente e arriscando mesmo. A esse Jesus, em todo caso, me remito.

Não vou contar a novela inteira.

Da visita ad limina e dos meus encontros com João Paulo II e com os cardeais Gantin Ratzinger fiz um relatório, que muitos de vocês leram: "A pedra, Assis e a espiga de mi-ho".

Regressei de Roma, dizia eu nesse relatório circular, "mais eclesial, espero, e mais atino-americano também".

No dia 23 de agosto, a Nunciatura em Brasília me comunicava que a Congregação para s Bispos havia lhe confiado o encargo de entrar em contato comigo "para a assinatura de n documento" referente à minha recente visita ad limina. Dia 8 de setembro, a mesma Nun-iatura, após uma conversa telefônica que mantive com o senhor Núncio, me remetia o docu-ento, "pessoal e reservado", em dois exemplares, um dos quais eu deveria assinar e da-ar e devolvê-lo a Nunciatura, que o encaminharia à Congregação para os Bispos. O docu-ento não traz assinatura de ninguém nem o selo das ditas Congregações, vem, porém, em apel timbrado da Nunciatura. São duas páginas e meia de considerandos teológico-canôni-icos, de constatações sobre atos meus, supostamente contrários a esses considerandos, de ntimações concretas que, se eu assinasse, assumiria.

O documento se divide em quatro ítens em torno da Teologia da Libertação, Críticas inhas a medidas adotadas pela Cúria Romana, Opúsculos catequéticos de nossa Prelazia - ue têm até treze edições e foram publicados em muitos países -, Celebrações e Romarias os mártires, Visitas à América Central e, particularmente, à Nicarágua.

As restrições ou proibições, que eu deveria assumir assinando, são tão largas e glo-ais que me deixariam, inclusive, "em condições de inferioridade com respeito a qualquer resbítero ou diácono", segundo os canonistas consultados: "praticamente sob uma suspen-ão a divinis, pela letra do texto e, além do mais, com o agravante de que (essa suspen-ão) se estenderia ao ministério da Palavra e pôr tempo indefinido".

É evidente que o conteúdo do documento reproduz "as proposições" às quais os carde-is Gantin e Ratzinger se referiram, em nosso encontro romano e que eu deveria assinar a mesmo, mas que eu nem sequer vi porque disse formalmente aos senhores cardeais "que stávamos falando entre bispos -como escreve nosso boletim ALVORADA-, adultos e corres-onsáveis na Igreja"; que eu tinha ido a Roma "sobretudo para falar com o Papa e que de ispo para papa -o bispo de São Félix do Araguaia com o bispo de Roma- podia-se resolver uito bem qualquer mal-entendido ou acusação".

Durante todo esse incidente tenho sentido mais de perto como chovem sobre Roma acu-ações intrigantes e quão pouco se cultiva, em certos meios eclesiásticos, a maturidade, confiança fraterna, a liberdade de espírito.

Não assinei o documento, então. Não poderia assiná-lo nunca, pelo seu conteúdo e pe-as circunstâncias em que chegou até mim. Consultaria -com Deus e com os irmãos- e daria az ao tempo...

Estava eu em Goiás, ajudando na coordenação da Assembléia diocesana jubilar daquela greja irmã, pastoreada por Dom Tomas Balduíno, quando, no dia 22 de setembro, a Rede lobo -essa poderosa organização da comunicação social, com ramificações em outros mun-os também, como, por exemplo, em Montecarlo- soltou a notícia de que tinha recebido um elex de Roma, no qual se comunicava que o Vaticano me impusera silêncio total. (É bom embrar que a Rede Globo, além de poderosa, não se dá muito bem com as causas populares, em com a Igreja comprometida com essas mesmas causas. Em plena repressão chegou a mos-rar televisivamente para todo o Brasil um número falsificado do nosso ALVORADA, com a pice e o martelo substituindo a cruz que acompanha o galo matinal do logotipo do bole-im).

Quem teria passado para a profaníssima Rede Globo essa decisão eclesiástica? Em todo caso, não era a primeira vez que a Rede Globo recebia, de primeira mão, comunicações eclesiásticas...

Ante a pressão dos meios de comunicação, do episcopado brasileiro e de outros muitos amigos, D. Tomás chamou à Nunciatura, pedindo esclarecimentos. O Núncio estava ausente e seu substituto se limitou a responder que eles se encontravam "sob segredo".

No dia 23 publiquei uma nota suscinta em torno a esses fatos. E, por sua parte, o Núncio, Dom Carlo Furno, de Roma, no dia 24, enviava ao Presidente do Regional Centro - Oeste da CNBB, em Goiânia, o telegrama seguinte: "Creio útil transmitir a sua Excia. a resposta informal dada hoje aos jornalistas pela sala de imprensa da Santa Sé: 'As notícias aparecidas na imprensa brasileira, segundo as quais sua Excia. Mons. Pedro Casaldáliga, bispo prelado de São Félix do Araguaia, teria recebido punição e lhe teria sido imposto silêncio, não são exatas. Em decorrência da recente visita ad limina foram recordados a Mons. Casaldáliga alguns deveres próprios do bispo. Em particular tal prelado foi convidado a ser sempre plenamente fiel ao ensinamento do magistério da Igreja e a não interferir nos assuntos de outras igrejas particulares, se deslocando a dioceses de outros países sem o consentimento dos bispos do lugar".

A Presidência da CNBB, reunida com a Comissão Episcopal de Pastoral - GEP-, divulgou, no dia 30 de setembro, um comunicado explicando o acontecido e se pondo à minha disposição e à disposição da Santa Sé "para qualquer tipo de colaboração fraterna", na esperança de "encontrar a perfeita comunhão na mesma vontade de fidelidade à Igreja", dentro do espírito fraterno e da liberdade evangélica". E 20 bispos assinaram, de imediato, um manifesto de "profunda comunhão" comigo; sublinhando que minhas causas eram suas próprias causas; apelando ao Evangelho, ao Vaticano II, a Medellín e Puebla e à palavra do próprio João Paulo II; reafirmando que "nada nos fará abandonar o serviço efetivo aos povos indígenas, à caminhada dos lavradores e operários e a solidariedade latino-americana, especialmente aos Povos irmãos da América Central"; sempre "no sentido da unidade e no respeito à caminhada da Igreja de Deus peregrina na América Latina".

Choveram as chamadas telefônicas, as cartas, os telegramas, os manifestos, os atos públicos; de protesto contra essas medidas eclesiásticas, de solidariedade comigo e com a nossa Igreja.

No meio dessas homenagens -as perdizes de Santa Teresa salpicando as horas de jejum- e sem tê-lo pretendido previamente, deu-se a boa coincidência do lançamento do meu livro "Na procura do Reino", editado por FTD. O livro é uma coletânea de textos mais significativos -e alguns ineditos recentes- que cobre os 20 anos de minha vida no Brasil, na América Latina, aos 20 anos de Medellín também e quando completo os 60 de andar por este mundo, que, segundo João XXIII, marcam o ponto melhor da idade humana.

O sr. Núncio falava, em seu telegrama de Roma, de uma resposta "informal". Eu, o primeiro e outros muitos irmãos sentíamos que a questão não estava cancelada. Não tendo eu assinado o documento-intimação e tendo-o vazado a Rede Globo, o processo ficava no ar. Era preciso prosseguir o diálogo com Roma.

No dia 20 de outubro, Dom Luciano Mendes de Almeida, Presidente da CNBB, pode falar pessoalmente com o Papa e esclarecer para ele aspectos referentes à minha pessoa e à minha atuação. Falou também Dom Luciano com os cardeais Ratzinger e Gantin.

Segundo Dom Luciano -que é um jesuíta benignissimo- João Paulo II escutou com atenção e afeto e expressaram também seu afeto para comigo os cardeais Ratzinger e Gantin, ambos tentando minimizar o acontecido.

Porém, isso sim, tanto o Papa como os dois Cardeais fizeram questão de insistir acerca de minhas idas conflitivas à Nicarágua, porque sobre as mesmas vinham pressionando no Vaticano alguns bispos nicaraguenses.

No dia 16 de novembro escrevi uma carta ao Papa e cartas aos cardeais Gantin e Ratzinger. A João Paulo II eu dizia textualmente: "Com esta carta quero renovar ao senhor meu testemunho de colegialidade apostólica, minha vontade de fidelidade à Igreja de Jesus e o compromisso, livre, alegre, radical, de servir ao Reino de Deus, no dia a dia, entre os Pobres, nesta parcela da "vinha nova", que é a América Latina, no dizer do fundador da minha Congregação Religiosa, Santo Antônio Maria Claret".

Depois de rezar e de consultar bastante, decidí suspender, por ora, minhas visitas à Nicarágua. E assim o escrevia também ao Papa: "Para evitar novas incompreensões ou atritos entre irmãos, vou suspender minha ida à Nicarágua, no próximo mes de fevereiro. Espero que não faltem a oração e a solidariedade de muitos em favor da América Central, tão conflitiva e tão decisiva para o futuro político e eclesial de nosso Continente; e particularmente espero que não falte essa solidariedade de emergência à pobre Nicaragua, agredida, cercada economicamente e flagelada agora por um terrível furacão".

Ao Papa eu expressava também essa obsessão pastoral que deveria nos sacudir a todos nesta hora crucial do Continente: " A iminência da comemoração do V Centenário da Evangelização da América compromete toda nossa Igreja na grande tarefa missionária dessa nova Evangelização", creativamente inculturada, catolicamente latino-americana, que o Senhor oportunamente proclamou".

Aos senhores cardeais eu recordava que nunca fui proibido, em lugar algum, de exercer o ministério e que, pelo contrário, nos outros países da America Central tive sempre explícita benevolência dos respectivos pastores dos lugares onde estive. (Pelo Direito Canônico, como é sabido, os bispos podemos "pregar a Palavra de Deus em todos os lugares ..., a nao ser que o bispo local o tenha expressamente proibido em casos particulares", Canon 763).

Algumas constatações e algums compromissos deveriam ficar claros para nós. Nenhum incidente será para mal se jogamos sobre o caminho bastante esperança e liberdade.

1. Para o pessoal mais simples ou para pessoas menos informadas em assuntos de Igreja não é fácil entender toda essa complicação eclesiástica. A Igreja e seus procedimentos ficam mais desprestigiados diante da opinião publica. Os inimigos -ou adversários-, de fora e de dentro, curtem os golpes que "os rebeldes" recebemos e se aproveitam para os desprestigiar ou para nos perseguir. O Povo de Deus mais consciente se indigna, protesta, porem se solidariza e se reafirma na caminhada empreendida, apesar das tensões, talvez noite afora.

2. Há um processo, aberto e sistemático, de involução na Igreja Católica: em torno bispos, teologos, seminarios, editoras, coleções; na nomeação de bispos; perante as reivindicações da mulher ou, mais em geral, do leigo; frente às Comunidades Eclesiais de base; sobre as Conferências Episcopais; e na promoção, oficial ou oficiosa, de movimentos, entidades e projetos de uma só linha pastoral.

Negar essa involução me parece ingenuidade ou hipocrisia.

Eu li o documento-intimação precisamente no dia de São Cipriano, bispo da África, mártir da unidade e do pluralismo". Sinto que as Igrejas do Terceiro Mundo temos, nesta hora, a missão ineludível de ajudar à Igreja una a ser "católica" de verdade: sem eurocentrismos colonizadores, sem controles prepotentes, sem desconfianças que neguem a liberdade do Espírito, os carismas e o pluralismo. A todos nós, cristãos, nos é pedido, nos diferentes Mundos, irmanados em igualdade, uma vivência, "sempre renovada", entusiasmada sempre, da Igreja de Cristo que somos.

Christian Duquoc, em seu luminoso livro "Messianismo de Jesus e discrição de Deus", destaca uma tríplice tentação da qual o Espírito salvou Jesus e da qual o mesmo Espírito quer salvar a Igreja:

- Eliminar o Mundo em proveito de um Reino situado somente na transhistória.
- Mergulhar exaustivamente o Reino nas estruturas socio-políticas.
- Equiparar o Reino e a Igreja.

Nem o idealismo escatológico, nem o servilismo político, nem a prepotência eclesial correspondem a mensagem e missão de Jesus, que devem ser a mensagem e missão de sua Igreja.

Na América Latina, particularmente, esta véspera histórica dos 500 anos nos obriga a proclamarmos e a vivermos a identidade latino-americana: em razão de uma inculturação do Evangelho que não seja apenas formal; em razão dessa "nova Evangelização", que já Medellín pedia; para superar, de uma vez por todas, a dependência e a marginalização (também eclesiásticas). Em nossa América o ano 2000 passa pelos 500 anos. Santo Domingo deverá ser a culminação de Puebla, de Medellín, do Vaticano II. Aquele clamor, surdo primeiro, impetuoso depois, está se tornando agora um clamor "organizado".

3. Deveria ter sido sempre normal o direito de opinião pública na Igreja, comunidade de irmãos, fundamentalmente iguais pelo Batismo. Infelizmente não tem sido assim. A história o sabe muito bem. No Ano Santo de 1950 Pio XII preconizou este direito, em seu discurso aos jornalistas católicos; o Concílio o destaca na "Lumen Gentium", numero 37; o Código de Direito Canônico amplia sua aplicação a todos os fiéis no canon 212. É evidente que este direito inclui a crítica -dizem os canonistas- pois, do contrário, seria somente direito a aplaudir.

Sem exacerbações, porem numa crescente liberdade, devemos exercer este direito de opinião pública na Igreja. Para o bem da própria Igreja, a quem os "secretismos" e as imposições somente tiram credibilidade, e pelo bem, sempre maior, do Reino.

4. A solidariedade é mais do que um direito. É um dever. É o amor feito público, coletivo, político. Nossa Igreja latino-americana fazia em Puebla sua opção preferencial "solidária" pelos pobres. E o Sínodo extraordinário de 1985, em sua mensagem de 7 de setembro, para que "a civilização do amor" não ficasse numa inflação genérica, propunha à Humanidade o caminho "que leva a uma civilização de participação, de solidariedade e de amor".

Agora, mais do que nunca, devemos assumir e concretizar eficazmente nossa solidariedade com os Povos e as Igrejas da America Central e particularmente com a proibida Nicaragua. Eu, da minha parte, Deus ajudando, seguirei sendo solidário com todas as minhas possibilidades, até a morte.

5. Pessoalmente, no meio dessa maré toda, sinto que o Pai e os irmãos me exigem conjugar dialeticamente e evangelicamente a fidelidade à minha própria consciência de pessoa adulta e livre; a fidelidade à América Latina em processo de Libertação, que agora é minha Pátria Grande; a fidelidade à Igreja, una e universal, em corresponsabilidade de cristão e em colegialidade de bispo; e, sobretudo, a fidelidade a Jesus Cristo e ao Reino.

Sentindo e contando isso tudo, escrevi um poema de circunstâncias:

EU, PECADOR E BISPO, ME CONFESSO

Eu, pecador e bispo, me confesso
de ter chegado a Roma com um cajado agreste;
de surpreender o Vento entre as colunatas
e de ensaiar a quena sob as barbas do órgão;
de ter chegado a Assis
cercado de amapolas.

Eu, pecador e bispo, me confesso
de sonhar uma Igreja
vestida simplesmente
de Evangelho e sandálias;
de acreditar na Igreja,
apesar dessa Igreja, algumas vezes;
de acreditar no Reino, em todo caso
caminhando em Igreja.

Eu, pecador e bispo, me confesso
de ter visto Jesus de Nazaré
anunciando também a Boa Nova
para os pobres da América Latina;
de dizer a Maria: "Comadre nossa, salve";
de celebrar o sangue dos que tombaram fieis;
de andar em romarias...

Eu, pecador e bispo, me confesso
de amar Nicaraguita, a menina da funda.

Eu, pecador e bispo, me confesso
de abrir, toda manha, a janela do Tempo;
de falar como irmão a outro irmão;
de não perder o sono nem o canto;
e de zelar a flor da Esperança
entre as chagas do Ressuscitado.

No mais, aí está a conjuntura maior, da América, do Brasil, da região da Prelazia.

* Bush e a continuidade da política de Reagan, tão nefasta para a América Central e particularmente para a Nicaragua. Esquipulas não se consolida. O furacão Joan acumula novos sofrimentos sobre a Nicaragua, já tão extremamente provada.

* Brasil, segundo os analistas políticos, nas últimas eleições municipais desentendeu-se do "centro", incompetente e corrupto e votou em favor da esquerda popular (PT) ou em favor da direita (que seria também oposição (?); em muitos casos, a mesmíssima UDR, União Democrática Ruralista, a organização do latifúndio). 1989 será ano de renhidas eleições presidenciais, as primeiras em muitos anos, depois da longa ditadura militar. A inflação, a carestia, um certo desânimo generalizado abatem a população brasileira e desanimam também a alguns setores do Movimento Popular.

* Em nossa região, perderam-se tres municípios, dois deles, até agora, nas mãos de uma administração a serviço do Povo. A UDR jogou-se sobre as eleições municipais com muito dinheiro. Servidores do poder judiciário entraram também no jogo sujo. Multiplicaram-se os subornos, as ameaças, os fraudes. Pistoleiros conhecidos acompanharam agressivamente as urnas.

Em Porto Alegre do Norte, entretanto, ganhou as eleições um lavrador, Pedro Fernandes, ex-presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. E esta vitória significa a continuidade da administração municipal popular que vem levando o atual prefeito, Rodolfo

Alexandre Inácio - "Cascão", antes vários anos agente pastoral de nossa Prelazia. Significa também a derrota do candidato da UDR, o fazendeiro Luiz Carlos Machado, vulgo "Luiz Bang". Despeitado o fazendeiro contratou 5 pistoleiros, que, no dia 20 de novembro, armaram uma emboscada em plena rua contra o Cascão, ferindo a ele e ao companheiro lavrador, Avelino Pereira Coelho.

As ameaças, então, se concretizam e paira no ar, para o futuro, um clima tenso: "Um quadro de prepotência da UDR, de situação de violência renovada e de insegurança para o Povo da região e para suas legítimas alianças".

Entretanto, escrevo esta carta em tempo de Advento, sob a luz sempre nova do NATAL. Apesar dos pesares, devemos "erguer a cabeça porque está perto a nossa Libertação".

Com esta inamovível Esperança, abraço a todos e a cada um, n'Aquele que é a própria humanidade de Deus, Jesus, o Cristo, filho também de nossa companheira, Maria de Nazaré.

Fraternalmente,

Pedro Casaldáliga,
bispo de
São Félix do Araguaia, MT

Dezembro de 1988 *

São Félix do Araguaia 11/12/88

Luís e toda a [illegible] e todos os irmãos solidários da longa Justiça e Paz de Nova Iguaçu abraçado pela sua comunhão fraterna. É evangelho "tempo de silêncios acolhedor" [illegible] todo início é um fim e vamos juntos a Belém do Novo Natal também para a Pátria Grande de Jesus nesta fraternalmente. Pedro

Documento

TER CONSTATA "CONFUSÃO" E "PERPLEXIDADE" NA IGREJA

ria (AGEN) - De 4 a 7 de julho, em Santa Isabel (diocese de Vitória, ES) s de 120 professores de teologia e ciências da religião reuniram-se para dar o tema Mística e Política, por ocasião da quinta assembléia geral da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (Soter).

indo de uma visão histórico-sistemática, em que frei Leonardo Boff expôs útuas implicações das duas realidades, e d. Marcelo de Barros Souza seus ndamentos bíblicos, ouviram-se diversos testemunhos de teólogos e de nilitantes sobre a vivência da tensão místico-política, em particular na experiência das CEBs, dos movimentos populares e do Partido dos balhadores. Destaque ao testemunho dos militantes das CEBs de Vitória e s intervenções da deputada Benedita da Silva (PT-RJ) e do sindicalista Durval de Carvalho (CUT-Campinas).

assembléia aprovou por unanimidade uma carta aos "queridos irmãos e is da caminhada", que focaliza a perplexidade dos cristãos, especialmente ilitantes comprometidos à luz da "opção preferencial pelos pobres", na al conjuntura da Igreja, em que se acentua "o corte autoritário e se peca unemente contra a colegialidade", na avaliação de alguns participantes. diretoria da Soter, presidida pelo padre Antônio Aparecido da Silva, foi leita para um segundo período de dois anos. A sexta assembléia, de 1990, u marcada para Belo Horizonte, nos dias 3 a 6 de julho, para se debater o a Evangelização e Culturas, levando em conta, em particular, a "cultura urbana". Eis a íntegra do documento final da assembléia:

idos irmãos e irmãs da caminha-

s somos mais de cem teólogos, as e cientistas da religião do Bra- teiro. Reunidos em assembléia da nossa sociedade (Soter - So- le de Teologia e Ciências da Reli- refletimos sobre a relação entre a e Política. Falamos dos proble- ue o povo sofre e enfrenta, e tro- informações sobre o serviço que os prestar ao Povo de Deus em nhão com os nossos pastores, e o ensino que ministramos aos fu- sacerdotes e agentes de pastoral. vemos esta carta para partilhar vocês algumas das nossas preocu- s e esperanças.

ciamos a reunião com a leitura do gelho, do trecho que falava da stade no lago (Mat 8,23-27). De o mar está agitado. O barco da Igreja está sendo sacudido. Ondas nos deixam espantados e perple- e trazem muita confusão para o É sobre isso que queremos con- r com vocês. Escrevemos para nos r a não perder a fé na presença es- da de Jesus no barco e a enfrentar pestade com a certeza da vitória.

imos que, em muitas comunidades, diminuindo o primeiro entusiasmo nos veio do Concílio Vaticano II, ellín e Puebla. O povo anda meio nimado. Dizem até que a Igreja está ndo para trás. É quem nem o povo m nós entendemos certas atitudes das contra alguns dos nossos bis- que mais defenderam e defendem os es. Por exemplo, a Igreja parece azer o trabalho realizado por d. ler, o irmão dos pobres. A arqui-diocese de São Paulo foi dividida sem atenção para com d. Paulo Evaristo Arns, o defensor dos presos políticos e dos direitos humanos. E o povo pergunta: "Por que d. Pedro Casaldáliga não pôde ir à Nicarágua para ajudar na animação da fé daquele povo tão sofrido?" Tudo isso, a nosso ver, não só enfraquece a confiança do povo nos seus bispos, mas até ameaça a fraternidade entre os próprios bispos e seu trabalho pastoral de conjunto, como aprenderam do Concílio Vaticano II.

Em muitos lugares, o povo fica desorientado, e nós também, quando um novo bispo é nomeado sem consulta aos bispos da região e começa a tomar atitudes e ditar normas, sem levar em conta a orientação do bispo anterior e em oposição às comunidades locais. Fica desorientado também na sua fé quando bispos, através da televisão, em rede nacional, ou através de um jornal de grande circulação, ensinam coisas diferentes das dos bispos de suas próprias dioceses, muitas vezes se distanciando da linha da CNBB.

O povo fica confuso e nós ficamos chocados quando alguns bispos, sem levar em consideração a Comissão Episcopal de Doutrina, através dos grandes jornais, lançam suspeitas e acusações contra irmãos e companheiros nossos, como frei Leonardo Boff e frei Carlos Mesters, ambos conhecidíssimos nas Comunidades. Frei Leonardo Boff continua sendo ameaçado e impedido no seu trabalho de teólogo, mesmo depois que o próprio papa declarou que a "Teologia da Libertação é não só oportuna, mas útil e necessária". Frei Carlos Mesters é acusado de ensinar erradamente a leitura da Bíblia ao povo. Ora, muita gente, inclusive padres e bispos, já disseram: "Se esta maneira de viver a fé está errada, então muitos de nós estamos errados: comunidades, padres, bispos, dioceses inteiras!" E nós nos perguntamos: Qual é mesmo o verdadeiro motivo de tanta **implicância**?

Em muitos lugares, os cristãos que estão militando na política dizem: "Fomos criados na Igreja. Por causa dela entramos na política. E agora que estamos no partido ou no sindicato, parece que não há mais lugar para nós na Igreja."Por causa da sua inserção na política, vários cristãos já tiveram de abandonar as Comunidades. E o povo diz: "A Igreja está se fechando." Outros dizem: "O Vaticano II, Medellín e Puebla parecem não valer mais."

Tudo isso provoca confusões e perplexidade. São essas as ondas que agitam o mar e entram no barco. É o que mais nos causa tristeza é que muitos pobres se perguntam: "Será que ainda há um lugar para nós na Igreja?" Não podemos permitir que os pobres se sintam enganados, como se a Igreja voltasse a ser só dos outros. Pois o Deus em que acreditamos é o Deus que escuta o clamor dos pobres e se dispõe a ajudá-los na sua libertação (Ex 3,7-10). A grande imprensa chega a torcer as palavras do papa, como se ele já não fosse o **pai** dos pobres, quando ele mesmo disse, de visita ao Brasil: "Pai nosso, o povo passa fome!" E disse a d. Hélder: "Irmão dos pobres, meu irmão!"

Diante dessas ondas que invadem o barco, vêm o medo e a vontade de gritar com os apóstolos: "Senhor, salva-nos, estamos perecendo!" (Mat 8,25) Mas o Evangelho abre nossos olhos e nos ajuda a não desanimar diante desses fatos negativos, distantes do Evangelho. Ele nos faz ver que no meio do povo há muitos sinais da presença de Jesus, escondido no barco: a leitura que o povo faz da Bíblia a partir da sua realidade e da sua fé; o projeto "Palavra-Vida" dos religiosos de toda a América Latina; o esforço de tantos cristãos em continuar dentro da Igreja, apesar dessas contrariedades; a luta de tanta gente pela justiça e por uma sociedade mais justa; a busca de novos caminhos neste assunto de "Mística e Política"; o apoio que os pobres recebem na sua luta de tantos irmãos de outros países; as declarações de diversos grupos de teólogos das Igrejas da Europa; a vontade decidida de nossas Comunidades de se manterem em comunhão com seus pastores; o apoio de tantos bispos, verdadeiros irmãos, que animam e orientam nossa fé e nos quais reconhecemos os traços de ternura e de bondade da Igreja que é **mãe** e de Deus que é **pai**.

Por tudo isso, continuamos firmes na fé e na busca do diálogo sincero com os nossos pastores. As ondas são grandes, os problemas são reais, mas não são capazes de derrotar a nossa confiança. No passado, os cristãos foram capazes de superar crises bem mais graves. Junto com Maria, a mãe de Jesus, invocamos a luz e a força do Espírito Santo, para que Ele nos oriente e anime, e para que, finalmente, a vitória seja do Espírito Santo." (Vitória do Espírito Santo 07.07.1989.)

AGEN 20/07/89

NEWTON CARLOS

ENTINA PODE REPETIR QUE BOLIVIANO

o de Janeiro (AGEN) - A marca do e de medidas econômicas da Ar- na é o "tarifaço". Os enormes ntos, de um só golpe, das tarifas erviços públicos, incluindo os for- entos de gasolina, óleo diesel . Até o último momento foi discu- se deviam ou não ser aumentos tivos. Ganharam os que afirma- que as medidas só funcionariam a aplicação de um choque prá va-

novo ministro da Economia, Mi- Roig, e seu secretário de Finanças uniram com o provável futuro pre- te da Bolívia, Sanchez de Louza- ara definir o tamanho do choque. ião às escondidas. Como ministro azenda boliviano, Louzada foi res- ável pelas medidas que pratica- e acabaram com a inflação na ia. Mas com altíssimo custo so-

odelo - Mais de 20 mil mineiros eram o emprego na Bolívia com a e desmontagem da principal em- estatal, a Corporación Minera iana. Sanches de Louzada disse ministro Roig, da Argentina, que reciso golpear de uma só vez e de iato. O conselho foi aceito e o ifaço" aplicado. Há informações ue o projeto é esvaziar o setor esta- rgentino de 300 mil empregados. ce que a América Latina vai acei- o esse tipo de modelo, como única a para a recomposição de Estados os.

las há um outro projeto, o de Car- Menem, novo presidente argentino, criar uma Argentina sem ódios. a Argentina, segundo Menem, que mais do que peronista e anti-pero- a, como tem sido há 45 anos. Mais que militarista e anti-militarista, o tem sido há 60 anos. Acontece o país empobreceu muito e hoje se um terço de sua população vive níveis de miséria ou perto deles.

olidariedade - São estatísticas que ovas autoridades citam a todo mo- to, para mostrar o tamanho da édia argentina. Esse tipo de ex- ão dificulta a pacificação desejada, o pode dificultar a aplicação do elo boliviano.

Por isso Menem sonha com uma ração solidariedade. Será o campo ação de seu populismo. Abonos sa- ais de emergência, distribuição de entos, de roupas, construção de as populares etc. Não se sabe se nas solidariedade, mesmo que co- ndada de palácio, conseguirá aca- com uma Argentina já quase divi- a entre marginais e não marginais. com um programa econômico que le gerar mais desemprego.

Igrejas

ENCONTRO DEBATEU RUMOS DA LIBERTAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Por Beltrina Corte

Duque de Caxias (AGEN) - A cidade de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, sediou semana passada o 7º Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base. Cerca de 2.500 pessoas reuniram-se sob o tema geral "Povo de Deus na América Latina, a caminho da Libertação".

Além dos 1.748 representantes de comunidades de todos os Estados brasileiros, estavam presentes delegações de vários países da América Latina, Europa e África. Os trabalhos de infra-estrutura estiveram a cargo de 800 pessoas, distribuídas em 36 equipes.

O Encontro foi presidido por um colégio de cinco bispos: d. Adriano Hipólito, d. Waldir Calheiros, d. Luis Fernandes, d. Vital Wilderink e d. Mauro Morelli, bispo de Caxias. Ao todo, eram 98 bispos católicos, do Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, Bélgica, México e Bwanda (África). Também participaram quatro bispos anglicanos e um metodista, cinco leigos, 36 pastores, sete pastoras de Igrejas evangélicas. A representação indígena no Encontro foi integrada por 25 pessoas.

Na noite da terça-feira, dia 11, houve debates na Catedral de Santo Antonio, sobre "A Igreja nas Grandes Cidades", "América Latina a Caminho da Libertação" e "Os cristãos na relação conflitiva do trabalho". Na quarta-feira, dia 12, a Diocese de Duque de Caxias celebrou o oitavo aniversário de instalação, com cerimônia da partilha, com cinco mil pessoas, na praça do Pacificador.

Ameaças - D. Mauro Morelli — bispo da diocese de Duque de Caxias, anfitriã do Encontro — recebeu inúmeras ameaças de morte nos dias anteriores, e que ele atribui às suas denúncias sobre a existência de grupos de extermínio de menores na Baixada Fluminense. Em entrevista ao "Jornal do Brasil", d. Mauro responsabilizou por essas ameaças ao diretor do Departamento de Polícia da Baixada Fluminense, Henrique Pinheiro Alves.

Durante o Encontro, d. Mauro enviou telegrama ao papa João Paulo 2º, destacando que os participantes "celebraram a força do Evangelho que anima e conduz o povo de Deus na América Latina, a caminho da libertação". D. Mauro terminou o telegrama saudando que, "em nome da minha Igreja, saúdo o bispo de Roma e pastor da Igreja Universal, na comunhão da fé e na obediência do Evangelho. Por meu intermédio, a grande assembléia cristã aqui reunida saúda-o na fraternidade de Cristo".

D. TOMÁS DESTACA A POESIA DAS COMUNIDADES

Duque de Caxias (AGEN) - "Parece que a cabeça e o coração deste 7º Encontro é rural apesar do evento estar se realizando na cidade", afirmou o bispo de Goiás Velho (GO), d. Tomás Balduíno.

O bispo definiu o evento como o encontro de gestos, pois o povo realiza tudo em forma de celebração, da poesia, que fortalece a caminhada cristã. Para o bispo, agora as CEBs — que sempre fizeram política — estão preocupadas com a política partidária. Elas querem ser políticas de forma acertada, entendendo as estruturas da esquerda e da direita. "Mas elas sempre atuarão com sabedoria". E explicou que em Goiás se está lançando uma cartilha política e uma carta pastoral, orientando a população para as eleições, pois "Collor seria a encarnação da cólera do povo".

D. Tomás: CEBs querem entender esquerda e direita (Foto: Fabio M. Sales)

Enquanto isso, o sociólogo Pedro Ribeiro disse que os problemas políticos não estavam no encontro. Estes passam pelos cardeais, citando a audiência de 20 minutos concedida pelo papa João Paulo 2º ao candidato Fernando Collor de Mello (PRN), que foi recebido como um verdadeiro chefe de Estado pelo Vaticano.

PARA BOFF, CEBs SÃO ESPAÇO POLÍTICO

Duque de Caxias (AGEN) - "Nossa política é alegre, celebrativa e feliz". Esta declaração foi feita por Clodovis Boff, no 2º dia de plenária, dia 12, do 7º Encontro Intereclesial de CEBs, quando o teólogo da libertação sintetizou as várias discussões realizadas ao redor do compromisso cristão na política.

A apenas 4 meses das eleições presidenciais, Boff lembrou que a questão partidária emergiu de maneira irreversível nas CEBs, pois estas entederam que para transformar a sociedade tinham que usar a ferramenta chamada partido. Conseqüentemente, surgiu uma nova frente, que Boff denominou Pastoral Político-Partidária.

Defendendo a Igreja como instituição, o teólogo afirmou que ela tem a responsabilidade de criar esta Pastoral, já que foi ela quem a gerou. Segundo ele, é justamente neste espaço que os cristãos adquirem a competência política para serem autônomos e independentes e, além disso, concretizar um partido que seja popular, transformador e democrático.

AGEN 20/07/89

JORNAL DO COMMERCIO
Recife — Domingo, 4 de setembro de 1988 — 15

CEBs realizam reunião nacional em julho no RJ

Da Reportagem Local

Com a presença de 1.500 militantes de todo o Brasil e de convidados latino-americanos, as comunidades eclesiais de base (CEBs) realizarão em julho próximo, em Duque de Caxias (RJ, a 18 km da capital), seu sétimo encontro nacional, também chamado de "intereclesial". O tema principal a ser discutido na reunião será "Povo de Deus na América Latina, a caminho da libertação".

Entre os participantes estarão os delegados das aproximadamente 180 mil CEBs brasileiras, além de bispos, pastores evangélicos, indígenas, africanos, padres e teólogos.

Os subtemas do encontro serão "A eclesialidade das CEBs sob o ângulo urbano, rural e ecumênico", "O rosto latino-americano da Igreja nos aspectos cultural, histórico e sócio-econômico" e "Igreja e libertação, no plano econômico, político e social".

Durante o encontro, haverá uma "celebração dos mártires", durante a qual serão lembrados os assassinatos do sindicalista e ecologista Chico Mendes (morto a tiros no Acre em dezembro último), do ex-deputado Paulo Fontelles e do deputado estadual João Carlos Batista, mortos no Pará, entre outros casos de violência fundiária.

Organizadas a partir dos anos sessenta, sob a influência do Concílio Vaticano 2º (realizado de 1962 a 1965), as CEBs foram oficialmente reconhecidas, na Igreja, pelo papa Paulo 6º.

Elas existem tanto nas cidades, quanto no meio rural e são dirigidas, majoritariamente, por mulheres.

Com base na tendência de centralização existente hoje na Igreja, as CEBs estão sendo pressionadas para se tornarem segmentos das estruturas paroquiais.

Os dirigentes das Comunidades Eclesiais de Base propõem, contudo, uma organização mais autônoma dentro da Igreja. Este será um dos temas mais debatidos no encontro.

FSP
20/02/89

23.02.89

Lieber Beda!

Schnell schicke ich Dir diese Kopien. Die Sache scheint doch schon etwas älter zu sein. Es Monate des Missvergnügen Zahlung vorläufig eingestellt haben soll. Kannst ja mal nachfragen. Und allen alles Gute und stets Gottes Segen

Dein Freund Hilo

JORNAL DO COMMERCIO
Recife — Domingo, 4 de setembro de 1988 — 15

O desmonte eclesiástico

Juracy Andrade

Profetas e burocratas não convivem bem, para dizer o mínimo. Basta abrir os livros dos profetas hebreus, como Isaías, Ezequiel, ou lembrar a vida e os ensinamentos dos profetas cristãos, como São Francisco, Léon Bloy; aqueles sempre em conflito com os reis de Israel e de Judá, estes mostrando que o cristianismo não é o que se chama de «civilização ocidental cristã». Este permanente e incontornável conflito revive no recente choque entre uma ala da hierarquia católica do Nordeste e agentes pastorais que vivem no meio do povo e longe dos palácios civis ou eclesiásticos. A burocracia pretendendo desmontar a profecia.

Enquanto o nosso ínclito presidente Ribamar Sarney quer desmontar rapidamente a máquina repassadora de recursos públicos federalmente arrecadados para Estados e municípios, Operação Desmonte similar ocorre na área eclesiástica católica.

Não se trata de arrecadação, embora desta trate também a administração vaticana, era para tapar os rombos do monsenhor Marcinkus no Banco do Vaticano era para «facilitar» a vida dos fiéis católicos impingindo-lhes mais um imposto o dízimo.

Trata-se do desmonte de tudo o que de positivo criou-se na Igreja Católica nos últimos 23 anos sob a inspiração do concílio Vaticano II. Do concílio para cá reinaram a Igreja os papas Roncalli (imperialmente coroado como João XXIII), Montini (idem, como Paulo VI), Luciani (João Paulo I) e o atual Wojtyla (João Paulo II). Albino Luciani morreu misteriosamente, um mês e dias após a sua investidura. Seus assessores foram afastados às pressas e silêncio perpétuo imposto lhes foi, em nome, de digamos Deus. A única entidade que podia apurar a causa da morte de Luciani o Stato della Città del Vaticano, até hoje não o fez.

ABERTURA CONCILIAR

Destes últimos papas, todos com exceção do atual procuraram pôr em prática as diretrizes do Vaticano II: liturgia mais simples e popular, maior comunicação com o povo de Deus (expressão bíblica), aproximação com cristãos dissidentes e com outras religiões preocupação com a solução dos problemas sócio-econômicos, etc. O papa Roncalli não teve muito tempo para saborear o resultado da sua obra (foi dele a decisão de convocar o concílio), mas Montini levou adiante o trabalho de renovação eclesial e Luciani prometia um susto nos cardeais muito maior do que o provocado por Roncalli!

No Brasil, na América Latina em geral foi imenso o entusiasmo dos católicos com a abertura conciliar e a renovação implantou-se por toda parte através de uma maior democratização das decisões (cuja expressão máxima foi o Sínodo dos Bispos hoje esvaziado por Wojtyla), maior participação dos não-clérigos (leigos) na Igreja, teorização de um instrumento teológico adequado à região (teologia da libertação) disseminação das comunidades eclesiais de base (um calo no dedo mindinho do pé da burocracia eclesiástica).

As lições de renovação que antes vinham da França, da Holanda, foram assimiladas e adaptadas a esta parte do mundo, além de aprovadas pela autoridade máxima da Igreja Católica, nos mini concílios de Medellin (1968) e de Puebla (1979); no segundo caso, com um pé atrás. Tensões não faltaram, dentro e fora da Igreja. Os governos da América Latina habituam-se acostumados a um apoio quase automático da Igreja a seus métodos autoritários e repressivos e chiaram com a excessiva «politização» pós-conciliar. Por outro lado com a posse do papa Wojtyla o próprio poder central da Igreja propôs-se refrear os entusiasmos conciliares e restaurar a «romanização» e o inquisitorialismo característicos da época anterior ao Vaticano II

Jornal do Commercio

4.09.88

O choque era inevitável e não pode ser resolvido por apelo a dogmas e direito canônico, pois os defensores do concílio e da renovação estão profundamente ancorados na tradição profético-carismática que vem desde o Antigo Testamento, na Bíblia e na tradição da Igreja. Então, a estratégia adotada pelos adeptos da tradição jurídico-burocrática foi a do desmonte das cúpulas da Igreja na América Latina — conselho, conferências episcopais — e a substituição de bispos profético-conciliares por bispos alinhados com a burocracia vaticana. Uma concepção de poder, de mando, de majestade só poderia tomar esse caminho.

PROFETA x BUROCRATA

Estas reflexões situam o recente choque ocorrido entre agentes pastorais da CNBB—NE—II (segunda regional do Nordeste da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e a hierarquia mais conservadora à frente o arcebispo de Olinda e Recife, que não é o primeiro nem será o último embate entre duas visões tão antagônicas como a do profeta e a do burocrata.

Desde o começo do pontificado de Karol Wojtyla, a escolha de novos bispos para a América Latina tem sido usada, pela burocracia vaticana, para colocar sobretudo em dioceses expressivas pessoas afinadas com a recentralização com a visão, geralmente míope, da Cúria Romana com o culto à personalidade do papa, com uma opção pelos velhos métodos césaro-papistas (Igreja e governo unidos, principalmente quando se trata de repressão), com o utópico desmonte das comunidades eclesiais de base e da teologia da libertação.

É assim que foram recentemente nomeados para Brasília e Salvador duas das mais reacionárias (e claro jurídico-burocráticas) figuras do clero católico brasileiro. O arcebispo José Falcão foi catapultado de Teresina para Brasília, onde serve como uma espécie de capelão da corte (Ribamar Sarney conta com ele para cooptar o que acha que é a Igreja). O arcebispo Lucas Neves saiu diretamente das forças do Vaticano para a Bahia. Fiel servidor do «aparatchik» curial ele é também conhecido pelo seu duvidoso comportamento quando irmãos seus da ordem dominicana foram presos e torturados pela ditadura.

Dentro dessa estratégia está também a tentativa de desmonte da arquidiocese paulistana através de desmembramento. A Cúria Romana não pode tolerar neste novo tempo de retrocesso um bispo como o cardial Arns, que ousa defender seu irmão franciscano Leonardo Boff das mordidas da Nova Inquisição. E ainda a transferência do bispo Luciano Mendes de Almeida, de São Paulo para a obscura Mariana.

ATOS DOS APÓSTOLOS

No caso do Recife, o Vaticano rejeitou todos os candidatos apresentados pelas diversas instâncias canônicas, para substituir o arcebispo renunciante. Foram propostas pessoas familiarizadas com a vida da arquidiocese como os bispos Lamartine Soares e Marcelo Carvalheira ou mesmo Luciano Mendes de Almeida, da cúpula da CNBB e afinado com as opções da Igreja nordestina.

Mas o Vaticano já havia mandado a Paracatu (no «Grande Sertão» da «neblina» Diadorim, que gostava de silêncios, conforme nos contou Guimarães Rosa) o bispo José Cardoso, preparando-o para voos mais altos pois já estava ciente da renúncia de Hélder Câmara. O arcebispo José Cardoso parece ser um santo homem fiel a Cristo e à Igreja (embora confunda Igreja com Vaticano), pessoa afável e cordial. Mas, conquanto seja pernambucano de Caruaru, passou tantos anos em Roma que amoldou-se à ótica burocrático-curial. Seus dois auxiliares escolhidos pela Cúria Romana também quase nada têm a ver com a sofrida Igreja encarnada nestas paragens.

Fiel à sua ótica vaticana, o arcebispo José Cardoso age, desde o início da sua missão, no sentido jurídico-burocrático-curial e, agora, pretende iniciar um desmonte eclesiástico, partindo da estrutura da arquidiocese para a da CNBB-NE-II.

O episódio da destituição do padre Hermínio Canova e dos agentes pastorais leigos Ângelo Zauré, Lunivaldo Marques e Flávio Andrade Lira dos cargos que exerciam por delegação comunitária, seguida de várias outras demissões mostra bem o caráter fechado e autoritário do novo modelo de igreja que se quer impor no Recife, tão longe do modelo de Igreja pós-conciliar, das assembléias das deliberações em comum, dos cargos para servir e não para mandar de tudo aquilo enfim que caracterizava a vida eclesial no Recife e no Brasil em geral.

Jornal do commercio

04.09.88

O padre foi acusado de corrupção e o arcebispo num estilo emprestado de Toninho Malvadeza, afirmou que tem um dossiê contra ele. Todo o posicionamento do arcebispo, nítido em suas declarações à imprensa, é jurídico burocrático, «ex auctoritate» em nada lembrando o relacionamento entre São Pedro, São Paulo e os demais apóstolos e discípulos de Cristo tão bem narrado por São Lucas nos «Atos dos Apóstolos»; quando não havia direito canônico, nem Estado do Vaticano, nem Cúria Romana. Havia colegialidade co-responsabilidade.

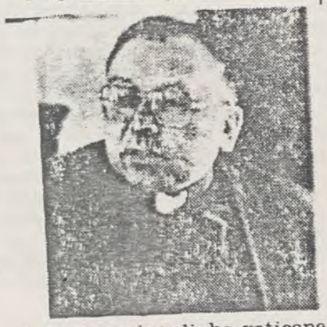
O PAPA E O CONCILIO

O documento dos destituídos, ao contrário é vazado em termos profético-carismáticos, como neste trecho: «Durante 20 anos, esforçamo-nos penosamente por levar à prática as mudanças promovidas pelo concílio Vaticano II. Guiou-nos o carisma profético de dom Hélder Câmara, então arcebispo de Olinda e Recife. Os marcos por ele fincados foram sendo consolidados pelos que lhe sucederam no ofício de presidente da regional da CNBB-NE-II: o arcebispo da Paraíba, dom José Maria Pires e o bispo auxiliar da Igreja de Natal, dom Antônio Soares Costa. Foi um período de luta e de testemunho. Enfrentamos a repressão sob a ditadura militar. Lutamos contra o autoritarismo e a arbitrariedade de um Estado que a todos se sobrepunha como única instância de decisão. Nossa Igreja pagou muito caro. Nossos bispos foram perseguidos, caluniados ameaçados até de morte. Muitos de nossos irmãos provaram as cadeias do cárcere, foram submetidos a torturas e alguns tiveram de enfrentar a morte.

A supercentralização romana e a burocracia vaticana são episódicas na Igreja e se prendem a uma exacerbação do conceito de autoridade, que nada tem a ver com o cristianismo. A partir da Contra-Reforma e do concílio de Trento, concentrou-se na pessoa do papa todo o ministério e o poder espiritual que o Cristo confiara aos apóstolos, ao colégio dos bispos, à Igreja como um todo; processo que teve sua coroação no concílio Vaticano I (1870), convocado para definir a infalibilidade do papa e muito bem descrito por Doellinger, sob o pseudônimo de Janus, em seu livro «O papa e o concílio», traduzido e prefaciado no Brasil por Rui Barbosa.

Como os católicos e cristãos em geral aprenderam ou reaprenderam, a ler a Bíblia e a beber na mais antiga tradição cristã, o que pode acontecer com esse atentativa de desmonte é os partidários da jurídico-burocracia ficarem falando sozinhos enquanto a Igreja profético-carismática continua o seu caminho.

Imaginemos que Hitler, qual novo Nero, houvesse incendiado Roma, como pretendeu incendiar Paris e torrado o Vaticano, com todos os seus cardeais e arquivos. Isto seria por acaso o fim da Igreja e do cristianismo?



Dom José: a linha vaticana

Papa: pé atrás no Vaticano

JORNAL DO BRASIL
Data: 03/03/89
Caderno 1º Pág. 11

Uma leitura da Palavra de Deus

Dom José Freire Falcão

Quando lemos certos textos, amplamente divulgados, de pastoral bíblica, temos a impressão de que a Palavra de Deus já não é interpretada à luz da tradição e do magistério da Igreja, mas da inspiração momentânea do povo. E é lida, quase que exclusivamente, com a finalidade de promover mudanças sócio-político-econômicas e não de transformar o coração do homem pelo poder de Deus.

Mas, o critério que distingue a leitura católica da sagrada Escritura é a tradição e o magistério da Igreja, segundo o ensinamento da Constituição dogmática *Dei Verbum*.

A interpretação da Escritura, que toma por chave hermenêutica fundamental a realidade econômica e conflitiva do povo de Deus de outrora e de hoje, além de ser ideológica é arbitrária e redutiva.

É arbitrária porque cada pessoa e cada grupo entendem a Palavra Revelada segundo suas preocupações do momento, seu nível de instrução, sua posição social e, até mesmo, a visão do agente de pastoral. É redutiva porque só enxerga na Escritura uma história de conflitos e uma resposta a problemas materiais. É ideológica não só pelo instrumental de interpretação utilizado como pelo emprego da Escritura para a instauração de um determinado modelo de sociedade julgado justo e fraterno.

A leitura da Bíblia, no entanto, deve ter por centro e por ponto de referência constante, não a realidade concreta de um povo, mas o mistério pascal: a morte e ressurreição de Cristo. A redenção operada por Jesus Cristo é não só o centro da história da salvação como a chave de leitura da Escritura sagrada.

Quando se toma por referencial da interpretação da Bíblia a realidade material e um determinado projeto político e não o fato pascal, chega-se ao absurdo de afirmar que "o *fato fundante* da Bíblia é a luta do povo de Israel para se libertar da escravidão" e não a iniciativa de Deus ao revelar-se a um povo e ao fazer dele o seu povo.

Conseqüentemente, se lê o Novo Testamento à luz do Antigo, dando-se preferência à situação do povo hebreu oprimido no Egito e libertado por Deus. Cristo já não é o acontecimento central e definitivo da História, mas, sim, as libertações históricas limitadas, com todas as suas ambigüidades.

É característica desta visão deformada e deformante da Escritura esta afirmação corrente: "É esta a maior certeza que nos comunica a Bíblia: Deus escuta o clamor de seu povo oprimido. Está presente na vida e na história deste povo e o ajuda em sua libertação." Deus e seu Filho Jesus Cristo já não são o centro da história da salvação, mas o povo-oprimido. Não é este que se volta para Deus e suplica-lhe o perdão de suas faltas, mas é Deus que se debruça sobre o povo para ajudá-lo em sua libertação político-social. A visão católica teocêntrica e cristocêntrica cede lugar ao povocentrismo.

E este povo não é primeiramente o povo de Deus, sedento de sua Palavra, necessitado da redenção de seu Filho e de sua graça. Mas o povo sociológico, cuja consciência fundamental não é a do pecado pessoal, mas do pecado das estruturas sociais.

Esta interpretação da sagrada Escritura se distancia da própria consciência que Israel tinha de suas infidelidades e da fidelidade permanente de Deus para com ele. Um povo que sabia que a sua libertação não terminara no Êxodo, mas no Sinai, com a entrega por Deus de seus mandamentos e a aliança celebrada com o seu povo. Aqui é muito clara a dimensão teológica da salvação e da libertação.

As conseqüências dessa re-leitura da Escritura são desastrosas para o Povo de Deus, mas especialmente para o ministério sacerdotal e a vida religiosa. Seu fruto é o esvaziamento espiritual dos religiosos, o arrefecimento apostólico dos sacerdotes e o desvirtuamento da missão da Igreja.

Pois, não é missão primordial da Igreja a construção de uma nova sociedade, mas a manifestação do designio salvífico do Pai, que "com sua bondade e sabedoria, quis revelar-se a si mesmo e manifestar o mistério de sua vontade: por Cristo, a Palavra feita carne, e no Espírito Santo, podem os homens chegar até o Pai e participar da natureza divina" (Constituição conciliar *Dei Verbum*, 2).

É um grave equívoco julgar que a Igreja presta um valioso serviço ao nosso povo, quando se procura lançar seus sacerdotes e seus religiosos e religiosas na tarefa de edificação da cidade terrena. Pois, deixam de dar o testemunho espiritual que deles se espera. E sua palavra e sua atuação apostólica perdem a força e o poder de convicção.

Ademais, a Igreja se omite na educação da fé dos cristãos, indispensável para que eles assumam à luz do Evangelho as tarefas temporais. E quando a voz da hierarquia se levanta legitimamente para urgir a justiça social e o respeito aos direitos humanos não encontra eco. Porque seus padres e religiosos deixaram de ser formadores de cristãos para serem líderes políticos e sindicais, incapazes de transmitir a seus irmãos a experiência pessoal de Deus, que eles necessitam para sua presença cristã no mundo.

Dom José Freire Falcão, cardeal-arcebispo de Brasília, é membro do Secretariado Romano para a União dos Cristãos

Arquidiocese do Rio dá abrigo a testemunhas ameaçadas de morte

Da Sucursal do Rio

Entre janeiro e março deste ano o secretário de Polícia Civil do Rio, Hélio Saboya, já precisou recorrer três vezes ao cardeal Eugênio Salles para que a Arquidiocese guardasse testemunhas de crimes ameaçadas de morte por seus próprios policiais. Saboya disse que mantém com a Arquidiocese um "convênio informal" para estes casos e que, somente no ano passado, enviou dez pessoas sob risco de vida para a Arquidiocese, cujos nomes apenas ele e outros dois funcionários da Secretaria têm conhecimento. Os locais onde as pessoas são guardadas são do conhecimento apenas da Arquidiocese.

São os "subterrâneos da liberdade", na gíria dos perseguidos. Abrigam, hoje, além de uma família de quatro pessoas enviada por Saboya, 80 refugiados políticos, 40 dos quais fugidos do regime de Pinochet, no Chile. O restante dos refugiados, é composto de iranianos, angolanos, paraguaios e até dissidentes políticos do Sri-Lanka, no extremo Sul da Índia.

Segundo d. Eugênio Salles, a estrutura que dá assistência a esse grupo "tem de ser mantida em sigilo", justamente porque as pessoas correm risco de vida: "Nós aqui não citamos nomes e endereços".

O contato do secretário de Polícia Civil, Hélio Saboya, é com o advogado de d. Eugênio, Antonio Passos. "Faço a triagem dos casos e, em regra prefiro não saber para onde as pessoas são mandadas. A Polícia recorre à Igreja, porque não tem verba nem locais apropriados para garantir a vida dessas pessoas que estão sob ameaça", afirmou Saboya.

O coordenador da Fundação Cáritas, Cândido Feliciano da Ponte Neto, 40, é o encarregado de lidar com os refugiados. Ele fala que desde 1971 recebe refugiados políticos. "Nos anos 70, durante a pior fase do regime militar argentino, um dos endereços mais conhecidos nas prisões portenhas era o da casa de dom Eugênio na rua da Glória 446 (zona Sul)", disse Cândido Neto. Nesta época o Brasil também vivia sob regime militar. Mas a Arquidiocese não era importunada.

Banco de Dados

D. Eugênio Salles, segundo Saboya, tem um "convênio informal" com a polícia

Em 1981, Cândido Neto participou pessoalmente de uma operação de resgate de um guerrilheiro argentino, que entrou clandestinamente no Brasil e era procurado pela Interpol. Ele furou o cerco da Interpol, usando seu próprio carro para trazer o argentino até a casa de dom Eugênio e, no dia seguinte, fez com que deixasse o Brasil.

Os chilenos Gabriel Canihuante, jornalista, 35, e José Valentim Palácios Vilches, metalúrgico, 30, são dois dos refugiados que foram ajudados pela Arquidiocese e hoje já conseguem estudar e trabalhar livremente. Canihuante deixou o Chile depois de cumprir dois anos de prisão por pertencer ao Movimento de Izquierda Revolucionária (MIR). Conseguiu, através da Arquidiocese, uma bolsa de estudos para cursar jornalismo na PUC-RJ e trabalha atualmente na agência de notícias IPS.

O operário metalúrgico José Palácios foi dirigente sindical e membro do Partido Comunista Chileno (PCC). Em abril de 1987 veio para o Brasil com visto de turista, depois que seu irmão foi preso por militares. Nessa época recebeu ameaças da Ação Chilena Anticomunista (ACHA). Casado atualmente com a professora Maria Helena Moreira Alves, 40, irmã do ex-deputado Márcio Moreira Alves, Palácios está fazendo um curso na Riotur para poder trabalhar como guia turístico no Rio. Ele deixou três filhos no Chile. "Sinto saudades, mas tenho muito medo de voltar ao meu país", disse.

D. Eugênio de Araujo Salles é considerado um conservador pela comunidade católica. No ano passado ele discordou do encaminhamento dado à Campanha da Fraternidade, que enfocou a questão do negro no Brasil, e promovou uma campanha com slogan próprio. O arcebispo discordou da autocrítica feita pela Igreja quanto à legitimização da escravatura no Brasil e preferiu enfatizar, em sua campanha, a tese da integração racial.

FSP
27/03/89

JORNAL DO BRASIL
Data 27/03/89
Caderno 1º Pág

Indifolha

Editoria de Arte

Fonte: Companhia do Metropolitano de São Paulo-Metro

FSP
26/03/89

D. Eugênio celebrou a missa da Páscoa na Igreja de N.S. de Copacabana

'Igreja não é democracia'

Dom Eugênio diz que autoridade vem de Deus, não das bases

"A Igreja católica não é uma democracia", disse, com todas as letras, o cardeal Eugênio Sales após a missa de Páscoa que celebrou, ontem de manhã, na igreja de Nossa Senhora de Copacabana. Já durante a celebração, pregando para os mais de mil fiéis que lotavam o templo, o prelado afirmara que "a autoridade que governa a Igreja vem de Deus e não das bases".

A TV Educativa transmitiu a cerimônia, inaugurando o novo programa que irá ao ar aos domingos às 9h, para todo o país, com o nome de *A santa missa*. As luzes e os equipamentos e a presença dos jornalistas causaram estranheza à empregada doméstica Raimunda Lopes Rodrigues, 36 anos, do Ceará, e que trabalha há um ano em Copacabana: "Estão filmando? Tirando o retrato?", quis saber.

Raimunda era uma das pessoas que aproveitaram o espaço da Capela do Santíssimo, separada da matriz só por uma porta movediça e que ontem foi aberta para permitir a entrada das pessoas que de outra forma teriam de ficar do lado de fora. Ela como tantos outros fiéis, que ocuparam corredores e parte do saguão, ficou de pé o tempo todo.

Não houve empurra-empurra nem atropelos e ninguém arredou pé antes que o cardeal deixasse o altar. Dom Eugênio saiu pelo centro da igreja, abençoando os fiéis que se comprimiam no corredor para vê-lo mais de perto. Levava na mão esquerda o báculo e na cabeça a mitra (espécie de chapéu alto com duas pontas) — símbolos da autoridade máxima, que os papas, bispos e abades começaram a usar na alta Idade Média.

O cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro defendeu o princípio de autoridade divina na Igreja Católica afirmando que esta "está fundada na Ressurreição e nos ensinamentos de Jesus Cristo". E, partindo do princípio de que "a verdade cristã está fundada na rocha", defendeu também a tese de que "só pertence à Igreja aquele que aceita seus ensinamentos", esclarecendo que estes são os mesmos de Jesus Cristo.

Procurado pelos jornalistas na sacristia, depois da celebração, o cardeal voltou a dizer que, por ter sido fundada por Jesus Cristo, "a Igreja não nasce das bases" e que, mesmo "dentro do Povo de Deus, existe uma hierarquia", e é aí que assenta o princípio de autoridade. Dom Eugênio fez, contudo, uma distinção entre o poder temporal e o espiritual: "Os homens que governam o mundo governam para dominar, mas os que governam a Igreja o fazem para servir, procurando sempre o que é melhor para as bases".

Five Brazilian bishops condemn government policy

Cite problems with economy, labor issues

By KEN SERBIN
Special to the National Catholic Reporter
Volta Redonda, Brazil

STANDING WITHIN SIGHT of the steel factory where soldiers killed three workers and injured dozens days before, five bishops celebrated Mass before a rain-drenched but emotion-filled crowd of 15,000 and denounced the Brazilian government's labor and economic policies.

The Mass took place in the diocese of Bishop Waldir Calheiros Novaes, who helped mediate among the military and company and union officials the safe exit of about 8,000 workers who had occupied the government's National Steel Co. and resisted about 2,000 troops who attacked with tear gas, smoke bombs and live ammunition Nov. 9. The striking workers, totaling 35,000, were demanding salary increases canceled by the government and also the six-hour shift mandated under Brazil's new constitution.

The day after the violence, Novaes presided over the burial of one of the victims after a march to the cemetery by 30,000 mourners and protesters. Novaes canceled all Sunday Masses and later convoked the afternoon outdoor Mass, at which worshipers waved black flags and religious and political posters.

In front of the bishop stood a large cross on which hung the shirt and pants of one of the dead workers. Worshipers also chanted, "Lord have mercy," as one of the celebrants held up a bullet, a tear-gas bomb and a billy club, and asked for forgiveness for those who used them against the workers. Statements of support for the steelworkers were read from the bishops of São Paulo and other prelates and religious organizations from across Brazil.

When Bishop Mauro Morelli suggested during his sermon that Brazilian President Jose Sarney resign, the crowd broke into wild applause and cheered, "Down with Sarney!"

> ***When Bishop Morelli suggested that Brazilian President Jose Sarney resign, the crowd broke into wild applause and cheered...***

"We will not permit hate to destroy us. That is what they want," Morelli declared, referring to Brazil's leaders. "Our people, honorable generals of the republic, is not a riotous people."

The clash at the steel factory focused the nation's attention on Volta Redonda and further agitated the already hot political climate just days before nation-

wide municipal elections. In addition to the steelworkers, an estimated 800,000 public employees have struck in recent weeks.

After the battle at the factory, which is one of Latin America's largest factories, responsible for 20 percent of Brazil's steel production, more than 40,000 workers of the state-owned oil company walked off the job, threatening to paralyze the country within days by leaving it without fuel. One strike left thousands without gas for cooking, and striking electric company workers have warned that blackouts could occur.

"The army entered the factory throwing bombs and shooting," said Novaes in an interview with *NCR*. "They immediately killed three workers. The only defense the workers had was their tools. The authorities want to justify the violence by saying that the workers started it. This is not true because not one soldier was wounded.

"The workers liked the factory," said Novaes about fears that the workers intended to destroy the factory.

"What they don't like is to lose the bread that they earned to the payment of the foreign debt," he added in reference to the affirmation of many Brazilians that the country's record-high inflation is caused by efforts to meet debt payments. The inflation, in turn, has brought on the wave of strikes and violence, including several confrontations between demonstrators and military police.

Late last month, the national conference of Brazilian bishops issued a statement calling for national cooperation in solving the country's worst economic crisis in the post-World War II era. "We are not asking anybody to overturn the tables. We are asking that everybody sit down at the table disposed to make sacrifices," the bishops said.

The bishops' plea, however, has gone unheeded. The violence at Volta Redonda "is very bad for the armed forces," Novaes said. "Could it be that they want a tragedy in order to take power again? The extreme right of the government would like an intervention."

Sarney

Vagner Barcelos de Souza, a former seminarian and now a union leader, said, "In this strike the participation of the bishop was very important because he put himself on the side of life. And there has also been concrete support from the (basic ecclesial) communities." ■

CORREIO DA LAVOURA
Data 10 / 03 / 89
Caderno 1º Pag 03

Nossa Diocese

D. ADRIANO - BISPO DIOCESANO

VII Encontro Nacional das CEBs

De 07 a 14 de julho deste ano realiza-se o VII Encontro Nacional das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Em Duque de Caxias, Em nossa Baixada Fluminense. Será o maior acontecimento do ano em nossas dioceses. E certamente um dos maiores da Igreja Católica no Brasil.

São esperadas representações da maioria das dioceses brasileiras. Também representantes de muitos outros países, de modo particular da América Latina.

Que pretende o VII Encontro? que pretendem os seus muitos participantes?

Já foi dito que a Comunidade Eclesial de Base é a "nova forma de ser Igreja". No estrangeiro olham-se as Comunidades Eclesiais de Base como sinal de esperança para a Igreja do mundo inteiro. Delas esperam impulsos, exemplos, modelos que venham dinamizar e animar certas Igrejas particulares que são consideradas ou se consideram demasiadamente petrificadas, burocratizadas, anêmicas. Da América Latina, de modo particular do Brasil partiriam os impulsos para dinamizá-las e enriquecê-las.

Para nossas dioceses o contato com experiências de outras regiões de nossa Pátria, com experiências eclesiais de uma Igreja necessariamente diversificada, conforme as diversas condições do nosso Povo será certamente um encontro fecundo, marcado de afeto familiar e marcado também de esperança. Dos vários pontos de nosso país acorrem à nossa Baixada, tão querida e tão sofrida, uns dois mil irmãos e irmãs, a grande maioria leigos, também muitos bispos, padres, agentes de Pastoral, para um contato fraterno e rico de experiências que será útil para todos.

A Diocese de Duque de Caxias assumiu o VII Encontro das CEBs. E com isto assumiu grande responsabilidade. Não será fácil organizar uma assembléia nacional de tantos participantes. As despesas serão elevadas. A hospedagem de tantos irmãos e irmãs espera nosso espírito de fraternidade e de colaboração.

Em espírito de Fé, o irmão bispo de Duque de Caxias e São João de Meriti (como lhe gosta de apresentar-se), Dom Mauro Morelli vai enfrentando corajosamente todas as dificuldades, vai despertando entusiasmo na sua diocese e fora dela, vai criando as condições de organizar com fruto o VII Encontro.

Pela vivência comum da Baixada Fluminense, pela vizinhança geográfica e pastoral, Diocese de Nova Iguaçu vai dar múltipla colaboração.

Nossas casas de formação abrem-se para hospedar aqueles que a Comissão Organizadora do VII Encontro nos encaminhar. O Centro de Formação de Líderes, a Casa de Oração Frei Jordão Mai, o Seminário Diocesano Paulo VI e, se estiverem concluídos os trabalhos de restauração, o Nosso Lar foram postos à disposição. São convidadas também famílias de nossa diocese para acolherem, como irmãos, os representantes de outras dioceses. Haverá lugar para bispos estrangeiros. A comida para cerca de duas mil pessoas ficou a cargo de nossa diocese, com a ajuda financeira de irmãos nossos da Alemanha.

A organização do VII Encontro teve, naturalmente de limitar o número dos participantes. Oficialmente cada diocese só pode enviar oito pessoas: seis leigos, uma religiosa e um padre. É pena que seja tão pequena a representação das dioceses. Mas como poderia ser de outra maneira?

Como se trata de um acontecimento de Igreja, de um acontecimento de Fé, temos de rezar muito e de fazer sacrifícios pelo bom resultado do VII Encontro Nacional das Comunidades Eclesiais de Base, em Duque de Caxias.

Mosaico

- No que diz respeito aos meios de comunicação social (MCS) nossa diocese oferece alguma coisa.

- Temos nosso semanário litúrgico **A Folha**, desde 11 de junho de 1972, quando saiu o primeiro número, de uma tiragem pequena. Nos primeiros números fez-se modesta tentativa de **A Folha Diocesana** (assim foi chamada até o n.º 2, daí em diante ficou somente **A Folha**) ser órgão noticioso.

- Assim se manteve mais ou menos até o fim do ano de 72. Em janeiro de 73 **A Folha** vai assumindo o papel de semanário litúrgico de formação cristã e pastoral. E torna-se o que tem sido até hoje.

- Com seus quaretna e poucos mil exemplares **A Folha** tem exercido com fidelidade a sua missão. A metade da edição fica na diocese onde a grande maioria das paróquias aceita nosso jornal. A outra metade é distribuida em outras dioceses.

- **A Folha** tem seu lugar cativo, não podemos dispensá-la. Com as maiores dificuldades financeiras procuramos mantê-la, já agora com a cooperação da Editora Vozes, de Petrópolis, que a administra. A redação continua em Nova Iguaçu.

- **A diocese tem ainda um Boletim Diocesano**, de circulação interna, com tiragem reduzida. Apenas quatrocentos exemplares. É como um veículo oficial da cúria diocesana.

- Desde o princípio sentimos a falta de um órgão de comunicação e partilha que faça a diocese mais próxima do Povo, que aproxime as diversas paróquias e comunidades.

- Se perguntamos em certas comunidades o que é o Seminário, se já visitou o Seminário Diocesano Paulo VI — a resposta muitas vezes é negativa. E no entanto o Seminário tem uma importância fundamental para a diocese.

- Se é que a maioria das comunidades sabe sobre o Conselho Presbiteral, sobre o Conselho Pastoral, sobre as linhas pastorais da diocese? Nada, ou quaes nada. Falta a comunicação interna.

- A Campanha da Fraternidade com seu tema: "Comunicação e Fraternidade", com seu lema "Comunicação para a Verdade e a Paz" veio esclarecer e despertar nossas comunidades para o problema da comunicação interna.

- A tentativa do tablóide **"Caminhando"** que saiu durante alguns meses e desde dezembro silenciou, será retomada com bases mais sólidas. **"Caminhando"** será o órgão de comunicação das comunidades para as comunidades, das comunidades para o bispo, do bispo para as comunidades, da diocese para toda a Baixada.

- O bom sucesso de **"Caminhando"** dependerá de todos nós, de nosso senso de Igreja, de nossa convicção sobre a importância dos mídia para a construção da Verdade, e da Paz em nossa diocese. Se estivermos acordados para o valor dos meios de comunicação social, como a Campanha da Fraternidade apresentou, **"Caminhando"** será iniciativa vitoriosa. A experiência anterior nos dá esperança.

JORNAL DO BRASIL
Data: 16/03/89
Caderno 1º Pág.

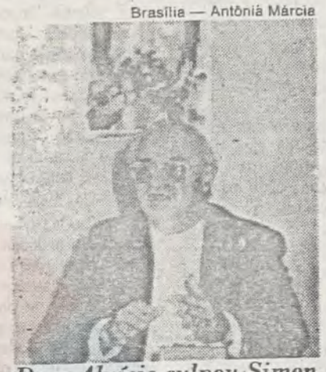
Sarney promete à CNBB retomar reforma agrária e critica UDR

BRASÍLIA — O presidente José Sarney fez críticas à União Democrática Ruralista (UDR) ao ouvir ontem, do presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Dom Luciano Mendes de Almeida, um relato sobre as torturas praticadas por grupos armados da entidade contra lavradores do Rio Grande do Sul e da Bahia. "Eu nunca os recebi em audiência, nunca vieram ao Planalto", disse Sarney. Os dirigentes da CNBB pediram ao presidente a retomada dos projetos de assentamento do plano de reforma agrária e a nomeação de um interlocutor do governo para esta área.

Dom Luciano Mendes de Almeida e Dom Celso Queiroz, secretário-geral da CNBB, entregaram ao presidente José Sarney, durante audiência no Palácio do Planalto, um dossiê sobre os conflitos agrários, fazendo ainda um relatório verbal sobre a violência instalada no dia 11 passado na Fazenda Santa Elmira, em Salto do Jacuí (a 290 quilômetros de Porto Alegre), e na região de Itamaraju, na Bahia. De Salvador, o secretário de governo, Carlos Meirelles, enviou ofício à CNBB informando que os oito lavradores detidos já foram liberados e será instaurado inquérito para apurar a prática de tortura.

A CNBB recebeu telex de doze bispos do Rio Grande do Sul informando que o "clima é de medo, tensão e revolta; 1.500 colonos e 600 crianças estão acampados em dois hectares, numa situação pior do que campo de concentração". Ainda há 22 detidos, no município vizinho de Sobradinho. Ali, segundo revelou Dom Celso Queiroz ao presidente José Sarney, grupos armados da UDR fizeram churrasco, sentaram lavradores em cima de formigueiros e jogaram gás lacrimogêneo de aviões. "Com requintes medievais" — acrescentou o bispo, citando ainda a encenação de atos religiosos com material deixado na área pelos padres.

Brasília — Antônia Márcia



Dom Aluísio culpou Simon

"A fusão do Ministério da Reforma e Desenvolvimento Agrário com o da Agricultura ofuscou a prioridade à reforma agrária", disse Dom Luciano ao presidente. Os bispos informaram ter ouvido do presidente explicações sobre a fusão e suas intenções, com a reafirmação do propósito de apressar a execução dos projetos de assentamento. Dentro de dois dias Sarney deverá nomear o secretário de Reforma Agrária do Ministério da Agricultura, marcando ainda uma reunião, hoje, com o ministro da Justiça, Oscar Dias Corrêa, para encaminhar providências contra os atos violentos.

Promessa — O bispo de Santa Cruz do Sul (RS), Dom Aluísio Sinésio Bohn, falando em nome de 12 bispos do Rio Grande do Sul, afirmou ontem que o confronto ocorrido no último dia 11 entre a Brigada Militar e as 500 famílias sem-terra, que invadiram a Fazenda Santa Elmira, poderia ter sido evitado se o governador do estado, Pedro Simon, tivesse cumprido sua promessa de enviar um helicóptero para conduzir o bispo de Cruz Alta, Dom Jacó Hilgert, ao local. Segundo Dom Aluísio Bohn, a presença do bispo Jacó Hilgert acalmaria os ânimos e evitaria a tragédia.

"O governador Simon tinha pouca autoridade sobre a voz das armas", disse Dom Aluísio, em entrevista coletiva, ontem, na sede da CNBB.

De acordo com seu relato, às 11h do dia 11, dia do conflito, o governador gaúcho Pedro Simon telefonou de Porto Alegre para Dom Jacó Hilgert, prometendo, como sinal de boa vontade, enviar um helicóptero da Brigada Militar para levá-lo ao local do conflito. Embora apenas 50 quilômetros separem a cidade de Cruz Alta da Fazenda Santa Elmira, o bispo ficou das 11h às 15h esperando o prometido helicóptero.

Às 15h, ainda segundo Dom Aluísio, o bispo de Cruz Alta, irritado com a demora, telefonou para o governador Simon cobrando a promessa e alertando para a iminência de uma tragédia. "Já vou mandar", teria respondido o governador. Ocorre que, naquele exato momento, dois aviões emprestados por fazendeiros da região já sobrevoavam os acampamentos jogando bombas de gás lacrimogêneo e iniciando o "massacre".

Força — "O assalto em Salto do Jacuí foi uma evidente vontade política, uma demonstração de força para servir de lição aos trabalhadores sem-terra", interpretou Dom Aluísio, que acredita que o governador Pedro Simon teve um "desencontro" com seus subordinados.

"O governador foi pouco eficaz depois que o conflito foi deflagrado, porque quando os pelotões partem com suas armas vão até o fim", disse Dom Aluísio Bohn. Segundo ele, "é um erro muito grave tratar conflitos sociais como caso de polícia". O bispo acredita, ainda, que os maiores responsáveis pelo aumento dos conflitos no campo estão em Brasília. "Os constituintes e sua Constituição não estiveram à altura da massa dos trabalhadores sem-terra", disse.

JORNAL DO BRASIL
Data 15/03/89
Caderno 1º Pág. 04

Bispos prometem pressão moral

CRUZ ALTA, RS — Além de exercerem uma "pressão moral" junto ao governo gaúcho no sentido de solucionar o problema dos sem-terra no estado, os bispos gaúchos decidiram ontem que em todas as celebrações litúrgicas da Semana Santa será inserido "o contexto de sofrimento do povo rural e do povo urbano".

Essas foram duas das sete principais decisões dos 12 bispos, de 14 dioceses gaúchas, reunidos ontem em Cruz Alta, a 320 quilômetros da capital, em relação aos incidentes ocorridos, no sábado passado, na retirada dos sem-terra que invadiram a Fazenda Santa Elmira, em Salto do Jacuí. Os bispos vão apelar ao juiz de Sobradinho, Horácio Costa de Souza, para que os 22 líderes dos colonos — detidos no presídio local — respondam ao inquérito policial em liberdade.

Na reunião convocada pelo presidente da Regional 3 da CNBB, D. Ivo Lorscheiter, ficou decidida ainda a realização de uma campanha de assinaturas para emendas populares à Constituinte estadual, uma das quais trata da política agrícola e da reforma agrária. Esse abaixo-assinado circulará em Porto Alegre, no dia 5 de abril, e será entregue aos deputados estaduais no dia 8.

Na audiência que pretendem ter com o governador do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, a ser solicitada por D. Ivo e pelo bispo de Cruz Alta, D. Jacó Hilgert, os bispos pretendem pedir que o Funterra (um fundo estadual para a compra de terras visando ao reassentamento de colonos) funcione com mais rapidez. Também pretendem apelar para as instâncias federais na aplicação da reforma agrária. Neste sentido, os bispos gaúchos contam, desde ontem, com o apoio do presidente da CNBB, D. Luciano Mendes de Almeida, que ligou de Brasília para Cruz Alta, solidarizando-se com a reunião dos bispos e prontificando-se a levar o problema à Presidência da República. Os bispos também receberam telefonema da rádio do Vaticano.

Apenas os bispos de Novo Hamburgo, D. Boaventura Kloppenburg, o de Porto Alegre, D. Cláudio Colling (ambos da ala conservadora da Igreja) e o de Pelotas, D. Jaime Chemello (em viagem à Europa), não estiveram presentes.

No encontro, que durou mais de seis horas, foi examinado também o envolvimento do padre Paulo Cerioli e do frei Sérgio Gorgen na invasão da Fazenda Santa Elmira. Concluiu-se que ambos "estavam apenas em trabalho pastoral junto aos sem-terra", como observou o bispo de Santo Ângelo, D. Stanislau Kreutz.

Incidente — A reunião dos bispos provocou a reação irada do vice-presidente da União Democrática Ruralista (UDR) de Cruz Alta, Alcides Etchegoyen, que a considerou como "provocativa e irresponsável", enquanto D. Kreutz repudiava essa "interpretação malévola". O bispo de Santa Cruz, D. Sineio Bohn, irá a Brasília comunicar as decisões tiradas na reunião a D. Luciano Mendes. Todos os bispos gaúchos "repudiaram a violência" ocorrida no episódio da desocupação da fazenda e, embora fossem contra invasões de terra, "compreendiam o desespero desses colonos", como observou o bispo de Rio Grande, D. José Maira Stroeher.

Na reunião, o principal dos franciscanos, frei Arno Reckziegel (superior do frei Sérgio) e o superior da Ordem dos Oblatos de São Francisco de Salles, padre Pedro Kramer (superior do padre Paulo) relataram um incidente ocorrido na noite anterior, quando retornavam ao acampamento dos sem-terra em Rincão do Ivaí. Acompanhados de outras pessoas, em dois carros, eles foram parados na estrada por uma caminhonete F-1000, cujos três tripulantes, jovens e armados com espingardas e revólveres, mandaram que todos levantassem os braços e exigiram suas identificações, tentando saber qual deles era padre.

Por temor de serem agredidos, os dois provinciais não se identificaram como padres. Um dos jovens armados dava chutes nos carros, até que liberaram cinco minutos depois. Os dois provinciais preferiram não registrar o incidente na polícia.

Cruz Alta, RS — Mauro Mattos/Objetiva Press

Doze bispos do Rio Grande do Sul compareceram à reunião

JORNAL DO BRASIL
Data: 15/03/89
Caderno 1º Pág. 02

A Igreja não está atrelada, diz CNBB

Do padre Virgílio Leite Uchôa, Subsecretário Geral da CNBB, recebi a seguinte carta:

"A título de esclarecimento a respeito de seu artigo, publicado no Jornal do Brasil de 9 de março de 1989, caderno 1, p.2, venho expor o seguinte:

1. O pretenso atrelamento da Igreja Católica à assim chamada ecologia internacionalista, bem como de organismos anexos, tais como o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), correm por conta da interpretação política literária do estimado colunista.

A posição da Igreja Católica e do CIMI em defesa do meio ambiente e dos indígenas move-se, exclusivamente, em decorrência da dignidade dos irmãos índios, cujo habitat natural preservado é de capital importância para sua sobrevivência. A intransigente defesa da vida e das condições ambientais e estruturais de qualquer criatura humana, naturalmente, incomodam a pseudos interesses de segurança nacional e de devastação indiscriminada por parte de minorias nacionais privilegiadas, que não querem abrir mão de seus interesses. Fiel aos princípios do Evangelho, ao sopro renovador do Concílio Vaticano II, da Conferência Episcopal de Medellin e de Puebla, a Igreja continuará firme nos seus propósitos, apesar das interpretações equívocas das forças que não esboçam qualquer inovação, capaz de garantir o mínimo de dignidade aos socialmente empobrecidos, particularmente os indígenas.

"A Igreja continuará, ainda, parcientemente enterrando os seus coveiros ao longo da história..." disse, uma vez, um ilustre Arcebispo brasileiro. Vamos em frente.

2. Quanto às ajudas financeiras que, eventualmente, são recebidas de Misereor e de Adveniat (e não Conveniat, como foi afirmado em sua coluna):

A Misereor é uma entidade que tem sede na cidade de Aachen, na Alemanha. Anualmente, promove uma coleta por ocasião da Quaresma, junto aos católicos alemães, sob a supervisão de Bispos da Conferência Episcopal Alemã. Adveniat tem sua sede na cidade de Essen e faz, igualmente, uma coleta por ocasião do tempo litúrgico do Advento. Esta entidade também é supervisionada por uma comissão de Bispos. As doações destas coletas são enviadas a projetos bem estudados e criteriosos, como gesto de comunhão internacional dos católicos alemães, sendo que Misereor se ocupa principalmente de manifestar sua solidariedade através de projetos na área de trabalho social da Igreja e Adveniat, especialmente, os projetos assim chamados pastorais.

Creio que, com tal origem e competência de acompanhamento criterioso, no mínimo, é leviana a interpretação de atrelamento à ecologia internacionalista, no que diz respeito às ajudas financeiras ao trabalho pastoral e social da Igreja.

3. Acredito, também, como o estimado colunista, que as forças políticas precisam acreditar sempre mais na opinião pública brasileira e na força de seu povo para enfrentar os grandes desafios nacionais.

Agradeço o espaço que puder dar em sua coluna, para prestar este esclarecimento tão importante à opinião pública e à totalidade do trabalho da Igreja Católica.

Com estima e admiração",

JORNAL DO BRASIL
Data 15/03/89
Caderno 1º Pág. 04

CNBB vai a Sarney pela reforma ...

BRASÍLIA — O presidente da Conferência Nacional dos Bipos do Brasil (CNBB), Dom Luciano Mendes de Almeida, prometeu ontem aos representantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra que solicitará audiência ao presidente José Sarney para pedir urgência na realização da reforma agrária e a punição dos responsáveis pelo espancamento e tortura dos trabalhadores que invadiram a Fazenda Santa Elmira, no município gaúcho de Salto do Jacuí, no último dia 11. "Quem tortura e bate em trabalhador tem de responder perante a lei", disse Dom Luciano, que prometeu pedir a libertação de agricultores presos no Rio Grande do Sul e na Bahia.

"Vamos fazer tudo o que pudermos para obter a repreensão e o castigo de quem torturou, para os quais a Constituição não prevê anistia", disse Dom Luciano, que classificou o episódio ocorrido em Salto do Jacuí de "massacre". Segundo o Movimento dos Sem-Terra houve cerca de 400 feridos, 21 internados e 22 prisões, entre elas a do padre Paulo Ceriolo.

"É preciso que se evite toda a impressão de conivência do governo com os latifundiários", acentuou Dom Luciano, que acha que com a extinção do Ministério da Reforma e Desenvolvimento Agrário (Mirad), "a reforma parou de vez". Dom Luciano acredita que "a atitude da UDR (União Democrática Ruralista) é muito grave ao desrespeitar a ação da Igreja" na questão agrária do país.

"É inadmissível que tenha havido o recurso à tortura", lamentou Dom Luciano, que ouviu do agricultor gaúcho Afonso Dalla Nora, representando os acampados da Fazenda Annoni, no município de Sarandi, a promessa de que a ocupação do prédio do Mirad na capital federal continuará "até que os trabalhadores presos sejam soltos".

JORNAL DO BRASIL
Data 16/03/89
Caderno 1º Pág. 10

Vaticano reduz diocese de Dom Paulo Arns à metade

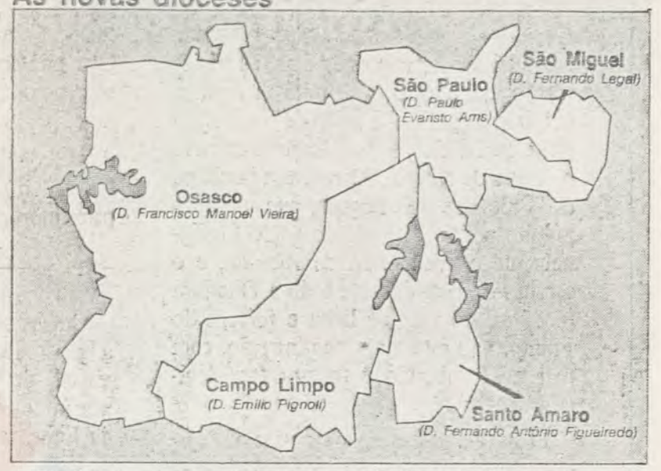
SÃO PAULO — A Rádio Vaticano anunciou ontem a consolidação da divisão da Arquidiocese de São Paulo. Um decreto assinado pelo papa João Paulo II determinou a criação de quatro novas dioceses na área liderada desde 1970 pelo cardeal-arcebispo Dom Paulo Evaristo Arns, cujos domínios passam agora a restringir-se à região mais central do município. "Perco a melhor fatia da arquidiocese", afirmara Dom Paulo em setembro do ano passado, durante a comemoração de seus 67 anos, numa das poucas ocasiões em que se manifestou publicamente sobre essa medida do Vaticano, já então decidida.

Com a criação das dioceses de Campo Limpo, Osasco, Santo Amaro e São Miguel Paulista, a arquidiocese perde 4,3 mil quilômetros quadrados, ou oito vezes mais do que a área que resta à administração direta do cardeal. Nas novas dioceses há 155 paróquias e uma população de 6,8 milhões de habitantes. Dom Paulo terá agora sob sua responsabilidade 244 paróquias, que servem a 7,9 milhões de habitantes. Na prática, a influência direta do cardeal foi reduzida praticamente à metade, com a agravante de concentrar-se agora nas áreas privilegiadas da capital, onde há poucas possibilidades para expansão da linha pastoral progressista adotada por Dom Paulo.

Poder — O anúncio oficial da divisão é o epílogo de um jogo de pressões de religiosos conservadores prestigiados no Vaticano, que funcionaram como advogados da remodelação. Incluem-se no grupo antagônico à linha pastoral de Dom Paulo os cardeais Joseph Ratzinger, prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, o brasileiro Agnello Rossi, que trabalha na Santa Sé, e o cardeal-africano Bernardin Gantin, da Sagrada Congregação dos Bispos, o órgão que trata do provimento das dioceses. O anúncio oficial da divisão obrigou a prefeita Luiza Erundina a abandonar seu plantão na greve geral para fazer uma visita de solidariedade ao cardeal.

A delimitação das novas dioceses aproveitou a divisão da arquidiocese em regiões episcopais demarcadas pelo próprio cardeal de São Paulo e entregues a bispos auxiliares. As quatro regiões transformadas em dioceses reúnem o maior contingente de população de baixa renda de toda a arquidiocese e alguns dos mais graves problemas sociais da Grande São Paulo.

As novas dioceses



São Miguel, no extremo Leste, é a área com maiores problemas de invasões de terras e conjuntos habitacionais. Santo Amaro, que tem o mesmo tipo de problema, junta a esse drama um alto índice de criminalidade e de população favelada. Campo Limpo, que é parte do cinturão verde de São Paulo, tem áreas inatingíveis em dias de chuva e até uma aldeia de índios guaranis. Osasco, município a oeste da capital, é, numa parte, um centro industrial poluído que emprega operários sem especialização e, na outra, um aglomerado de bairros-dormitórios abrigando trabalhadores de empresas paulistanas.

Vizinhos — Se perdeu com a redução de seus domínios, Dom Paulo pelo menos terá como vizinhos quatro bispos que não se alinham diretamente com os grupos conservadores. São o que se podem chamar de bispos moderados, preocupados tanto com a intervenção social da Igreja quanto com a questão espiritual. "A Igreja deve ter sua prática baseada na dicotomia entre o humano e o divino", disse, por exemplo, Dom Emílio Pignoli, que deixa o cargo de bispo de Mogi das Cruzes, na Grande São Paulo, para assumir a recém-criada diocese de Campo Limpo. "Enveredar pela visão marxista da questão social é um equívoco tão grande quanto olhar apenas para a espiritualização", completou Dom Emílio.

A diocese de Osasco será a única entregue pelo Vaticano a bispo auxiliar nomeado por Dom Paulo para a região, Dom Francisco Manuel Vieira. Na Diocese de Santo Amaro, assume um velho conhecido e amigo de família do cardeal, Dom Fernando Antônio Figueiredo, atualmente bispo auxiliar de Teófilo Otoni (MG). Dom Fernando foi aluno de Dom Paulo no seminário dos franciscanos em Petrópolis e fez o noviciado da Ordem Terceira de São Francisco, ao lado da mãe do cardeal, em Curitiba, onde lecionava uma irmã do titular da Arquidiocese de São Paulo. São Miguel Paulista passa à condição de diocese sob a direção de Dom Fenando Legal, hoje bispo de Limeira, no interior paulista, onde teve intervenção efetiva ao lado dos trabalhadores durante greves de canavieiros.

O cardeal de São Paulo apenas distribuiu ontem uma nota explicando a decisão do Vaticano e fazendo um histórico sobre a divisão da arquidiocese, cuja discussão começou em 1971. No documento, Dom Paulo agradece os serviços de seu bispo auxilar Dom Alfredo Novak, designado para a Diocese de Paranaguá (PR) e indica a possibilidade de nomear os três bispos auxiliares que perderam suas regiões episcopais para novas áreas em São Paulo. Todos os padres da arquidiocese foram convocados para uma reunião hoje com o cardeal, onde será anunciada oficialmente a remodelação.

JORNAL DO BRASIL
Data 16/03/89
Caderno 1º Pág 12

Fatos que falam por si

Araujo Netto
Correspondente

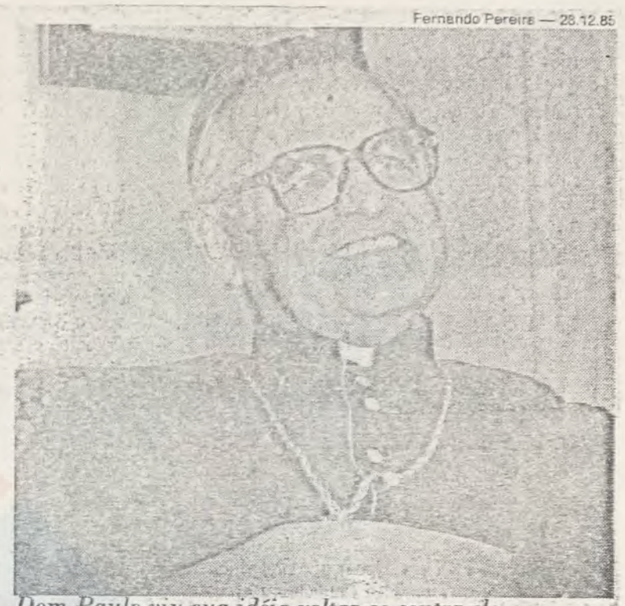
ROMA — "Os fatos falam por si. E os fatos são esses que o boletim da Santa Sé revela hoje" - foi o único comentário, em caráter informal, que uma fonte do Vaticano quis fazer ontem sobre a decisão do papa de dividir em cinco novas, diversas e autônomas dioceses a Arquidiocese de São Paulo, uma das maiores do mundo, com 14,5 milhões de fiéis.

E os fatos substantivos, muito concretos desse ato de João Paulo II, há muito tempo esperado, várias vezes adiado, são os de que desde ontem o cardeal Paulo Evaristo Arns, como grande *pastor* de São Paulo, perdeu metade de enorme *rebanho*.

Outro fato inquestionável, que permite interpretar o ato do papa como hostil a Dom Paulo Evaristo Arns, foi a recusa da última pretensão do cardeal-arcebispo: a de que, pelo menos, se estabelecesse uma vinculação das novas dioceses à antiga arquidiocese, estabelecendo que suas organizações e linhas pastorais fossem definidas pelo cardeal arcebispo. Mas nem essa pretensão foi aceita pelo Vaticano, que não as considerou de acordo com o que estabelece o Direito Canônico.

Por isso mesmo, as novas dioceses e os novos bispos de Campo Limpo (Dom Emílio Pignoli), Osasco (Dom Francisco Manuel Vieira), Santo Amaro (Dom Fernando Antônio Figueiredo) e São Miguel Paulista (Dom Fernando Legal), serão inteiramente autônomas. Terão autoridade para escolher e definir uma organização e uma linha pastoral que podem inclusive ser opostas às adotadas pela arquidiocese e pelo arcebispo de São Paulo.

Fernando Pereira — 28.12.85



Dom Paulo viu sua idéia voltar-se contra ele

Até mesmo nas escolhas dos quatro novos bispos paulistas, o mais provável - pelo menos é o que se afirma no Vaticano - é que o cardeal Arns não tenha tido a menor participação. Os nomes de Emílio Pignoli, Francisco Manuel Vieira, Fernando Antônio Figueiredo e Fernando Legal foram escolhidos pelo papa, que no caso respeitou e contemplou os critérios atualmente adotados pela Santa Sé. Critérios que só aceitam e reconhecem a obediência e a fidelidade indiscutíveis de cada prelado às idéias e vontades do papa.

Uma ironia - A grande ironia de toda essa historia é que o esvaziamento do poder da arquidiocese e do arcebispo de São Paulo se deve a uma iniciativa do próprio cardeal Paulo Evaristo Arns. Repete-se a história do feitiço que se vira contra o feiticeiro. Isso porque a idéia do desmembramento da poderosa e difícil Arquidiocese de São Paulo partiu do próprio cardeal Arns. O primeiro a se lamentar do grande peso e das dificuldades de administrar uma das maiores arquidioceses do mundo foi ele mesmo, Dom Paulo Evaristo Arns.

Dele foram tambem a primeira sugestão e o primeiro projeto de fracionamento da Arquidiocese de São Paulo, submetidos ao exame da Santa Sé há mais de cinco anos. Somente quando percebeu que sua proposta poderia voltar-se contra seu poder e autoridade na igreja do Brasil, o cardeal Arns tentou sustá-la. Mas aí já era tarde demais. Porque a Santa Sé descobrira que, com a ajuda das sugestões e das reivindicações do próprio Dom Paulo Evaristo Arns, dispunha de todas as condições para enfraquecer um dos cardeais mais problemáticos para o pontificado de João Paulo II.

TRIBUNA DA IMPRENSA
Data: 16 / 03 / 89
Caderno 1º Pag. 00

Papa divide SP e enfraquece Dom Evaristo

O Vaticano anunciou ontem a divisão da Arquidiocese de São Paulo, a maior do Brasil, com a criação de quatro novas dioceses: Campo Limpo, Osasco, Santo Amaro e São Miguel Paulista. A mudança enfraquece o cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, um dos principais incentivadores das Comunidades Eclesiais de Base, e amplia os espaços dos conservadores já que os novos bispos indicados pela Santa Sé são da ala direita da Igreja. Os progressistas consideram que o desmembramento sinaliza a intenção do Papa João Paulo II de "frear" o clero preocupado com a questão política e social brasileira. Na opinião do bispo de Duque de Caxias, Dom Mauro Morelli, as reformas patrocinadas pelo Vaticano "são medíocres e não representam qualquer avanço". Página 5

TRIBUNA DA IMPRENSA
Data 16 / 03 / 89
Caderno 1º Pag 05

João Paulo II diminuiu o poder político de Dom Paulo Evaristo Arns

Papa divide São Paulo

O Vaticano executou, ontem, mais uma etapa de sua estratégia em conter a expansão da chamada ala progressista da Igreja - cujo maiores exemplos são as comunidades eclesiais de base e a teologia da libertação - nos países da América Latina. A Arquidiocese de São Paulo, sob o comando de Dom Paulo Evaristo Arns, sofreu por determinação do Papa João Paulo Segundo um desmembramento.

Criou-se quatro novas dioceses - Campo Limpo, Osasco, Santo Amaro e São Miguel Paulista - e seis novos bispos foram nomeados.

Aparentemente, as alterações são de caráter burocrático. Em sua essência, segundo interpretação dos meios católicos progressistas da Itália, a divisão da Arquidiocese paulista serviu para sinalizar a disposição do Vaticano em "frear" o trabalho do clero mais preocupado com os impasses sociais nos países do Terceiro Mundo.

Dom Mauro Morelli, bispo de Duque de Caxias, acha que as reformas patrocinadas pelo Vaticano "são medíocres e não representam qualquer avanço". Suas palavras não referem-se às consequências ideológicas. "Estas só poderei analisar depois de ter em mãos todas as modificações, inclusive a relação completa daqueles que assumam e deixam suas funções".

A cautela de dom Mauro Morelli é compreensível. Ele aponta as baterias com especial atenção "a falta de visão" do Vaticano quanto às necessidades de uma reestruturação moderna da Arquidiocese paulista diante de uma metrópole cada vez com novas e complexas dificuldades.

"A solução dada foi antiga e pouca coisa vai resolver", explicou o bisbo de Duque de Caxias.

A arquidiocese de São Paulo, com seus quase 15 milhões de habitantes, era a maior do Brasil. Agora, será pouco mais de sete milhões de habitantes. As novas dioceses ficarão com fatias menores: Campo Limbo, 1,3 milhões; Osasco, 1,6 milhões; Santo Amaro, 2 milhões, e a São Miguel Paulista, 2,5 milhões.

Outro eclesiástico que evita levantar a polêmica ideológica é o bisbo de Nova Iguaçu, dom Adriano Hipólito. "Encaro apenas como uma mudança administrativa para facilitar o trabalho da pastoral em São Paulo", avalia. Lembra, dom Adriano Hipólito que em 1980, portanto 14 anos após assumir a função de bisbo na região, a Arquidiocese enquadrava São João de Meriti, Nova Iguaçu, Nilópolis, Paracambi, Itaguaí e Mangaratiba, mas sofreu uma divisão deixando isolada a Arquidiocese de Duque de Caxias. "Não vi qualquer diminuição de poder", relembra hoje.

A comparação possui certo aspecto de validez, embora não seja precisamente situações idênticas.

Dom Paulo Evaristo Arns representa atualmente no país uma das correntes mais representativas do pensamento progressista católico. A frente da poderosa Arquidiocese paulista qualquer ação, orientação ou posicionamento seu possui repercussão nacional e internacional dentro do jogo interno da Igreja. Exemplo: recentemente, dom Paulo Evaristo Arns escandalizou setores conservadores enviando uma carta ao presidente de Cuba, Fidel Castro, parabenizando-o pelos 30 anos da Revolução Cubana.

O enfraquecimento político de dom Paulo Evaristo Arns se traduz também nas alterações dos bispos.

Antigos auxiliares, como dom Angélico, há 14 anos bispo auxiliar, não foi designado para ocupar qualquer das quatro novas dioceses. Em troca, a Santa Sé optou em pôr no comando de São Miguel Paulista, o atual bispo de Limeira, dom Fernando Legal. Ele é considerado conservador por seus próprios pares de batina.

A história da reforma não é recente. Desde 1974 havia planos com essa finalidade. Foi naquela época que o cardeal dom Paulo Evaristo Arns segeriu à Santa Sé o projeto original e recebeu o apoio do então Papa Paulo VI. A proposta idealizava uma reorganização que ao final transformaria em dioceses as nove regiões de São Paulo, com base em "um programa conjunto de pastoral elaborado pelos diferentes bispos". Dom Paulo pensava em dioceses não autônomas, mas interdependentes, seguindo orientações discutidas em conjunto, cujas premissas partiriam de propostas das comunidades. A reforma decretada ontem pelo Papa João Paulo Segundo produz efeito inverso. Ela isola as regiões dando a cada nova diocese poder independente da orientação.

Como os novos bispos são considerados conservadores, junta-se nesse ponto o quebra-cabeças criado pelo Vaticano. Com a reforma os conservadores de Roma diminuem a força política de dom Paulo, esvazia o movimento das comunidades Elcesiais de Base, criam pontos de oposição nas novas dioceses e desarticulam a influência dos progressistas na Grande São Paulo.

Dom Mauro Morelli observa que as modificaçõe foram limitadas do ponto de vista funcional e podem ser qualificadas como "um desastre".

Diz ele que a Igreja "parou no tempo" reproduzindo uma estrutura que há seculos vem sendo mantida apesar de nunca na história da humanidade ter tido a experiência de grandes metrópoles. "Não é possível uma Arquidiocese manter as mesmas estruturas tanto numa pequena comunidade do interior quanto numa cidade de milhões de habitantes", comparou.

Os novos bispos designados pela Santa Sé são: para a Diocese de Campo Limpo, João Paulo II, designou Dom Emílio Pignoli, bispo de Mogi das Cruzes. Dom Francisco Manoel Vieira foi mantido em Osasco. Para Santo Amaro vai dom Fernando Antonio Figueiredo, atualmente em Teofilo Otoni. A São Miguel foi destinado dom Fernando Legal. Outra modificação foi a transferência de dom Alfred Novak, auxiliar da Arquidiocese de São Paulo, para a cidade de Paranaguá, substituindo a dom Bernard Jospeh Nolker. O bispo de Marabá, dom Altamiro Rossato vai ser bispo auxiliar de Porto Alegre.

A alteração na Arquidiocese de São Paulo é um fato consumado. A determinação do Vaticano tem força de lei na hierarquia eclesiástica. É irreversível seus efeitos mas, também, de certa forma, não completamente mensuráveis. A velha imagem da Arquidiocese centralizadora e onipresente na comunidade está, decisivamente, ultrapassada nos grandes centros urbanos, verdaeiros conglomerados de "conflitos, contradições e marginalizações", segundo definição de dom Mauro Morelli. E é ele próprio que arremata: "Se a Igreja existe só para salvar almas tudo bem, mas na realidade as coisas não correm bem assim".

POEMA DO MAU OLHADO

Laóstomos
agosto, 1988

Uma gruta
uma cachoeira
uns animais
assim nasceu o Salvador
de todos os mortais
de Deus a Encarnação
assim se deu...
Ó santa humilhação!

"... Não havia lugar para eles na hospedaria" - Lucas 2,7

Um tamborete
um copo
um pão-de-cada-dia
assim dos camponeses
se fez a Eucaristia
da Ceia do Senhor repetição
assim se deu...
Mas que profanação!

Uma dívida
um recibo
e muita astúcia
assim agiu o servo da parábola
em sua angústia
e aos filhos da luz como lição
o Mestre deu...
Ó que iluminação!

"... Fazei amigos com o dinheiro da iniquidade" - Lucas 16,9

Um projeto
um dinheiro
em mãos de amigos
assim se fez reserva
para um tempo bem preciso
um tempo em que os carismas e a participação
já não mais contariam...
Mas quanta corrução!

E assim de antipatia e preconceito
se passa a desconfiança e desrespeito
e vêm as demissões e os dossiês
e a Santa Inquisição mais uma vez
e da difamação soam os zabumbas
e os cristãos retornam as catacumbas!

"...Se o teu olho for mau, teu corpo também ficará escuro"
- Lucas 11,34

A TFP convida para a "política da mão estendida" os que não a compreenderam, não a ajudaram... a combateram

A sucessão presidencial está dando ensejo a que todas as forças de esquerda do País — ou quase todas — se coliguem em uma só frente para obter a eleição de seu candidato, Luís Inácio da Silva (Lula).

As forças verdadeiramente dinâmicas de tal frente são: a) o Partido dos Trabalhadores (PT), do qual Lula é o candidato à presidência; b) as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), apoiadas por numerosos Prelados da Igreja Católica, um sem-número de sacerdotes seculares e regulares, instituições e associações católicas dos mais variados gêneros, e por múltiplos setores ou organismos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Não é fácil saber qual dos dois fatores pesa mais na balança eleitoral. Com efeito, em numerosos lugares, os elementos das CEBs pertencem ao PT, e reciprocamente. Ademais, as manifestas preferências de tantos elementos católicos em favor do PT levam muitos eleitores católicos ingênuos a se inscreverem nesse partido, ainda quando não tenham tempo para pertencer igualmente às CEBs. De sorte que o fator "eclesiásticos de esquerda", além de fornecer às CEBs todos os contingentes com que estas contam, ainda é responsável pelo engrossamento das fileiras do PT.

Tudo isto assim posto, pode-se afirmar que a eleição de Lula não teria muito grandes possibilidades de vitória se não contasse com o apoio da esquerda católica.

* * *

Assim chega a seu desfecho o longo trabalho de infiltração do comunismo nos meios católicos, cujos primeiríssimos lances datam do início dos anos 40. Já nessa época o professor Plinio Corrêa de Oliveira escreveu, a tal propósito, o livro *Em defesa da Ação Católica,* alertando para o perigo nascente a atenção geral. Tal obra foi objeto de uma saraivada de reações apaixonadas e injustas, como também de uma carta de louvor escrita ao autor em nome do Papa Pio XII, então reinante, pelo substituto da Secretaria de Estado da Santa Sé, Mons. J. B. Montini (posteriormente Papa Paulo VI).

De então até nossos dias, o alerta dos futuros integrantes da TFP não cessou de se fazer ouvir através da imprensa periódica, de livros, de constante propaganda de rua em cidades grandes, médias e pequenas de todo o nosso território-continente, por meio de semanas de estudos e conferências etc.

A fundação da TFP em 1960 coordenou e sistematizou o fruto de todos esses esforços, dando-lhes redobrado vigor.

* * *

Ao contrário do que se poderia esperar, a reação a tão árduos e desinteressados esforços não se fez sentir ponderavelmente da parte dos partidos políticos especificamente esquerdistas. Ela se originou, isto sim, de setores dos quais se poderia e deveria esperar — ao invés de implacável perseguição — uma solidariedade pressurosa.

Tais setores foram, antes de tudo, a esquerda católica que, com seu desempenho pró-candidatura Lula, confirma hoje aos olhos de todo o País as previsões feitas com tanta — com tantíssima, diríamos — antecedência.

Mas a par dessa esquerda, e com não menos empenho, se manifestou constantemente certo centrismo de influentes personalidades ou grupos na alta e média burguesia.

Apontando nossa insistência, cristãmente patriótica, como se esta fosse fruto de um radicalismo que a TFP jamais teve, puseram em movimento contra a entidade sucessivas "ondas publicitárias" de fanatismo anti-TFP. O disfarce de tais "ondeiros" constituía em se afirmarem adversários (aliás fanáticos) de todo fanatismo, de todo extremismo etc. E propugnadores de um "cristianismo social-democrata" e furiosamente centrista.

Na realidade, esta sanha de agressividade burguesa se voltava de fato, e incessantemente, contra a TFP. E, ao mesmo tempo, em face das esquerdas, pregava "compreensão", "paciência", "política da mão estendida" etc. Em suma, flores para a esquerda e pedradas para a TFP.

Não é preciso dizer, porque o Brasil todo o tem visto ao longo das décadas, que a essas pedradas a TFP tem respondido com argumentação irretorquível e cortês, continuando altaneiramente em sua via de elevado idealismo religioso e patriótico.

Hoje os resultados da inexplicável estratégia daqueles setores da burguesia aí estão. E as esquerdas se proclamam prestes a podar, a minguar, a condenar ao fenecimento ou à completa extinção a burguesia.

* * *

Esse fato, a TFP o lembra, não para cantar esterilmente vitória em relação a adversários gratuitos de ontem e ainda de hoje, que estão postos agora na iminência de serem arrastados ao pelourinho. Tem ela o intuito de, *in extremis,* tentar ainda uma vez abrir os olhos desses contendores e estender-lhes cordialmente a mão para uma colaboração fecunda, em vista do perigo vermelho que ameaça o Brasil e a civilização cristã.

Também a TFP tem sua "política da mão estendida". Mas rumo ao centro, e não à esquerda...

Tal o objetivo do lúcido e categórico comunicado, de autoria do Prof. Plinio Corrêa de Oliveira, que a entidade hoje divulga.

Paulo Corrêa de Brito Filho
Diretor de Imprensa da TFP

Em breve o "dossier":

"LULA, O SOCIALISMO E O COMUNISMO"

Aguardem sensacionais revelações do Serviço de Documentação da TFP

SOCIEDADE BRASILEIRA DE DEFESA DA TRADIÇÃO, FAMÍLIA E PROPRIEDADE — TFP
Rua Teresa Cristina, 1794 – Fortaleza – Tel.: 223.42.44

Transcrito d

02-12-89

TRIBUNA do Ceará
PÁGINA 5
Nacional
Fortaleza, sexta-feira, 01 de dezembro de 1989

-DO CORREIO BRAZILIENSE-

Dom Falcão: Igreja não pode tomar posição a favor de nenhum partido

ROELOF SÁ
Editor de Nacional

A participação de segmentos da chamada Igreja progressista na campanha presidencial, especialmente através do apoio ao candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, vem preocupando os segmentos mais conservadores da Igreja Católica — em especial, seus cardeais.

Na avaliação da cúpula da Igreja, os segmentos eclesiais não devem se envolver com a política partidária, sob o risco de desvirtuar o papel religioso da fé cristã. Além disso, a participação de padres na política significa uma desobediência ao espírito da Igreja Católica Apostólica Romana.

O cardeal-arcebispo de Porto Alegre, dom Vicente Sherre, hoje aposentado, é um dos que pensam exatamente isso. Em sua avaliação, a presença de padres no jogo político contraria frontalmente o sentimento da Igreja. "Esses padres e outros que se envolvem em política só prejudicam" — lamenta o cardeal.

Para ele, os que se envolvem em política partidária desobedecem o espírito da Igreja, que é o de se manter afastada de todo o processo político-partidário.

O cardeal-arcebispo de Brasília, dom José Freire Falcão, também é totalmente contrário à **participação da Igreja na política** partidária. "A Igreja não pode nem deve tomar posição por nenhum partido para que possa ajudar os cristãos a agirem de acordo com as exigências da fé" — sentenciou dom José Freire Falcão.

Como consequência danosa dessa aproximação de padres e religiosos do espectro da política, o cardeal-arcebispo de Brasília preocupa-se com a politização da fé — por ele considerado um dos mais graves problemas que a Igreja enfrentar atualmente.

"Essa politização da fé acarreta na perda das características apostólico-missionárias das pessoas envolvidas. Seguramente, aqueles que se encontram engajados no processo político não terão o mesmo interesse para com as atividades religiosas", comentou dom José Freire Falcão.

O cardeal-arcebispo de Brasília observou ainda que o comprometimento político tem como consequência danosa a divisão da comunidade católica e a missão da Igreja e de seus padres é uma missão de união — "A política divide profundamente", lamenta o cardeal.

Para dom José Freire Falcão, os que estão envolvidos com a política deveriam voltar-se para a atividade pastoral, para o campo específico da Igreja, que é a **missão religiosa.**

Conservadores não assumem candidato

"A Igreja não tem candidato, nem tem partido". A declaração é do Vigário-Geral da Arquidiocese de Fortaleza, monsenhor Adré Camurça, e apresenta, na verdade, o outro lado da moeda. Ou melhor, da Igreja. Refutando qualquer possibilidade de envolvimento com as candidaturas colocadas para a Presidência da República, o Monsenhor acentua, contundente, "que a maioria das CEBs não tem nada de eclesial e que muitas se transformaram em comitê do PT".

Ele afirma que a exploração da Igreja e da fé cristã não é feita apenas por militantes tidos como defensores da candidatura Lula. "O Collor está explorando frei Damião o quanto pode. O pobre do velho não sabe mais nem o que está fazedo" — diz monsenhor André Camurça, frisando que "a Igreja é uma só. A Igreja é de Jesus Cristo e do Evangelho". Colocando-se sempre numa posição eqüidistante do processo eleitoral, o sacerdote preferiu não confessar o canditado em que votou no primeiro turno.

SEM ANULAR

"Não foi nem no Collor nem no Lula" — disse ele, assegurando que não vai anular o voto no segundo turno. "Os dois que ficaram não merecem a minha confiança. Eu peço que Deus me ilumine na hora, porque eu vou ter que votar em algum deles. Anular o voto é antipatriótico".

A descaracterização da participação da Igreja no processo sucessório, com a defesa de uma postura "neutra", se isto é o máximo que se consegue obter do monsenhor

FELIZARDO CARDOSO

Camurça: "Na hora eu decido"

André Camurça, imagine-se o que se consegue de outros párocos, que se dizem desautorizados para falar sobre o assunto. É o silêncio que se tem como resposta, com alguns chegando a botar a mão na boca, confirmando com um gesto a disposição do pensamento.

É o caso do padre Francisco Pinheiro Landim, Presidente do Tribunal Eclesiástico. Simpático, disposto a falar de qualquer outro assunto, padre Landim, fecha a boca, para não se referir ao assunto sucessão: "O senhor tem orientação para não falar?" — pergunta-se "Não, nenhuma orientação, mas disto eu não falo" — respondeu o Padre, sorrindo.

A mesma posição assumiu o padre Tito Guedes. Com a tranqüilidade que caracteriza seus gastos, padre Tito indicou para a reportagem o padre André Camurça. "Ele é que tem autoridade para falar neste assunto. É um assunto de grande responsabilidade e eu prefiro não comentar" — afirmou o padre Tito, com a convicção hierárquica, característica dos padres que são classificados de "conservadores".

Mas mesmo no "reino" dos conservadores, a candidatura Lula rompe os silêncios. No café descontraído das 11 horas, na Igreja da Sé, quando padre Tito interrompe as confissões para fazer uma espécie de merenda, alguns se aproximam na mesa, expondo o broche do Lula. "Já disse para vocês não usarem propaganda aqui dentro" — lembra pausadamente padre Tito. Os servidores da Sé sorriem, brincando. "Mas, Padre, eles estavam vendendo lá fora" — afirmam.

A posição retraída dos "conservadores" não fica apenas na Sé. Em algumas paróquias da periferia, localidades onde os "progressistas" ainda "não ocuparam" (como afirma um dos padres), a "neutralidade" defendida pela ala conservadora tem seus representantes. O padre Enemias, da Cidade 2000, por exemplo, diz que "não gosta de política, porque política divide o povo". O padre Almeida, do Henrique Jorge, também não confessa preferências. Alguns dos seus auxiliares acentuam, entretanto, que imaginavam "que ele tinha votado no Maluf. Mas, depois, ele disse que votou no Brizola". Para o segundo turno, não arriscam a preferência do Padre. Mas, pela reação do auxiliar, não vai dar Lula na paróquia do Henrique Jorge.

Jornal das CEBs tem candidato na capa

"Lula Presidente". A voz que atende ao telefone 231-3922 não fala, como poderia parecer, do Comitê do candidato do PT, mas da sede do jornal "Nosso Chão", veículo de divulgação das CEBs da Arquidiocese de Fortaleza. Eliseu de Sousa, um dos membros do Conselho Editorial, é quem atende ao telefone e, sem preocupação de escamotear o apoio à candidatura Lula, confirma que a capa da edição que circula este mês traz a fotografia do candidato petista.

"Não há por que esconder. A grande maioria das CEBs apóia a candidatura do Lula e este apoio foi praticamente definido no Sétimo Encontro Intereclesial, realizado no meio do ano no Rio de Janeiro" — afirma Eliseu, acentuando que "não há nenhum contra-senso na opção das comunidades".

ANTONIO CARLOS

Com o "Salmo do eleitor", o "Nosso Chão" tem posição definida

VÍDEO

Eliseu é um dos milhares de leigos que atuam nas CEBs espalhadas em todo o País. A área de atuação de Eliseu é Conjunto Esperança, mas ele se dedica praticamente à elaboração do "Nosso Chão" e de outros materiais de divulgação das comunidades. Nesta semana, as muitas comunidades estarão reunidas em torno de um vídeo, que aborda exclusivamente a sucessão presidencial.

Segundo Eliseu, são cerca de 150 entrevistas com populares, falando sobre a sucessão. Esses depoimentos serão analisados por uma avaliação de dom Aloísio Lorscheider e do padre Manfredo (da ala progessista). O vídeo será exibido nas CEBs como um dos instrumentos para promover os debates em torno da sucessão presidencial.

E os instrumentos de divulgação utilizados são vários e se dão dentro da realidade de cada comunidade. No Parque São Miguel, por exemplo, os debates se dão embaixo de ávores, no meio da rua ou na própria casa do padre José Maria MacLoughlin, um irlandês de 53 anos, que chegando ao País em 1964, já vivenciou os problemas de comunidades das mais diversas como as do Piauí, Goiás e agora, no Ceará.

Para o padre Zé Maria, não há ocasião especial para se propagar aquilo que se tem consciência de que é correto. Ele assume a candidatura Lula e não procura esconder. E nem poderia, porque a pequena casa que mora no Conjunto São Miguel é de longe identificada por conta dos cartazes do candidato petista. "As minhas atividades não me permitem um engajamento mais organizado, mas toda ocasião a gente procura esclarecer a comunidade sobre a proposta dos dois candidatos".

1 Pano
10-12-89

ELEIÇÕES

Campanha é intensificada nas comunidades de base

Nada identifica no Centro de Formação de Pastoral Popular Dom Aloísio, localizado em Messejana, qualquer elemento que lembre os tradicionais recantos da Igreja Católica. Entre cartaz em defesa da reforma agrária, da Central única dos Trabalhadores (CUT) e do Partido dos Trabalhadores (PT), o diácono Raimundo de Brito, 30 anos, e o seminarista Carlos Gérson, 25 anos, desenvolvem o trabalho do dia-a-dia com as comunidades incluídas na Região Metropolitana III.

A convicção política que move as atividades dos dois é identificada nos muitos elementos que formam o clima do Centro de Formação. É o broche "Lula-lá", exposto na blusa de Brito; é a ilustração da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), na blusa de Carlos. São, enfim, todas as referências que se colocam no grande galpão de duas salas que formam o Centro. Mas é precisamente no discurso dos dois que a convicção política se apresenta com clareza.

MANUEL CUNHA

Carlos (E) e Brito querem "tirar os cristãos de cima do muro"

ALEMÃO

"Não dá mais para os cristãos ficarem em cima do muro. O voto em Lula é o voto mais compatível com a fé cristã. E cabe a nós, forças eclesiais fazer uma campanha de esclarecimento. Votar em Lula não é apenas um compromisso com a fé cristã, mas um compromisso com a verdade e com a construção de um mundo novo" — afirma, enfático, Carlos Gérson, um alemão que, depois de uma experiência com movimentos ligados à ecologia, na Alemanha Oriental, chegou ao Brasil em 1986 e optou pela Teologia da Libertação.

Com um protótipo tradicional de um militante do PT (usando barbas e camisetas "engajadas"), Carlos faz questão de colocar o apoio à candidatura de Lula numa visão mais geral da luta dos trabalhadores. "Em cada momento histórico, há necessidade de se identificar os instrumentos com possibilidades de serem utilizados para a transformação da sociedade. Hoje, o PT se apresenta como o instrumento mais eficaz desta luta e não há como negar" — afirma ele.

E é nessa perspectiva que as comunidades da Região Metropolitana III já traçaram algumas estratégias para "jogar pesado no apoio à candidatura do Lula", como acentua Carlos. Na prática, esse apoio inclui arrastões nos bairros, onde os militantes das CEBs discutirão "a importância do projeto da Frente Brasil Popular"; visitas de casa em casa dos fiéis", em que se colocará a diferença entre um projeto de direita, de Fernando Collor, e o projeto do compromisso da sociedade, que é o do Lula". Os militantes das CEBs ainda serão divididos em dois por rua (no caso, no distrito de Messejana), onde assumirão a responsabilidade de divulgar a candidatura Lula.

O diácono Raimundo Brito divide com o companheiro Carlos as avaliações da conjuntura nacional e a "necessidade de os cristãos assumirem a candidatura Lula". Natural de Iguatu, Brito optou pela militância em comunidade, a partir de 1982, quando se desligou da paróquia da cidade-natal. A partir daí, ingressou nas CEBs, assumindo a Teologia da Libertação e a "preferência pelos pobres". Brito, ao contrário de Carlos, tem uma ligação direta com o PT. É filiado ao partido desde 1982. Em 1985, participou ativamente da campanha para Prefeito de Fortaleza, quando Maria Luíza Fontenele (então do PT) foi eleita. As campanhas seguintes do Partido dos Trabalhadores tiveram a participação ativa de Brito. Agora, com Lula para Presidente, a postura dele não poderia ser outra.

"Não tem outra opção. Os dois projetos estão bem definidos. E não dá, enquanto cristão e enquanto cidadão, ficar sem envolver-se. Assumir a candidatura do Lula é hoje obrigação de todo cristão" — observa Brito, acentuando que as comunidades estão elaborando um documento, para ser apresentado ao cardeal-arcebispo dom Aloísio Lorscheider. "As próprias comunidades estão exigindo de nós uma posição clara a respeito da sucessão presidencial. A Igreja precisa se posicionar claramente."

Instituto de Filosofia Social

PROJETO COOPERATIVA ARTESANAL DE MILAGRES

SUMÁRIO

1. Introdução
2. Justificativa
3. Objetivos
4. Estratégias
5. Recursos solicitados
6. Duração do projeto
7. Responsáveis pelo projeto

Av. Carlos de Lima Cavalcanti, 141 – CEP 50.070 – Fone: (081) 222.6963 – Boa Vista – Recife-PE – Brasil

Instituto de Filosofia Social

1 . INTRODUÇÃO

O Instituto de Filosofia Social foi criado há aproximadamente 1 ano, sob a coordenação geral de Pe. Paulo Meneses.

Atualmente conta com a ajuda da Fundação Konrad Adenauer-Al que financiou os recursos materiais e humanos necessários ' para a criação de toda a infra-estrutura básica para o seu funcionamento e acompanhamento de alguns projetos.

O IFS encontra-se prioritariamente estruturado no nível de uma ação social. Tem como finalidade primordial prestar assessoria a programas de educação, saúde e formação política a comunidades populares das áreas urbana e rural. Neste trabalho leva em consideração todas as ações já desenvolvidas pelos grupos, valorizando seus próprios recursos e objeti - vando em última instância uma auto-gestão dos mesmos, nas suas lutas e reinvidicações.

Na medida em que o Instituto cresceu, foi progressivamente diversificando suas atividades. Recebeu pedidos de assessoria de grupos das áreas urbana e rural que, no momento, não tem condições de dar cobertura, em virtude de receber ajuda de apenas uma entidade, não tendo portanto recursos humanos e materiais necessários para atender a crescente demanda.

O presente projeto visa atender a uma solicitação do grupo de bordadeiras da comunidade de Milagres. Nesta áre o IFS já presta uma assessoria na formação de agentes populares '

Av. Carlos de Lima Cavalcanti, 141 - CEP 50.070 - Fone: (081) 222.6963 - Boa Vista - Recife-PE - Brasil

de saúde, e a nível político, tem acompanhado todo o processo de legalização do Conselho de Moradores.

2 . JUSTIFICATIVA

Para garantir a sobrevivência da família, as mulheres de baixa renda, com pouca ou nenhuma escolaridade, são obrigadas a contribuir no sustento da casa, desenvolvendo trabalhos domésticos (lavadeiras, cozinheiras, faxineiras etc) ou participando de atividades artesanais.

Encontram-se na comunidade de Milagres alguns grupos naturais com formas de organização rudimentares. Um desses grupos, o das bordadeiras funciona há aproximadamente 3 anos na escolinha popular do bairro. Produz um trabalho artesanal de boa qualidade que no entanto não é absorvido pelo mercado local. Algumas reuniões foram realizadas com esse grupo objetivando a estruturação de uma cooperativa, que ao mesmo tempo em que abriria espaço a participação de outras mulheres, fortaleceria a integração do grupo já existente, beneficiando muitas famílias da área.

Milagres é uma comunidade situada no município de Olinda-PE. Foi formada através de sucessivas invasões de famílias carentes, oriundas do interior do Estado e de outras favelas do Grande Recife. Por se constituir em uma área de mangue, cada morador, na construção do seu barraco, aterrava uma parte do mesmo, utilizando metralha, barro, etc. A maioria dos barracos é de madeira, papelão e outros materiais reco-

Instituto de Filosofia Social

lhidos de áreas de demolição de casas e prédios antigos . Porém, vale salientar, que há também casas de alvenaria , construídas por famílias que tem um maior tempo de permanência na área. Neste esforço dos moradores e de um número sempre crescente de novos invasores, o mangue aterrado foi pouco a pouco dando lugar a uma nova comunidade, repetindo assim a história de tantas e tantas favelas da periferia das cidades brasileiras. As condições de urbanização e de saneamento são precárias ou inexiste totalmente, contribuindo ainda mais para a miséria e o sentimento de abandono da população.

Diante das precárias condições de vida acima descritas a criação de um sistema de cooperativa beneficiaria a melhoria da qualidade de vida da população local. É relevante ressaltar o caráter educativo da vivência cooperativista. Os recursos materiais serão necessários apenas para implantação do projeto, no primeiro ano de sua existência. Nos anos subsequentes haverá um capital de giro e os recursos serão oriundos da produção do grupo, sendo assim a cooperativa auto-gerida pela comunidade. No entanto em virtude da amplitude de trabalho que o IFS atualmente vem desenvolvendo, não dispõe no momento de recursos humanos e materiais para absorver esta nova linha de ação.

Av. Carlos de Lima Cavalcanti, 141 – CEP 50.070 – Fone: (081) 222.6963 – Boa Vista – Recife-PE – Brasil

Instituto de Filosofia Social

3. OBJETIVOS

3.1. GERAL

Propiciar à mulher de baixa renda, através da criação de uma cooperativa artesanal, o aumento da renda familiar e a vivência de uma atividade coletiva, de caráter socializador.

3.2. ESPECÍFICOS

- Valorização do trabalho da mulher, e da organização dos grupos naturais da comunidade, estimulando o trabalho artesanal socializado.

- Propiciar às mulheres de Milagres um trabalho produtivo, que venha a contribuir no aumento da renda familiar, e sobrevivência da família.

- Fortalecer a integração grupal, criando uma cooperativa, que a médio prazo deverá ser gerida e auto-mantida com os próprios recursos.

- Inserir o trabalho da mulher, pouco valorizado como atividade produtiva, no mercado de trabalho local, propiciando a comercialização da produção, sem interferência de intermediários, o que aumentará a possibilidade de lucros por parte das artesãs.

- Estabelecer contatos com outros grupos de artesãs estimulando a troca de experiência e o aprendizado de novas técnicas de trabalho.

Av. Carlos de Lima Cavalcanti, 141 - CEP 50.070 - Fone: (081) 222.6963 - Boa Vista - Recife-PE - Brasil

4. ESTRATÉGIAS

4.1 PRIMEIRO ANO

- Levantamento de preços no mercado da região, relativos a produção artesanal.

- Contatos com cooperativas em funcionamento na região.

- Contatos com órgãos estatais que apoiam o sistema de cooperativismo

- Escolha de local para exposição do trabalho artesanal produzido pelo grupo.

- Criação de um conselho administrativo para gerenciar os custos operacionais do projeto.

4.2 SEGUNDO ANO

- Divulgação da produção artesanal do grupo para ampliar seu âmbito de ação.

- Participação do grupo nas feiras populares de artesanato da cidade.

- Sublocar na Casa da Cultura (grande mercado artesanal da cidade) um boxe para exposição e venda da produção artesanal do grupo.

Instituto de Filosofia Social

5. RECURSOS SOLICITADOS

A) RECURSOS HUMANOS

- 1 assessor de nível universitário para cooperativismo, que integraria a equipe de nosso Instituto, com a função específica de orientar este projeto e de estimular outras experiências cooperativas.

Honorários mensais: 350 dólares.
Honorários anuais : 350x13 = 4.550 u$

Transporte para bairros periféricos (combustível, etc)
gasto médio mensal : 50 u$
gasto anual : 50x12 = 600 u$

sub total : 5.150 u$

B) RECURSOS MATERIAIS (tabela anexa)

- por mês: 454.18 u$
- por ano: 5.492.25 u$

- TOTAL: (A+B) = 1o.642,25 u$

Av. Carlos de Lima Cavalcanti, 141 – CEP 50.070 – Fone: (081) 222.6963 – Boa Vista – Recife-PE – Brasil

Instituto de Filosofia Social

6. Duração prevista do projeto - 2 anos

7. Responsáveis pelo projeto:
   . Vera Lúcia A. de Oliveira - Psicóloga e membro da equipe executiva do Instituto de Filosofia Social
   . Karl-Heins Efken - Filósofo e membro da equipe executiva do Instituto de Filosofia Social

Endereço para correspondência
- Instituto de Filosofia Social (IFS)
Av. Gov. Carlos de Lima Cavalcanti, 141 - Derby
50.070 - Recife - Pernambuco
Brasil

MATERIAL PARA A [illegible]

ARTIGO	PREÇO UNITÁRIO	POR MÊS	POR ANO
TECIDO "ÉTAMINE"	Peça de 50 metros: 150 u$	Meia peça: 75 u$	900 u$
TECIDOS DIVERSOS	Metro em média: 2.5 u$	30 metros: 75 u$	900 u$
LINHA "CLEA"	Novelo: 2.5 u$	25 novelos: 62.50 u$	750 u$
LINHA "ZEBRA"	Novelo: 1 u$	10 novelos: 10 u$	120 u$
AGULHAS DIVERSAS	Média: 1.60 u$	20 u$	240 u$
TESOURAS - grande:	5.00 u$	1 5 u$	60 u$
pequena:	3.50 u$	1 3.50 u$	42 u$
MÁQUINA DE COSTURA"ELGIN"	cada uma: 168,75 u$	(1/4) (42,1875) 3 U	506,25 u$
BASTIDORES (vários tipos)	média: 1.50 u$	6 Unid. 9 u$	108 u$
CAIXA DE BOTÕES	média: 1 u$	10 caixas 10 u$	120 u$
DIVERSOS (viés, alfinete, pressão, dedal, elástico, fita métrica, etc)	média: 25 u$	1 compra 25 u$	300 u$
TELA P/ TAPEÇARIA	metro: 1,50 u$	50 metros 75 u$	900 u$
FILMES "KODACHROME" VRG 100 asa 24 exp.	1 unid.: 2,70 u$	10 unid. 27 u$	270 u$
FILMES"EKTACHROME" asa 100 24 exp.	1 unid.: 1.50 u$	10 unid. 15 u$	150 u$
TOTAIS	TOTAIS	POR MÊS 454.18 u$	POR ANO 5.492.25

Institut fuer soziale Philosophie

Projekt einer Handarbeitskooperative in Milagres

Inhalt:

1. Einfuehrung

2. Rechtfertigung

3. Ziele

4. Durchfuehrung

5. Benoetigte Hilfsmittel

6. Dauer des Projektes

7. Verantwortliche des Projektes

---

1. Einfuehrung

Das Institut fuer soziale Philosophie unter der Leitung von Pater Paulo Meneses wurde vor ungefaehr einem Jahr gegruendet.

Heute kann es mit der Hilfe der Konrad-Adenauer-Stiftung rechnen, die die personellen und materiellen Mittel finanzierte, die zur Schaffung der grundlegenden Infrastruktur fuer sein Funktionieren und zur Begleitung einiger Projekte noetig sind.

Das Institut wurde in erster Linie fuer soziale Aktionen geschaffen. Sein Hauptakzent liegt auf der Begleitung von Erziehungs- und Gesundheitsprogrammen und der politischen Bildung des Volkes in den Stadt- und Landgebieten. Bei dieser Arbeit werden alle Aktivitaeten beruecksichtigt, die von diesen Gruppen schon entwickelt wurden, um ihren eigenen Moeglichkeiten Bedeutung zu verleihen, damit sie dann als letztes Moment ihre Selbststaendigkeit erlangen, um selbst ihre Rechte fuer bessere Lebensbedingungen zu erkaempfen.

In dem Masse, indem das Institut wuchs, hat es sich fortschreitend in verschiedenen Taetigkeit engagiert. Es erhielt Bitten um Begleitung von Gruppen aus Stadt- und Landgebieten. Es ist aber im Augenblick nicht in der Lage ihnen nachzukommen, da es nur von einer Institution unterstuetzt wird und deshalb nicht ueber die personellen und materiellen Mittel verfuegt um den wachsenden Anfragen entsprechen zu koennen.

Das vorliegende Projekt moechte der Bitte einer Gruppe von Stickerinnen der Gemeinde Milagres nachkommen. In diesem Gebiet leistet das Institut schon eine Arbeit bei der Ausbildung von Leitern fuer den Basisgesundheitsdienst. Und auf politischer Ebene hat es den ganzen Legalisierungsprozess des Einwohnerrates begleitet.

2. Rechtfertigung

Um das Ueberleben ihrer Familien zu gewaehrleisten, sind die Frauen der Unterschicht mit nur weniger oder gar keiner Schulbildung dazu gezwungen zur Kostendeckung des Haushaltes beizutragen. Deshalb muessen sie als Waescherinnen, Koechinnen, Putzhilfen usw. arbeiten oder Handarbeiten fuer den Verkauf anfertigen.

In der Gemeinde von Milagres finden wir einige natuerlich gewachsene Gruppen mit einfachen Organisationsformen. Eine dieser Gruppen ist die der Stickerinnen, die schon seit 3 Jahren in der kleinen Volksschule der Siedlung. Sie stellt Handarbeiten von guter Qualitaet her, die aber nicht vom oertlichen Markt uebernommen werden.

Es wurden schon einige Versammlungen mit dieser Gruppe realisiert, die den Aufbau einer Kooperative im Auge haben. Sie sollten aber auch gleichzeitig den Raum fuer die Teilnahme anderer Frauen oeffnen, um die schon bestehende Gruppe zu vervollstaendigen und zu staerken, um somit viele Familien des Gebietes zu beguenstigen.

Milagres ist eine Gemeinde in der Stadt Olinda (im Bundesstaat Pernambuco). Sie bildete sich durch die immer wiederkehrenden Landbesetzungen armer Familien aus dem Inneren des Bundesstaates und anderen Elendsvierteln des Grossraumes Recife's. Da es sich um ein sumpfiges Mangrovengebiet handelt, schuetteten seine Bewohner vor dem Bau ihrer Huetten den schlammigen Grund mit Lehm und Bauschutt auf. Sie fertigten ihre Huetten aus Holzabfaellen, Pappe und aus Material, das aus dem Abriss von alten Gebaeuden und Haeusern stammte. Dabei muss hervorgehoben werden, dass es dort auch schon Haeuser aus Ziegelsteinen gibt, die von Familien, die dort schon laengere Zeit dort wohnen, gebaut wurden.

Das so aufgeschuettete Mangrovengebiet machte nach und nach einer neuen Wohnsiedlung Platz, wie es bei vielen, vielen anderen Elendsviertel der Randgebiete der brasilianische Staedte der Fall ist. An diesen Orten sind eine Urbanisierung oder die Instalierung von sanitaeren Anlagen kaum oder gar nicht vorhanden. Das laesst die Misere noch groesser werden und die Bewohner dieser Elendsviertel sich als von der Gesellschaft verstossene fuehlen.

Angesichts dieser fast aussichtslosen Situation - wie oben beschrieben - wuerde ein System von Genossenschaften die Verbesserung der Lebensqualitaet dieser Bevoelkerung bewirken. Hierbei muss der erzieherische Karakter einer kooperativen Lebensweise herausgestellt werden.

Die materiellen Mittel sind nur fuer die Einpflanzung des Projektes und fuer das erste Jahr seiner Existenz notwendig. In den darauffolgenden Jahren soll schon ein verfuegbares Kapitel verhanden sein, und die Mittel sollen aus der Eigenproduktion der Gruppe kommen, die dann spaeter die Kooperative selbst verwalten wird.

Da aber das Institut augenblicklich eine Fuelle von Arbeiten ausuebt, verfuegt es nicht ueber personelle und materielle Mittel um diese neue Aktionslinie verwirklichen zu koennen.

3. Ziele

3.1. Allgemeines Ziel

- Der Frau aus der Unterschicht durch die Schaffung einer Handarbeitsgenossenschaft die Aufbesserung des Familieneinkommens und einer kollektiven Aktivitaet mit Sozialisierungskarakter zu ermoeglichen.

3.2. Spezielle Ziele

- Die Aufwertung der Frauenarbeit und die Durchorganisierung von natuerlichen Gruppen der Gemeinde durch das Anregen von sozialisierenden Handarbeiten.
- Den Frauen von Milagres eine produktive Arbeit zu verschaffen zur Aufbesserung ihres Familieneinkommens und den Lebenshaltungskosten beitraegt.
- Die Intregierung in eine Gruppe durch die Gruendung einer Kooperative zu foerden, die sich innerhalb von kurzer Zeit mit ihren eigenen Mitteln unterhalten kann.
- Die Einfuehrung der Frauenarbeit, die auf dem oertlichen Arbeitsmarkt auf wenig Echo als produktive Aktivitaet stoesst, und die Schaffung von guenstigen Moeglichkeiten zur Kommerzialisierung der hergestellten Waren unter Ausschluss von Zwischenhaendlern und damit die Gewinne aus den Handarbeiten zu vergroessern.
- Kontakte mit anderen Handarbeitsgruppen herstellen, um damit den Austausch von Erfahrungen und das Erlehrnen neuer Arbeitstechnicken anzuregnen.

4. Durchfuehrung

4.1. Im ersten Jahr

- Preiserhebungen auf dem Ortsmarkt durchfuehren, die mit der Produktion von Handarbeitsprodukten zu tun haben.
- Kontaktaufnahme mit den schon im Gebiet vorhanden Kooperativen.

- Bestimmung eines Ausstellungsortes fuer die von Gruppe hergestellten Handarbeiten.
- Schaffung eines Verwaltungsrates fuer die Rechnungskosten des Projektes.

4.2. Im zweitem Jahr

- Die Publizierung der Handarbeiten der Gruppe um ihren Aktionsradius zu erweitern.
- Die Teilnahme an Maerkten fuer Handarbeitsprodukte der Stadt.
- Die Anmietung einer Ladenbox in dem Kulturhaus (Casa da Cultura, grosser Markt fuer Handarbeitsprodukte) zur Ausstellung und zum Verkauf von den von der Gruppe hergestellten Waren.

5. Benoetigte Mittel

A. Personelle Mittel

- Ein Begleiter mit Universitaetsausbildung im Zustaendigkeitsbereich Kooperativismus, der sich an das Personal unseres Institutes anschliessen wuerde, mit der spezifischen Aufgabe dieses Projekt zu orientieren und andere kooperative Erfahrungen anzuregen.

Monatsgehalt:US$ 350,-
Jahresgehalt: US$ 350,- x 13 = US$ 4.550,-
Transportkosten zu den Randsiedlungen der Stadt (Benzin usw.)
Durchschnittliche Kosten pro Monat: US$ 50,-
Jahreskosten: US$ 600,-
Gesamtsumme: US$ 5.150,-

B) Einmalige Summe der materiellen Mittel: US$ 5.492,25

6. Vorgesehende Dauer des Projektes: 2 Jahre

7. Verantwortliche fuer das Projekt

- Vera Lúcia A. de Oliveira, Psychologin und Mitglied des Beratungsteams des Instituts fuer soziale Philosophie.

- Karl-Heinz Efken, Philosoph und Mitglied des Beratungsteams des Institutes fuer soziale Philosophie.

Material fuer die Handarbeitskooperative

Materialien	Stueckpreis	pro Monat	pro Jahr	
Stoff 'Etamine'	50 m: 150,00U$	25 m: 75,00U$	900,00U$	
Verschiedene Stoffe	je 1 m: 2,50U$	30 m: 75,00U$	900,00U$	
Wolle 'Clea'	1Knäul: 2,50U$	25 K. 62,50U$	750,00U$	
Garn 'Zebra'	1Rolle: 1,00U$	10 R. 10,00U$	120,00U$	
Verschiedene Nadeln	1,60U$	20,00U$	240,00U$	
Scheren-grosse:	5,00U$	5,00U$	60,00U$	
kleine:	3,50U$	3,50U$	42,00U$	
Naehmaschine'Elgin'	168,75U$		506,25U$	(3 Stueck)
Stickrahmen (verschiedene Typen)	1,50U$	9,00U$	108,00U$	
Eine Schachtel Knöpfe	1,00U$	10,00U$	120,00U$	
Verschiedenes(Saumbaender, Stecknadeln, Druckknöpfe, Fingerhüte, Gummibaender, Messbänder):	25,00U$	25,00U$	300,00U$	
Knüpfgewebe:	je 1,50U$	50m 75,00U$	900,00U$	
Filme 'Kodachrome' VRC 100 asas 24 Aufnahmen:	2,70U$	27,00U$	270,00U$	
Filme 'Ektachrome' 100 asa 24 Aufnahmen:	1,50U$	15,00U$	150,00U$	
		454,18U$	5.492,25U$	

Anschrift:

INSTITUTO DE FILOSOFIA SOZIAL
Av. Gov. Carlos de Lima Cavalcanti, 141
- Derby -
50.070 Recife / PE
Tel.: (081) 222.6963

HOMILIA PROFERIDA

POR

DOM JOSÉ MARIA PIRES

ARCEBISPO DA PARAÍBA

E

PRESIDENTE DA COMISSÃO EPISCOPAL REGIONAL

DO NORDESTE II DA CNBB

CONCELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA

JUBILEU DE OURO SACERDOTAL

DE

DOM HELDER CÂMARA
ARCEBISPO DE OLINDA E RECIFE

RECIFE, 16 DE AGOSTO DE 1981

HOMILIA PARA A MISSA DO JUBILEU SACERDOTAL

DE DOM HELDER CÂMARA - 16 DE AGOSTO DE 1981

"O SENHOR FEZ EM MIM MARAVILHAS" (Lc. 1,49)

Podemos imaginar, queridos irmãos, quantas e quantas vezes estas palavras, ouvidas há pouco dos lábios da Virgem Maria, já foram repetidas por Dom Helder - nestes fecundos 50 anos de sua vida sacerdotal: "O Poderoso fez em mim maravilhas".

No caso de Nossa Senhora, essas maravilhas eram patentes: em suas entranhas virginais crescia o Filho de Deus feito homem. Estava próxima a salvação. Maria devia dar à luz o Salvador e introduzí-lo na sociedade. Todo padre que se ordena, traz em si a esperança do povo. Junto com outros cristãos, ele é designado para semear a Palavra Libertadora no coração da humanidade. Escolhido entre seus irmãos, ele recebe o poder de dar vida sacramental a Cristo na Eucaristia e de sentar-se como juiz no tribunal da Reconciliação para pronunciar a sentença de perdão: "Eu te absolvo dos teus pecados".

Há 50 anos o padre Helder - como os mais íntimos continuaram a chamá-lo mesmo depois de feito bispo - há 50 anos o padre Helder, como um pai, distribui com aqueles que o rodeiam a Palavra da vida que ele mesmo rumina em seu coração, diariamente, em longas vigílias de oração que se estendem pela madrugada. Sacerdote para o povo, há 50 anos ele sobe todos os dias ao altar, gera o Cristo na celebração da Eucaristia e o oferece ao povo para saciar a fome e a sede dos que caminham para o Reino da justiça.

Nós que nos reunimos para celebrar o seu Jubileu de Ouro de Ordenação Sacerdotal, exultamos como Nossa Senhora. E com ela agradecemos ao Senhor que fez de padre Helder o amigo dos pobres e dos pequenos.

CANTO: Glória, Glória, Aleluia

Mesmo que as circunstâncias não permitissem ao padre fazer outra coisa a não ser celebrar a Missa e anunciar o Evangelho, sua contribuição social já seria valiosa e indispensável. Os pulmões trazem oxigêncio ao sangue e expulsam o ar viciado. O padre traz a palavra purificadora e a Eucaristia que rejuvenesce.Palavra de Deus é semente que, mesmo se não brota logo, fica na terra esperando o tempo oportuno. Eucaristia é celebração de Cristo ressuscitado; é garantia de sua vinda gloriosa. O mundo necessita dessas seguranças das quais o padre se faz ministro e servidor.

Pena que a semente da Palavra de Deus não germine em muitos corações. Pena que tantos não possam celebrar a Eucaristia como uma festa: a vida deles nada tem de parecido com uma festa. Pena que quase não se vive a Eucaristia como o sacramento da partilha. Pena que, para a maioria das pessoas, este mundo se assemelhe mais a um "vale de lágrimas" do que a um paraíso...

O que fazer diante dessas situações?

Alguém poderá dizer que é Deus quem quer assim: os sofrimentos são expressão da vontade dele e quem sofre, está cumprindo a sorte que Deus lhe deu.Dom Helder não está com os que pensam assim. Muitos, felizmente, sabem e afirmam que o sofrimento não vem de Deus porque Deus é pai e um pai bom e justo não quer ver seu

filho sofrer. Remédio, todavia, não existe: não se pode mudar o mundo. A gente deve conformar-se e esperar de Deus a recompensa na outra vida. Também não é aqui que Dom Helder se situa. Há, por fim, os que não gastam seu tempo discutindo se o sofrimento é ou não é vontade de Deus. Julgam seu dever lutar para que as coisas mudem e se tenha um mundo novo baseado na justiça e no amor. É esse o caminho que o nosso Dom Helder vem percorrendo há meio século: ele sempre acreditou que as coisas podem e devem ser diferentes; ele sempre deu o melhor de si em favor de uma profunda mudança da sociedade. E ele acredita nessa mudança do jeito que o povo a canta:

CANTO: Eu acredito que o mundo será melhor, quando o menor que padece, acreditar no menor.

Na busca de uma nova ordem social, Dom Helder, a princípio, abriu um crédito de confiança a organizações ditas populares embora não nascidas do povo nem por ele dirigidas. O integralismo se apresentou nessa faixa de organização política a serviço de uma ordem nova e obteve a adesão do jovem padre Helder Câmara.

Como toda a Igreja daquele tempo, Dom Helder acreditou no Governo e em sua vontade sincera de solucionar os grandes problemas do povo. Manteve excelentes relações com todos os governantes, marcou presença nos Palácios e nos Ministérios, obteve apoio oficial para projetos ousados e realizações de vulto como a Cruzada São Sebastião e o Banco da Providência. Em termos humanos, esse foi o período áureo da vida de Dom Helder: ele era uma estrela em ascensão. Respeitado e ouvido pelo Governo, aceito pelos poderosos, consultado pelos maiores da Igreja, amado e reconhecido como benfeitor pelos humildes... tal era o padre Helder do Rio de Janeiro, fundador da CNBB, inspirador da SUDENE, organizador do 36º Congresso Eucarístico Internacional... Não houve iniciativa ou realização importante na Igreja ou no Governo de que não participasse direta ou indiretamente o padre Helder Câmara.

CANTO: Eu escutei os clamores do meu povo, eu pensei num mundo novo
que está no coração de cada homem que responde à vocação

A estrela começa a declinar quando uma análise mais crítica da realidade, vista sob a luz do Espírito Santo, vai revelando a Dom Helder que a pobreza não diminui apesar de todos os progressos elaborados e todos os novos organismos criados. Ao contrário, ela cresce constantemente de modo que os ricos se tornam mais ricos enquanto os pobres vão se empobrecendo sempre mais. Dom Helder percebe também que esse abismo de desigualdade na distribuição dos bens e da renda não é fato raro e excepcional: é decorrência da ordem vigente sustentada pelo poder político, legitimada pelas decisões judiciais, abençoada pela Igreja e garantida pelas Forças Armadas. Governo, Justiça, Religião e Exército eram os grandes aliados e os baluartes de um sistema iníquo de opressão. João Paulo II viria confirmar o refrão tantas vezes repetido por Dom Helder ao estabelecer em Puebla a relação dialética entre riqueza e pobreza em nosso continente. O Papa se referiu a "mecanismos que ... produzem em nível internacional ricos cada vez mais ricos à custa de pobres cada vez mais pobres" (Puebla - Discurso inaugural, 3,4). À proporção em que Dom Helder ia percebendo essa relação de forças, foi se distanciando dos Palácios e dos Ministérios e se aproximando do povo. Deixou de procurar os grandes para obter ajuda deles e levá-la aos pobres. Passou a animar os pobres a se unirem para exigir por direito o que antes se lha dava (ou se lhes negava) como esmola. Sua voz ultrapassou as fronteiras nacionais e continentais. Foi até às metrópoles da América do Norte e da Europa para denunciar o colonialismo das grandes nações contra as mais pobres e menos desenvolvidas. Dentro dos horizontes brasileiros, ele não se cansou de bradar contra o colonialismo interno que mantém na miséria regiões inteiras de densa população como é o caso do Nordeste. Mais do que qualquer outro bispo, Dom Helder lutou na CNBB e em Medellin para que a Igreja se dessolidarizasse do poder e deixasse de ser um dos aliados do sistema opressor.

Estas atitudes evangélicas e patrióticas lhe custaram um preço elevado - representado por incompreensões, perseguições, calúnias. Exacrado pelo sistema que lhe cassou a palavra: os Meios de Comunicação foram proibidos de divulgar a sua voz e de transmitir seu pensamento ou mesmo de declinar seu nome. Perseguido pelos partidários do sistema: escreviam horrores contra ele e lhe negavam o direito de se defender. Visto com restrições mesmo em setores da Igreja, doeu-lhe tudo aquilo que se afirmou como a indicar reservas de Roma, do Santo Padre. De Paulo VI, no entanto, em palavras, gestos e até em pequenos presentes - como o do Missal para celebrar nas viagens -, teve a comprovação de uma certeza firmada em quase trinta anos de conhecimento, de que o Dom Helder que mostrava as favelas do Rio ao Mons.Montini, era o mesmo que levava a Paulo VI a visão do mundo de hoje e das suas exigências de justiça. De qualquer forma Dom Helder sofreu muito com todas as censuras, calúnias e perseguições de que estava sendo vítima. Ele sabia porém que estava vivendo a hora do Getsêmani, ele sabia que era importante para sua purificação e para a causa da libertação dos oprimidos sentir na própria carne as humilhações do Servo de Javé: "Era desprezado, ninguém gostava de tratar com ele. Homem das dores, acostumado a sofrer. A gente desviava o rosto para não vê-lo, deixava-o de lado e não fazia caso dele. Era considerado como um leproso ferido por Deus, humilhado por "Ele" (Is.53,3). Ficou claro que o que Deus queria de seu padre Helder era que ele encarnasse na vida o Sacrifício da Cruz que celebrava no altar. Para assumir a causa dos pobres, não deveria contar com os aplausos dos poderes que eram interpelados por sua pregação. Talvez por causa disto seus admiradores sonharam com distinções de que tanto desejaram vê-lo revestido. Não sabiam, certamente, que o dia 7 de julho de 1980 reservava para Dom Helder o momento daqueles dois grandes abraços de João de Deus no Aeroporto do Recife e no Joana Bezerra e o maior dos títulos que ele jamais recebeu: - "Irmão dos pobres e meu Irmão"!

O panorama foi se modificando e o sofrimento de tantos servos de Javé não tem sido estéril. A Igreja do Brasil vai se posicionando sempre mais ao lado dos humildes e injustiçados. As Comunidades Eclesiais de Base surgem e se firmam sobre duas colunas: a realidade e a Palavra de Deus. A Palavra de Deus ilumina a realidade. As duas mostram o caminho a seguir. O nível de consciência crítica vai se elevando no meio dos mais simples. As Comunidades não são contra o Governo. Mas sabem que não podem esperar muito dele. Sua luta não é contra pessoas. Não se filiam a esta ou àquela corrente. Não se identificam com este ou aquele-

Partido político. O que elas pretendem é a realização do projeto original de Deus retomado por Cristo, o projeto da nova aliança, o projeto de uma nova ordem social e econômica que proporcione a todos justiça e paz, trabalho e bem-estar. O Movimento ENCONTRO DE IRMÃOS, criado por Dom Helder e sustentado por sua voz no rádio enquanto for possível, teve influência relevante na formação e dinamização das Comunidades Eclesiais de Base no Nordeste.

Sabemos que ainda não é o tempo da colheita. As transformações profundas que devolvem ao homem a esperança de que o Reino de Deus é possível desde aqui, não se deixam ainda contemplar. E Dom Helder nos propõe um desafio: preparar o advento de um mundo novo não através da luta armada ou da "luta-de-classes" mas através do que ele denominou "Pressão Moral Libertadora" e hoje se conhece mais com o nome de Firmeza Permanente ou de Não-Violência Evangélica. Alega-se que, até hoje, não se tem notícias de transformação social sem o recurso às armas convencionais. A Nicaragua seria um dos mais recentes testemunhos. Creio, porém, que a história dos primeiros séculos do cristianismo nos aponta o exemplo de como foi possível transformar costumes sociais e estruturas religiosas pela ação do Evangelho e pelo testemunho dos mártires. Estou convencido de que algo semelhante pode ocorrer em nossos tempos nas estruturas da sociedade e já está se anunciando na caminhada dos mais simples que tomam consciência de que, unidos e organizados, são a força vitoriosa de Deus.

Eis em que vieram dar os 50 anos de sacerdócio do Padre Heler. Valeu tê-los vivido. Valeu ter sofrido. Valeu ter chorado. E vale continuar na mesma esperança abraâmica de ver o Dia do Senhor. Viu e se alegrou. E nós estamos vendo e nos alegrando com o padre Helder.

Nessa esperança, nessa visão e nessa alegria, vamos cantar o cântico de Nossa Senhora, a mãe do Libertador. É cântico de louvação! É cântico de Revolução. Nós já o ouvimos solenemente proclamado no Evangelho. Vamos confirmá-lo no canto do Refrão do Magnificat:

CANTO: Refrão: O Senhor fez em mim maravilhas, santo é o seu nome.

* * * * * * * *

Irmã Escobar

UNIVERSIDADE POPULAR DOM HELDER CÂMARA

O QUE É?

É uma união de força e saber-popular e acadêmico - em vista de uma mudança social, restituindo ao homem sua dignidade e primazia.

A universidade do saber e do saber fazer resgatados na partilha e na participação criativa e crítica e produtiva.

A universidade sem burocracias, com programas flexíveis criados e adaptados segundo as necessidades e as realidades locais. As escolas, os núcleos e suas atividades emergem ora de grupos profissionais que voluntariamente colocam seu saber à disposição do povo, ora das necessidades de grupos populares que buscam soluções para seus problemas.

ONDE FICA?

A Universidade Popular Dom Helder Câmara tem como sede a FUNDAÇÃO CECOSNE - **Rua José Osório, 124 - Madalena, CEP- 50711 - Recife-PE Brasil.**
Mas suas atividades de comunicação-educação e seus serviços estão abertos a toda a população, sem limite de espaço geográfico.

COMO É MANTIDA?

A Universidade Popular Dom Helder Câmara é mantida por atividades produtivas dos participantes e por projetos e convênios com entidades nacionais e internacionais.

QUAIS OS SEUS PROGRAMAS?

Atualmente, na face embrionária, a Universidade Popular Dom Helder Câmara está mantendo programas experimentais e de preparação de pessoal acadêmico e popular.

Os programas podem ser:

1- **Permanentes:** extensivos e intensivos. Haja vista o experimento jovem - 14 jovens de 3 comunidades em programa intensivo de um ano, voltados à aquisição de conhecimentos humanos. básicos.

2 - **Ocasionais** - dependendo de eventos ou necessidades emergentes.
1º seminário de Educação Popular - novembro de 1987
2º seminário de Educação Popular - agosto de 1988

3 - **Itinerantes** - atividades educativas nas comunidades pobres principalmente através da Unidade Móvel (Kombi com biblioteca som e teatro).

4 - **Solicitados** - Programas pedidos por grupos ou comunidades. Ex.: Série de espetáculo de Teatro de Bonecos para reforço de programas de saúde

5 - **Complementares** - programas que ajuda a terminar cursos of ciais abandonados ou imcompletos.

6 - **Especiais** - conveniados e coparticipados com outras entida Atualmente já estão funcionando: curso de pós-graduação Educação Popular, Comunicação e Educação Especial(460 hor aperceiçoamento), em convênio com a Faculdade de Filosof do Recife.
Seminário de desenvolvimento de Comunidade em convênio de anos com Coady International Institute da Universidade S Francisco Xavier Antigonish, Nova Scotia, Canada.
Curso de Mestrado - Educação para a mudança - convênio com Universidade de Quebec à Hull - Canada.

COMO ESTÁ FUNCIONANDO?

A Universidade Popular Dom Helder Câmara, na sua fase embr nária está funcionando através de núcleos:

1 - **Núcleo de coordenação** - reune todos os serviços de inf estrutura e as atividades educativas não especificad em outros núcleos, assim como a elaboração de projeto

2 - **Núcleo de promoção e capacitação** - é o cerne da Unive sidade Popular Dom Helder Câmara, onde as atividades promoção e capacitação são realizadas além dos cont tos pessoais, através de múltiplos meios, como semin rios, debates, encontros, simpósios, cinema, víde cassete, etc, etc...

3 - **Núcleo de atividades produtivas** - busca a promoção hum através da educação pelo trabalho artesanal, artísti e/ou profissional, apoiando grupos existentes ou prep rando e organizando outros e mesmo indivíduos, nas Com nidades emprobrecidas.

4 - **Núcleo de Comunicação** - incorpora às tecnologias educ cionais todos os equipamentos áudio-visuais e respons biliza pelas produções de rádio, vídeo-tapes,cassetes, etc., para as atividades educativas e profissionais. E tuda o fenômeno da Comunicação nos seus múltiplos a péctos. Reune os serviços de Relações Públicas Mercadologia.

5 - **Núcleo de Criatividade Infantil** - congrega as atividad relacionadas com as crianças - especialmente a esplora e empobrecida - e a preparação psico-pedagógica e artí tica de pessoal. Funciona em três áreas - Ludoteca atividades lúdicas sistemática, Teatroneco - espetác los e títeres; Politeca - com atividades várias de pre ração de pessoal, confecção de jogos etc.

6 - **Núcleo de Pesquisa** - acompanha e/ou planeja e coorde as pesquisas da Universidade Popular Dom Helder Câmar Está sob a orientação direta do Centro de Pesquisas FAFIRE - CEAPE

7 - **Núcleo de saúde** - reforça os trabalhos de educação para a saúde através de programas de rádio, teatro, etc. Ainda não tem rumo bem definido, será mais voltado para educação preventiva e medicina natural.

8 - **Núcleo Sócio-Religioso** - Suscita e encaminha grupos na reflexão transcendental ou espiritual, nos trabalhos de Pastoral, nas atividades ecumênicas e revê as produções religiosas.

9 - **Núcleo de Relações Internacionais** - promove a fraternidade universal e coordena a correspondência, projetos, visitas, informações e qualquer outra atividade afim às relações internacionais na Universidade Popular Dom Helder Câmara.

10 - **Escola Brasileira das Artes do Boneco** - em coparticipação com a Associação Brasileira de Teatro de Bonecos (ABTB) e a União Internacional de Marionetistas (UNIMA). Está sendo inaugurada e é a primeira e únicca escola desse tipo no País. Funcionará com programas regulares oferecendo os títulos de ator bonequeiro, educador bonequeiro e animador bonequeiro, assim como cursos livres de curta duração.

QUAIS OS PROBLEMAS MAIS RELEVANTES NESTA FASE INICIAL?

1 - As fontes de financiamento:

- acionar as fontes de financiamento próprias(serviços culturais: espetáculos, artesanatos, alojamento e cantina)
- necessidade de uma boa programação visual e uma eficiente equipe de divulgação.
- contatar as fontes de financiamento nacionais e internacionais.
- manter um serviço de elaboração de projetos, informações e correspondêcia

2 - A infra-estrutura física

- para o funcionamento da Universidade Popular Dom Helder Câmara é premente!:

. a construção de uma ala de alojamento e ampliação de salas de trabalho(o projeto já está pronto).

. melhoria dos equipamentos: som, cine, vídeo,etc.

3 - Pessoal

. docência - preparar equipe que sustente o rumo metodológico e a proposto filosofia adotada.

. participantes - organização de pessoas, dos mais diversos níveis culturais, sociais e econômicos que queiram colaborar de qualquer maneira com a Universidade Popular Dom Helder Câmara e para isso se comprometam periódicamente, esporadicamente ou mesmo de uma só vez.

QUAL A SUA PROPOSTA?

A Universidade Popular Dom Helder Câmara se propõe dar às pessoas uma visão geral do universo, da dignidade da pessoa humana, de sua inserção no mundo e de seu aspecto transcendental, profissional e político.
Os estudos são dirigidos à descoberta de um viver mais participativo, mais crítico e mais criativo.
A Universidade Popular Dom Helder Câmara oferece atividades educativas, que tenham sido consideradas aportunas e prioritárias em face a uma mudança social e as pessoas interessadas se programam de acordo com suas motivações e as necessidades de suas comunidades.

Recife, 22 de junho de 1988

Dom Helder: Igreja das Fronteiras

JORNAL DO BRASIL
Data 28/05/89
Caderno 1º Pág 05

Igrejas debatem a dívida externa

Os pilares de sustentação do capitalismo, como os juros e a lei do mercado, passam a ser analisados à luz da teologia. Esse é provavelmente o tema mais polêmico do encontro Consulta nacional: Igrejas e dívida externa, iniciado ontem e promovido pelo Conselho Nacional das Igrejas Cristãs do Brasil (Conic). "O objetivo é fazer uma análise detalhada dos projetos econômicos. Eles se sustentam em verdades inquestionáveis e, portanto, se tornam santos. O papel da teologia é questionar tudo isso", explica o pastor Gofffried Brakemeier, presidente do Concic.

A sustentação científica para esses questionamentos veio na bagagem de um teólogo católico alemão, residente na Costa Rica, Franz Hinkelamert, que expõe sua tese hoje. Para o sociólogo do Jether Pereira Ramalho, do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (Cedi), a principal intenção é demonstrar que certas regras econômicas acabam criando verdadeiros ídolos. "Hoje nós temos a idolatria do capital, da privatização ou mesmo do Estado, nos países socialistas".

Essa é a quarta vez que as igrejas se reúnem para debater a economia. Com o propósito de "não se omitir diante dessa trágica realidade a que o Brasil está submetido", segundo o pastor Brakemeier, o encontro espera envolver não só os políticos e representantes do governo brasileiro, mas representantes da Holanda, Suíça, Alemanha, Estados Unidos e Inglaterra, ou sejam, os credores.

Jether, Gollfried e Frei Félix

"A questão da dívida não é de números, mas de vidas e é isso que interessa às igrejas. Cabe-nos questionar os aspectos políticos, morais e éticos dessas negociações", adverte o sociólogo Jether Ramalho. O outro objetivo da consulta "é impedir que os aspectos econômicos sejam discutidos por meia dúzia de técnicos e a maioria da população nada saiba", complementa.

As igrejas também querem atrair os políticos e sindicalistas. Hoje, debaterão os presidentes da CUT, Jair Meneguelli, e da CGT, Joaquim dos Santos Andrade. Depois será a vez do candidato do PT à Presidência da República, Luis Inácio Lula da Silva. Amanhã, a vez será do PDT, com palestra de Leonel Brizola, e do PSDB, com o senador Mário Covas. A quinta-feira foi reservada para o PDS, com o senador Jarbas Passarinho. O Ministério da Fazenda vai expor sua posição através do coordenador dos Créditos Externos do Ministério da Fazenda, Osvaldo Moreira Souza.

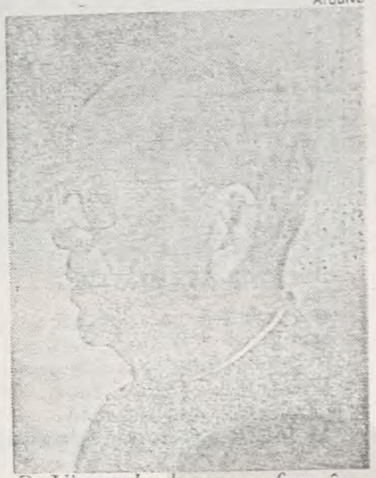
As conclusões do encontro serão divulgadas a todas as igrejas do país "para que a dicussão se abra de uma forma definitiva", acredita o pastor Brakemeier. A consulta vai servir para lançar o livro *Dívida externa e Igrejas, uma visão ecumênica*, elaborado pela Cedi.

CEDIM

JORNAL DO
Data 28 03
Caderno 2º Pág

D. Vicente diz que miséria pode provocar a revolução

Arquivo



D. Vicente lembrou caso francês

PORTO ALEGRE — Ao falar sobre a Revolução Francesa, que comemora seus 200 anos, o cardeal Dom Vicente Scherer, ex-arcebispo de Porto Alegre, disse que o exemplo da rebelião contra o absolutismo ainda serve de advertência aos governantes e detentores do poder econômico no Brasil, para que "não permaneçam indiferentes diante das hodiernas massas empobrecidas e marginalizadas". Observou que os donos do poder devem-se "prevenir para evitar iniciativas violentas e injustas de multidões desperadas e revoltadas".

No programa radiofônico semanal *A voz do pastor*, Dom Vicente Scherer definiu como "desvairados e delirantes" os líderes da Revolução Francesa, que derrubaram a realeza, mas ressaltou que ela trouxe princípios importantes para a humanidade, relativos a direitos e deveres do cidadão, alguns deles inspiradores da Declaração Universal dos Direitos do Homem da Organização das Nações Unidas (ONU).

— A máquina das execuções não parava. Sob o aplauso frenético da multidão desvairada rolavam incessantemente as cabeças das vítimas — afirmou Dom Vicente Scherer, ao relatar as condenações cometidas em nome da libertação dos franceses do despotismo de Luís XVI. Salientou que muitos inocentes morreram na guilhotina "sem processo, sem defesa e sem apelação".

O cardeal condenou os excessos da revolução que "devorou seus próprios filhos", entre eles Jean-Paul Marat, Danton, Robespierre, Camile Desmoulins. Na sua opinião, as exacerbações revolucionárias francesas devem ser recordadas para evitar que fatos violentos similares possam se repetir no Brasil de hoje, em decorrência das diferenças sociais e da insatisfação popular.

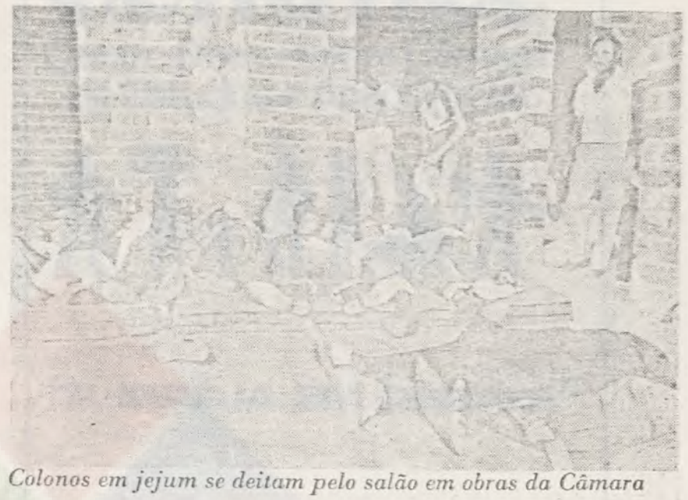
Polícia investiga atentado a bomb contra evangélico

RECIFE — Depois de tentar, através d go, se livrar do grande barulho da Igreja d gelho Quadrangular, cujos fiéis dia e noite gritam, elevando a muitos decibéis o som crofones do templo, a população do bairro Amarela, na Zona Norte do Recife, decid uma providência: no último fim de sema bombas de fabricação caseira jogadas no igreja, ferindo levemente alguns dos seus fi dores. Por causa disso, a Igreja Quadran chou ontem suas portas e pediu à pol apurar o atentado, depois de prestar q ocorrido na delegacia de Casa Amarela.

— Isso não é uma igreja, é uma ve cachorrada — afirmou indignada uma das do templo, D. Maria José Mendes, que, com tanto barulho, tentou até cansar os fi Maria pôs o seu som no último volume na do seu apartamento, o som no últim me, mas nem assim conseguiu impedir qu tos e gritarias cessassem. Disse Dona M muitos moradores da área não conseg mais ver televisão por causa do barulho, tem idéia de quem teria jogado as bo templo.

A Igreja do Evangelho Quadrangular (G Graça, prece poderosa não está ligada à bléia de Deus nem à Batista, não havendo ções sobre a sua linha de atuação. N plo, sabe-se apenas que o missionário Oliveira é um dos orientadores espirituais

Data 28/03/89
Caderno 1º Pág 05



Colonos em jejum se deitam pelo salão em obras da Câmara

Jejum inicia protesto no Sul

Se não adiantar, os sem-terra farão uma greve de fome

PORTO ALEGRE — Munidos de colchões, cobertores, travesseiros, algumas sacolas com roupas, 75 trabalhadores rurais sem-terra, um padre, um sindicalista e um estudante de teologia iniciaram ontem um jejum de 48 horas "em protesto pela forma como os governos federal e estadual vêm tratando a questão da reforma agrária no Rio Grande do Sul". Os colonos foram instalados em um salão da Câmara dos vereadores da capital, ainda em obras.

— Queremos sensibilizar os governos federal e estadual com o jejum para que depois não digam que somos desordeiros e irresponsáveis — afirmou Isaias Vedovatto, da executiva estadual do Movimento dos Agricultores Sem-Terra. Segundo ele, caso não haja nenhuma solução para assentar os 1.200 famílias acampadas na Fazenda Annoni e no Rincão do Avaí, seis lavradores iniciarão uma geve de fome no próximo dia 13, por tempo indeterminado.

Ari de Oliveira, representante dos acampados da Fazenda Annoni, disse que, se o governo não iniciar logo a compra de terras para assentar as 800 famílias da fazenda Annoni e as 500 de Rincão do Ivaí, "a responsabilidade, depois do dia 13, será somente dele, pois essas pessoas estão vivendo em condições sub-humanas".

Disse ainda que representantes do Movimento dos Sem-Terras já vistoriaram 33 áreas, num total de mais de 26 mil hectares, a maioria na região das Missões, Alto Uruguai e Planalto Médio, todas em condições de plantio.

Cendhec

Centro Dom Hélder Câmara
de Estudos e Ação Social

"A IGREJA EM DEBATE"

25 ANOS DO CONCÍLIO

VATICANO II

19 A 21/MARÇO

1991

CENTRO DOM HÉLDER CÂMARA DE
ESTUDOS E AÇÃO SOCIAL-CENDHEC
Rua Viscondessa do Livramento,168
Derby
52.010 - Recife - PE.
Fone: (081) 231-3654

A IGREJA EM DEBATE

(25 ANOS DO VATICANO II)

Ao comemorarmos os 25 anos do Concílio Vaticano II (1965-1990) e as consequências deste evento para a caminhada da Igreja, e diante da atual conjuntura eclesial da Igreja no Nordeste, o **CENDHEC - Centro Dom Hélder Câmara de Estudos e Ação Social -** no seu Núcleo de Teologia, promoveu de 19 a 21 de março, na Faculdade de Filosofia do Recife - FAFIRE, um Seminário de Eclesiologia cujo tema foi: **"A Igreja em Debate: 25 Anos do Concílio Vaticano II".**

Durante essas noites as diversas pastorais, movimentos e grupos populares comprometidos com a construção de uma Igreja sempre mais democrática e solidária com o processo de libertação dos empobrecidos, puderam refletir e avaliar a caminhada da Igreja do Nordeste nos últimos 25 anos, tentando buscar novos caminhos que respondam aos desafios lançados por "esse novo jeito de ser Igreja".

Os artigos aqui coletados são frutos desta tentativa comum de buscar novos caminhos que alimentem a nossa esperança nestes momentos tão desafiadores na caminhada da nossa Igreja.

PANORAMA HISTÓRICO DA IGREJA DE RECIFE E OLINDA

Apresentar um panorama da Arquidiocese de Olinda e Recife ao longo do século, significa ter em mente três etapas. Consideremos a presença de Dom Sebastião Leme como marco inicial do século XX. A sua presença desde 1916 e sua atuação marcou o comportamento da Diocese até os anos 50. Os dois Arcebispos que lhe seguiram continuaram a sua pastoral, dando-lhes apenas um cunho mais pessoal, decorrência própria das personalidades envolvidas. O primeiro período terminaria assim com o final do governo de Dom Antônio de Almeida Moraes Júnior. O segundo período tem início com Dom Carlos Duarte Gouveia e se estende no longo período do Arcebispo Emérito Dom Hélder Câmara. O terceiro e último, para nós, até agora, começou com a posse de Dom José Cardoso.

Não é nosso objetivo, e não temos tempo para aprofundar todas as nuances desses períodos. Contudo, iremos fazer algumas observações que poderão nos auxiliar para compreender certos estrangulamentos nas relações político-pastorais que nos envolvem.

O PRIMEIRO PERÍODO: **Um Catolicismo Político-diplomático** - Suas características, ações e conseqüências.

Este é o mais extenso dos períodos, formando quase cinco décadas. As conseqüências estendem-se até os dias atuais, pois várias gerações foram formadas a partir de uma concepção de Catolicismo que não foi superada e ainda mantém fortes ramificações, visto que, de diversas formas, conquistou corações e mentes, ainda hoje vivas e atuantes na sociedade.

Quando, na Proclamação da República, o Estado brasileiro passou a ser concebido como um Estado leigo e as relações de poder com a Igreja foram substancialmente modificadas. Até o advento da República, a Igreja era formal e juridicamente parte do Estado brasileiro, dele recebendo as benesses e arcando com aspectos negativos que são advindos da situação sócio-governamental. No final do século passado essa associação valeu para a Diocese de Olinda a prisão de seu Bispo, além de restrições às Ordens e Congregações Religiosas. A Igreja Católica ansiava por uma separação que, ao vir, não ocorreu conforme o desejo do Episcopado. A Igreja Católica perdeu benesses que auxiliavam a realização de seus trabalhos, tais como o pagamento das côngruas; afinal de contas, quatrocentos anos de padroado deixam marcas profundas na administração e na pastoral. Embora tenha alcançado a liberdade diante do Estado, a Igreja sentiu-se despreparada para realizar parte de suas tarefas sem as moletas do Estado. Vem uma inconformidade com uma situação que lhe parece adversa, uma certa insegurança diante dos

novos tempos, como pode ser percebido n

Ao assumir a Arquidiocese de Olinda e Recife, Dom Leme apresenta plano de trabalho que,"mutatis mutanti", será seguido quando vier ser Arcebispo e Cardeal do Rio de Janeiro. Além de estar fora do c tro do poder, a Igreja tinha que enfrentar dois desafios: o Protest tismo que se espalhava pelo país, com simpatias das elites que vi as igrejas protestantes como fator de progresso, e o Espiritismo q atingia, principalmente, setores populares da sociedade. Além disso tem que confrontar-se com o "cientificismo", o Positivismo crescen A Igreja precisava recompor as suas forças para enfrentar as novas tuações. Dom Leme parece perceber que o processo de Romanização Igreja no Brasil, embora trouxesse vantagens do ponto de vista da ganização hierárquica e da uniformização da ação do Clero, ficou o suporte do povo, do leigo. Antes da Romanização a prática religi dos católicos era organizada pelo leigo que, sem diminuir a fun dos Presbíteros, ordenavam o dia-a-dia da comunidade: suas orações procissões, etc. A visita do Pároco, sempre em número insuficien te para atender ao povo, a presença das Santas Missões para suprir sa ausência, eram a fórmula utilizada para manter as relações hier quicas dentro da Igreja e para a garantia da Ortodoxia. A Romaniz ção, tornando o Padre o centro da vida religiosa, afastou o laic das práticas tradicionais e não conseguiu criar novas motivações que os leigos continuassem a agir na Igreja. A Romanização foi um cesso excludente em relação ao laicato. Era necessário reencontra caminho para que esse contingente do Corpo Místico de Cristo volt a ter uma atuação na Igreja e no mundo, enquanto cristãos católi A Pastoral de 1916, de Dom Leme, buscou motivar o laicato, especi mente aquele que fala e escreve. A Ação Católica, nos primórdios, curará os setores intelectuais, os formadores de opinião; daí a i tância das conversões de Jackson de Figueiredo e Tristão de Ataí dentre outros. A Ação Católica, baseada nos modelos europeus; pri ro italiano e depois franco-belga. Mas, além das preocupações pa rais estavam as preocupações políticas.

Entendia, Dom Leme, que o Catolicismo era o "cimento" da naciona de e, sem a colaboração da Igreja, o Estado não poderia governar ção brasileira. Não negava o espaço para as novas religiões que aportavam, mas não admitia que o Catolicismo, pelos quatrocentos de trabalho, fosse tratado da mesma forma que os adventícios. A Católica, principalmente em sua primeira fase, a fase das Congre ções Marianas, dos Congressos Eucarísticos, das grandes concentr católicas, foi um esforço para demonstrar a força e poder de mob ção dos católicos. A Liga Eleitoral Católica foi o braço políti substituição ao projeto de um partido Católico, sonhado por

setores desde o século passado. Este quadro não comporta nenhuna ação crítica ao Estado no campo social, além das diretrizes da **Rerum Nova**rum, especialmente quando os setores da administração do Estado perce bem o perigo comunista, tradicional inimigo da Igreja por conta do seu ateísmo militante. A ocorrência de duas Guerras Mundiais no perío do, é também inibidor de uma ação social a ser feita com os pobres. As benesses que a Igreja consegue depois de 1930, as doações de ter ras e verbas para construções de colégios, capelas, igrejas, hospi - tais, seminários e outras obras pias, parece que fazem a Igreja pri- sioneira do Estado e da sociedade que busca manter o "status quo" . Porém, as contradições internas provocadas pela Ação Católica vieram, lentamente, a apontar novas direções para a Igreja, notadamente após a Segunda Guerra. Na Diocese seguia-se o modelo proposto pelo Cardeal do Rio de Janeiro. As Congregações, o Apostolado da Oração, a Organi- zação da Cruzada Infantil, a formação da Legião de Maria, o crescimen to do Movimento Vicentino, entre outros, são as tendências Pasto - rais que frutificam. A Igreja desempenha a sua missão no fortalecimen to de uma espiritualidade complementada com óbolos, ações construti - vas que não oferecem qualquer crítica ou perigo à organização social. Não fossem os pequenos problemas causados pela presença dos religio - sos alemães, a guerra contra o Nazismo e a Ditadura do Estado Novo não seriam questionadas pelos católicos.

Contudo, o embate intelectual ocorrido na Europa faz surgir o Persona lismo e Existencialismo Cristão para cá trazidos pelos intelectuais ' convocados por D. Leme. Se a ORDEM era o chamamento básico de Jackson de Figueredo, as inquietações sociais fizeram crescer as tendências críticas capitaneadas por Alceu de Amoroso Lima, com penetração forte nos meios universitários católicos. A Ação Católica Operária e Juven- tude Operária Católica foram fatores que inclinaram a ação da Igreja para uma nova direção. Nos anos 50, D. Antônio Moraes Júnior, concla- mara os ricos a fornecerem auxílio para as obras de caridade, como forma de evitar a escalada de violência que poderia vir a ameaçar os grupos dominantes da sociedade; nos anos 70 já não será possível en- tender a prática do leigo católico apenas como um realizador de boas obras e visitador de enfermos e organizador-participante de congrega- ções, voltadas apenas para os aspectos espirituais da vida humana. O Catolicismo tenderá a ser cada vez mais uma opção de ação de um PROJE TO HISTÓRICO, datado e vivido em uma dada sociedade.

SEGUNDO PERÍODO: **Um Catolicismo de Prática Social.**

O segundo período tem início sugestivamente com a figura de D. Carlos Coelho, um dos fundadores da Conferência Nacional dos Bispos do Bra sil - CNBB, antigo assistente da Juventude Operária.

O pouco tempo de governo de D. Carlos não foi suficiente para cr
uma característica própria, porém, os que com ele trabalharam ai
lembram da seriedade de sua administração e o cuidado para com os
vimentos católicos junto aos trabalhadores. A JOC parece ter sido
tante beneficiada por sua atuação, conhecendo um crescimento basta
grande nesse período. Desenvolveu um processo de vinda de Padres e
peus, não apenas para efetuar missões, mas para assumir Paróquias
formação, demonstrando uma visão mais a longo prazo do que os gan
provisórios de uma Santa Missão. A sua morte trouxe para a Diocese
em momento crucial da sociedade brasileira, o então Bispo auxiliar
Rio de Janeiro, Dom Hélder Câmara, cuja atuação era marcada por
notória preocupação com as condições de vida enfrentadas pela popu
ção pobre da cidade maravilhosa.

No passado, D. Hélder foi assistente dos Integralistas, dos quais
a afastar-se; assistente da Ação Católica, idealizador da CNBB e,
mo Bispo auxiliar, desenvolveu uma ação junto às populações pobres
então Distrito Federal. Essa preocupação já lhe valia o título
"Bispo Vermelho". Este epíteto é decorrência de certas modificaçõe
que estavam ocorrendo no Brasil, na América Latina e no mundo.
modificações sociais nos impedem cada vez mais de analisar a realid
de apenas um dos seus óbices. Os anos cinqüenta foram os anos do p
lismo, do desenvolvimento e o alerta de toda uma geração contra a
ciedade criada no pós-guerra. Os meios de comunicação, a rapidez
transportes, os avanços nas áreas de saúde e ciências, começaram
colocar no crivo todo um jeito de viver. O deterioramento das cond
ções de vida impostas aos países periféricos, a manutenção de estr
ras agônicas e antiqüadas, para a preservação dos poderosos de se
pre, começou a ser criticado nas Universidades e, nos centros econ
cos mais vivos, a recepção constante dos enjeitados pelo sistema
dustrial, faz surgir um sentimento de rejeição a este modo de vive
"Rock and Roll", bossa nova, músicas de protestos, teatros de vang
da, inovações litúrgicas, mini-saias, Universidades abertas, esco
las para a liberdade, métodos novos de ensino, independência dos p
ses africanos e asiáticos, primeiras grandes fraturas no bloco
antigo leste europeu (soviético), Revolução Cubana, anticonceptivo
tudo isto forma o imenso mosaico dessa nova fase. Estar interessa
do em entender esses movimentos sociais, buscar uma nova forma de
ganização social, procurar compreender esse mundo que já não po
mais admitir as explicações de outrora: tudo isso provocará o surg
mento do epíteto que o jornalista e Governador Carlos Lacerda colo
rá no Arcebispo que toma posse aos 12 de abril de 1964.

A posse de D. Hélder Câmara deu-se em momento crítico. Alguns di
que estava ocorrendo uma contra-revolução vitoriosa para impedir

ascenso do Comunismo no Brasil; outros chamam de contra-golpe preventivo. O que for, o importante é entender que o que se instalou foi, conforme se experimentou na pele, um processo para aumentar a distância do povo ao poder político, de diminuir o acesso do operário a melhores salários e ao consumo das riquezas por ele produzidas e, mais uma vez, tentar impôr um modelo de desenvolvimento econômico e cultural que tem por base a idéia de que o povo brasileiro por si só não poderia encontrar o seu caminho histórico. As elites governamentais, ciosas de seu privilégio, não podiam admitir que o povo escrevesse o seu destino e preferiram, mais uma vez, o caminho do colonialismo, da dependência cultural-política e econômica. Os documentos produzidos pelo Concílio Vaticano II, apesar de silenciar sobre o Terceiro Mundo, abriam caminhos para que a Igreja buscasse um "aggiornamento" de suas práticas, superando o colonialismo religioso, sem jamais pensar em uma separação da Sé Romana.

Poderíamos dizer que o governo de D. Hélder foi o da criatividade e uma quase culminância de um tempo que vinha sendo gestado. A Arquidiocese havia recebido um bom número de missionários franceses, holandeses, americanos e de outras procedências, como resultado do apelo feito por João XXIII. Estavam chegando Padres recém-ordenados em Roma e que viveram os anos do Concílio e, mais do que outros, conviveram com o seu espírito. Durante o Concílio, a Arquidiocese foi ponto de passagem de vários Padres conciliares indo e vindo e seus comentários e apreciações em muito contribuíram para um novo estado de espírito na Arquidiocese. Por outro lado, a fermentação dos anos anteriores na Juventude Universitária, na Juventude Estudantil Secundária, no crescimento da Juventude Operária, tudo levava a uma nova maneira de viver o Cristianismo. Acresça-se, ainda, que nos primeiros anos dos 60, uma forte crise levantou-se para o Clero e para a formação dos novos quadros eclesiásticos. Aos poucos, ministérios leigos foram sendo aceitos na tarefa de espalhar a mensagem do Reino. A abertura do novo Arcebispo para os jovens e os pobres encontrou um espaço fértil nas condições de miséria que o povo sofria, notadamente nos momentos de maior aflição, como as cheias que quase periodicamente atingiam a cidade. A Operação Esperança, o Banco da Providência, mostravam que o Catolicismo não é a simples doação de gêneros alimentícios, mas o fornecimento de meios para que o povo viesse a se organizar na busca de melhores condições de vida. Por outro lado, uma Diocese tão grande e com um número de Padres inferior às suas necessidades teve que buscar maneiras mais dinâmicas e modernas para atingir cada homem e mulher na Diocese. O Encontro de Irmãos, com a voz do Bispo no rádio e Grupos de Reflexão em toda a Diocese, deu um novo ânimo aos católicos que passaram a debater as suas aflições, tendo como direção maior, a Palavra de Deus. Quase poderíamos dizer que os católicos passaram a convi

ver mais de perto com a Bíblia, promovendo uma grande reforma no c
ceito de vida paroquial. Ao mesmo tempo, os Párocos, alguns com ent
siasmo, outros com apreensão, viram ser organizados Conselhos Paro
quiais, e a Arquidiocese passou a ter um plano pastoral mais coes
seja nas diretrizes gerais, seja nas práticas para a recepção e adm
nistração dos Sacramentos. Em uma sociedade de hierarquia monárquic
saboreava-se a Democracia.

Temos ainda a considerar o momento de perseguição política instaura
em nosso país pelos grupos que ocuparam o poder em abril de 1964. F
evidente que a prática social do Catolicismo, desenvolvida na Dioce
se, trouxe inconvenientes para a ordem dominante, que não se abste
ve em perseguir Padres e leigos por não poderem, impunemente, atin
o Arcebispo. O esforço realizado para desmoralizar o Arcebispo, co
participação de personagens da inteligência pernambucana e nacional
a campanha para silenciá-lo nacionalmente, comprovam que a eficá
de uma ação organizativa da população, em um grau ainda não senti
fez crescer nas elites o medo de que a Igreja viesse a ampliar
preferência pelos pobres. Podemos entender aqui uma diferença subs
tancial entre a ação da Igreja sob a liderança de D. Hélder e a Ar
diocese sob o governo de D. Leme. Este, mobilizou o povo católico p
mostrar o poder da Igreja e, assim, aproximar-se do poder político
minante, enquanto D. Hélder incentivou a organização do povo de fo
que esse mesmo povo se tornasse agente do poder. À medida em que
se aprofundando essa organização, maior e mais explícita foi se to
nando a rejeição por parte da elite aos métodos de um Catolicismo
tro dos caminhos propostos pelo Concílio Vaticano II e pelas Confe
cias Episcopais Latino-americanas em Medellín e Puebla. Este cl
de mudança e da busca do novo, afetou até mesmo as experiências
orígem conservadora, como os Cursilhos de Cristandade. Estes movim
tos, embora com uma prática tradicionalmente voltada para os "me
independentes", aqui na Diocese passaram a colocar lado a lado pe
soas de classes sociais diferentes, provocando contradições não e
radas.

Um outro aspecto desta Arquidiocese é que, embora urbana no seu
tro, os problemas rurais não podem ser esquecidos, face a sua exte
são. Já no início dos anos 60, a atuação de Padres recém-ordenados
lertavam para o grande desafio no campo. Mais tarde, a Ação Católi
Rural e Animação Cristã Rural, também desenvolveram um trabalho
maior conscientização, que colocou em cheque a prática dos católi
cos donos de terras e o seu relacionamento com os católicos despos
dos de terras. Foi inevitável a tomada de consciência de interes
antagônicos entre esses grupos e o conseqüente conflito que vem a
vivido pelos católicos. Evidentemente, esse conflito veio a ser ut

zado pelos donos do poder para acusar a Arquidiocese de estar contri-
buindo para a luta entre as classes sociais. Creio que por esse cami
nho poderemos entender o crescimento de uma TFP - sociedade da Tradi-
ção Família e Propriedade - que virá a pedir a expulsão do Arcebis -
po D. Hélder das Dioceses e do Brasil.

Vemos, portanto, nesse período, uma Arquidiocese bastante movimenta -
da, criativa e sem medo de viver as conseqüências de uma opção cris-
tã, voltada para a libertação integral de "todos os homens e cada
homem", para utilizar uma expressão tão cara ao Pontífice Paulo VI .
Embora a Diocese procurasse viver na sua inteireza as opções Concilia
res, não houve, por parte do Arcebispo, um movimento de exclusão da
queles que não puderam assumir, por contingências históricas, as dire
trizes gerais da pastoral diocesana. Todos sabiam e conviviam com a
existência de pólos de resistência ao movimento que se desencadeara na
Diocese. O Arcebispo e o seu auxiliar D. José Lamartine Soares, sem
pre desenvolveram uma prática de tolerância e respeito em relação a
esses setores. Em muitas paróquias, práticas tradicionais eram manti-
das e não ocorreram situações de escândalos para os católicos ou não
católicos. E esta foi uma das maiores riquezas desse período.

O TERCEIRO PERÍODO: Um Catolicismo de Autoridade.

Ao historiador, o mais difícil é escrever sobre os fatos recentemente
ocorridos, pois, eis que temos uma crônica, uma matéria jornalística.
Essa dificuldade torna-se maior quando o historiador é, ao mesmo tem
po, um protagonista. A proximidade cronológica e a proximidade afeti-
va podem vir a ser um estorvo na sua tarefa de compreender os aconte-
cimentos e impedí-lo de realizar o seu trabalho com isenção. O autor
desse trabalho tem consciência dessa dificuldade com relação ao perío
do anterior e a este que iremos discutir a partir de agora.

O período que neste momento é vivenciado pela Arquidiocese, pode-se
dizer que teve seu início antes mesmo da chegada de D. José Cardoso .
O processo de escolha do novo Arcebispo decepcionou os setores mais
dinâmicos da Diocese e os deixou perplexos. A longa espera pela nomea
ção deixou claro uma das deficiências do período anterior: uma escas-
sa articulação e colaboração mais sistemáticas dos diversos setores
dinâmicos, mais conhecidos como "progressistas". Quando finalmente foi
conhecida a indicação romana, um grande desânimo parece ter tomado
conta de todos e, como por conseqüência da desarticulação, viveu-se
um novo momento de expectativa: Quais seriam os primeiros atos do
novo Arcebispo? Este veio com uma tarefa bastante árdua: substituir
um profeta que havia feito do mundo a sua Diocese. Os atos deveriam
ser cuidados para não perder nenhum dos que lhe foram confiados. O

movimento social havia mudado de direção, conforme indicava a sua própria nomeação. O entusiasmo provocado pelo Concílio Vaticano II estava sendo substituido por um crescente desejo de revê-lo, até mesmo de desautorizá-lo. Embora o Pontífice João Paulo II ainda utilize o vocabulário "progressista", os atos curiais não indicam esta direção. O novo Arcebispo parece ter vindo encarregado de dar esse recado. Era o homem apropriado: um doutor em leis, um homem de formação vida "romana", substituindo um homem poeta que viveu todos os seus anos no Brasil. Um conflito era quase inevitável.

Quando visitou o ITER - Instituto de Teologia do Recife, D. José Cardoso lembrou grandes santos não teólogos e explicou que a Teologia, conhecimento teológico, não é caminho mais direto para a santidade. Era evidente que a pesquisa teológica desenvolvida no ITER, os seus métodos e sua orientação, depois de anos de apoio do Arcebispo e da Regional NE II, passavam a estar sob suspeição explícita. O encerramento das atividades do ITER, mais tarde, não poderia ser surpresa para ninguém. Não foi uma decisão pessoal. Embora a pessoa encarregada pelo cumprimento das ordens emanadas de Roma tivesse alguma responsabilidade pessoal, não se pode dizer que foi ele o único arquiteto nem o principal, do fechamento do ITER; a forma como se deu o fechamento foi o primeiro choque público, mas já havia ocorrido outros conflitos.

Em seus primeiros contatos com o Clero, D. José Cardoso começou a dar mostras que estaria muito preocupado com as formas de administração dos Sacramentos, postura dos católicos nos templos, reconstrução de certas formas de piedade, etc. A preocupação com a pastoral social continuaria existindo, porém sem o enfoque político que até então era dado pela Diocese. É interessante notar que muitos membros do Clero viram a chegada de D. Cardoso como benéfica, pois então, diziam teriam um Bispo com residência mais permanente na Diocese. Havia sempre uma crítica a D. Hélder por suas viagens ao exterior, embora estas jamais ultrapassassem o limite de 30 (trinta) dias em todo o ano. No primeiro ano de seu arcebispado, D. José acumulou a direção de sua Diocese anterior, tendo viajado diversas vezes e dado pouco estímulo às organizações coletivas do Clero.

A nomeação dos Bispos auxiliares foi um outro indicativo da direção nova que se queria para a Diocese. A corrente progressista foi atingida com a chegada de um especialista em Bíblia que não vê com bons olhos as escolas bíblicas e os estudos bíblicos que tomam as Ciências Sociais como instrumental para auxiliar a Exegese. De forma geral, podemos dizer que foi se formando um fosso entre as direções que o Papa indicava para a Diocese e as desejadas pelos auxiliares e colabo-

dores do antigo Arcebispo. Incidentes com a Pastoral da Terra, culminando com a sua retirada do prédio da chancelaria; o desencontro com a Comissão de Justiça e Paz, o encerramento das atividades do ITER, desentendimentos com o CIMI, foram pontos de maior estrangulamento das relações entre o Bispo e o seu rebanho. Melhor dizendo, parte do seu rebanho, pois à medida em que antigos colaboradores de D. Hélder eram afastados, pessoas ligadas aos setores conservadores da sociedade pernambucana vieram a suprir as vagas e um quadro de aspecto conservador reacionário, começou a formar-se na administração da Diocese.

Embora o fechamento do ITER tivesse sido rumoroso e tornado explícito para a comunidade internacional o conjunto de mudanças que estavam ocorrendo na Arquidiocese, por seu caráter regional e pela intervenção romana, foi a questão da paróquia de Nossa Senhora do Morro da Conceição que mostrou de forma mais dolorosa o descompasso entre a autoridade eclesiástica e a comunidade religiosa. No caso do ITER, D. José contou com a obediência episcopal à ordem da Santa Sé. No caso do Morro da Conceição, uma questão interna da Arquidiocese, que mobilizou o Clero arquidiocesano em manifestos de apoio ao Padre Reginaldo Veloso e à comunidade, o recurso policial para a reintegração de posse do templo, expôs fraturas que durante muito tempo marcarão os destinos da Diocese. Neste momento, vive-se uma calmaria para o público externo, embora internamente continuem as discussões e a procura de soluções menos traumáticas para a vida da Arquidiocese.

Afinal, que conflito existe em Recife e Olinda ?

Neste século, parece-me que a Arquidiocese de Olinda e Recife tem sido palco de várias experiências eclesiais que são muito importantes para o futuro do Catolicismo no Brasil. Vimos, no primeiro período, a tentativa de uma aproximação com o poder político, na clássica visão da cristandade, a cooperação com as classes dominantes como caminho para a evangelização. Foi o modelo iniciado por Constantino, Imperador Romano. Esta postura continuou no segundo período, mas já apresentava fraturas com o surgimento da Ação Católica especializada e com a busca de respostas que viessem a atender melhor às necessidades dos católicos em um mundo mais contemporâneo. Foram os caminhos dessa postura que forjaram, pouco a pouco, sob a liderança de D. Hélder, uma Igreja mais participativa, mais aberta e com uma descentralização de ações, capaz de permitir que cada católico passasse a viver com uma maior intensidade os valores de sua fé. Uma vivência que explicitava, na ação social e na preferência pelos pobres, essa fé. O Catolicismo, não deixando a vida sacramental, buscou uma experiência mais solidária e mais dinâmica na vida da sociedade. A Igreja do Recife passou a

ser uma Igreja aberta a todos os homens e não apenas uma Igreja de católicos. Sem negar a autoridade do Bispo, mas amando-o como a um pai e irmão, os católicos, em Recife, continuaram uma forma de Igreja na qual cada católico-cristão era e é responsável pela Igreja. O Clero, que no primeiro período e no terceiro são as peças fundamentais e centrais da Igreja, no segundo período são companheiros co-responsáveis. Esta Igreja solidária, companheira, co-responsável é, intrinsecamente comunitária, não autoritária, avessa a imposições. Como conseqüência, temos um fortalecimento dos grupos, das comunidades e de lideranças leigas que aprenderam a dividir com o Clero a tarefa de evangelizar. Sem querer mitologizar ou praticar anacronismo, o episcopado de D. Hélder foi a construção de uma Igreja não romanizada, com um Clero mais voltado para o serviço da comunidade e menos desejoso do exercício da autoridade.

O momento atual, sem dúvida, parece uma nova romanização, um retorno ao Clero como centro dicisório, uma desarticulação das comunidades e das iniciativas do laicato. Uma vez mais promove-se uma cooperação mais sistemática com os grupos tradicionais de poder. Ao cercar-se de colaboradores clérigos e leigos que, durante o governo de D. Hélder mantiveram-se em posição defensiva ou amorfa, o atual Arcebispo parece recusar a idéia de que houve algo de bom entre 1964 e 1985. Não buscar ouvir evangelicamente os diversos setores da Diocese, vem criando uma paranóia no Palácio Episcopal. Os portões fechados, não podem ser um bom sinal de referência para quem morreu de braços abertos.

Essa romanização que estamos vivendo é, possivelmente, a mais difícil de concretizar-se. As anteriores não conseguiram apagar as devoções populares, as formas de expressões próprias do povo, apesar das facilidades que as condições sócio-econômicas da época favoreceram. Atualmente, as condições são outras. Ainda que venham a ser fixados alguns pontos de vitória romanizante, será difícil imaginar que os católicos brasileiros, agora com um conhecimento maior da História da Igreja com um manuseio mais constante da Bíblia, com um esclarecimento maior de sua fé, possam simplesmente abrir mão desse conhecimento. Os católicos agora parecem dizer: somos católicos romanos que vivem no Brasil, no final do século XX; não somos católicos italianos do final do século XIX, aprendemos que a Igreja é UNA na Fé e diversa na disciplina.

Recife-PE, 15 de março/1991

SEVERINO VICENTE (BIU VICENTE)
Historiador / Ex-Vice-Diretor do ITER /
Membro do CEHILA / Vice-Diretor da FAFIRE

A IGREJA DOS POBRES NO NORDESTE(*)

Quero esboçar, em alguns rápidos traços, um retrato da Igreja na base, no Nordeste brasileiro. Quando digo Nordeste refiro-me concretamente aos quatro estados - Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte - que compõem o Regional Nordeste II da CNBB onde tenho mais conhecimento da caminhada das CEBs, devido ao meu trabalho de articulação e assessoria.

Os traços esboçam uma breve noção histórica da Igreja dos Pobres no Nordeste, uma visão da conjuntura atual e um elenco dos principais desafios que por si apontam perspectivas. (1)

1. UM BREVE HISTÓRICO

Na história recente da Igreja dos Pobres, no Nordeste, distingo dois momentos com características eclesiológicas diferentes. A Grosso modo, vejo uma diferença entre uma Igreja Popular baseada nos movimentos eclesiais de cunho libertador (final dos anos '60 e anos '70) e uma Igreja de CEBs que toma seu vulto de maneira mais clara e ampla nos anos '80.

1.1 Um histórico recente marcado por Movimentos

Apesar da forte repressão após o golpe de 1964, houve, em certo sentido, uma continuação da Ação Católica, agora mais popularizada, através de movimentos eclesiais engajados no processo de transformação da sociedade, como por exemplo, a ACR, a ACO, a JOC, o MER (antiga JAC), o MEB, o MAC, vários movimentos de evangelização, com seus círculos bíblicos (no Recife o "Encontro de Irmãos"), e através de algumas pastorais específicas com características de movimentos como, por exemplo, a Pastoral dos Pescadores e a Pastoral ou Movimento de Jovens do Meio Popular.

(*) Texto de Roberto van der Ploeg, teólogo leigo, assessor do CENAP.

Estes movimentos de cunho libertador foram o impulso para o desenvolvimento duma pastoral popular. Nasceu uma Igreja com um rosto novo, com novos valores eclesiológicos:

- uma Igreja que evangeliza à partir da perspectiva dos empobrecidos, considerando mais o ambiente ou o meio (popular, operário, universitário...) da sua inserção, do que o território da sua estrutura institucional. Os movimentos ganharam destaque sobre as paróquias;

- uma Igreja profética que denunciava a ditadura militar e o sistema econômico explorador. Por isso perseguida e martirizada;

- uma Igreja que através do método ver - julgar - agir, acostomou-se a confrontar uma visão dialética da realidade e o engajamento por uma nova sociedade democrática e libertária, com o Evangelho e a tradição cristã. Assim, desenvolvia-se uma espiritualidade libertadora, comunitária e missionária;

- por fim, uma Igreja mais "leiga", com maior participação ativa de leigos na missão e nos organismos decisórios da coordenação pastoral.

O documento-símbolo desta Igreja no Nordeste é o documento "Eu ouvi os clamores do meu povo" de 1973.

Nesta época tinham poucas e isoladas, porém válidas experiências de CEBs, particularmente em torno do grupo da Teologia da Enxada e o Pe. Comblin, que já nos anos '60 previa o fim da Ação Católica e seus presupostos eclesiológicos.

Podemos dizer que os movimentos trouxeram uma mudança de conteúdo, de valores, digamos uma mudança cultural em setores da Igreja no Nordeste. Não houve porém uma mudança estrutural na forma de ser Igreja, quer dizer os movimentos não induziram um novo modelo eclesial, que até hoje encontra todo seu peso eclesiológico na paróquia que é a organização de base na estrutura eclesiástica. Os movimentos transcendem as fronteiras territoriais das paróquias e dioceses através da sua articulação própria e transcendem até a pastoral de conjunto, parquial ou diocesana, através de sua programação de atividades e espiritualidade própria.

Isto pode explicar a coexistência pacífica, durante tantos anos, entre paróquias e movimentos de cunho libertador. Estes, não questionam necessariamente a estrutura fundamental da Igreja e sua ação pastoral mais comum que, em boa parte, se limita à assistência sacramentalista: o movimento não interpela a paróquia.

Os que detêm o poder eclesiástico, padres e bispos, não precisavam sentir-se incomodados. E a grande aliança católica que se estabeleceu, nos anos '70, contra o estado militar, evitava que algumas tensões internas chegassem a um confronto mais explícito entre estes dois estilos de ser Igreja.

1.2 O surgimento de CEBs e Pastorais Populares

O projeto eclesial das CEBs, entendidas no seu sentido global como Igreja dos Pobres ou Igreja na Base, envolve a Igreja toda: suas estruturas (paróquia, diocese, movimento, setor ou serviço pastoral...) e seus membros todos (bispos, padres, religiosas(os), leigos(as)).

A partir da sua missão pelo Reino de Justiça e da sua comunhão com os injustiçados as CEBs reestabelecem todas as dimensões da eclesialidade: a reflexão, a meditação e o anúncio da Palavra; a celebração da Vida, o serviço da caridade libertadora e da coordenação; a comunhão interna e entre as Igrejas (intereclesial). As CEBs supõem uma eclesiologia total, da Igreja plenamente Povo de Deus que tenta vencer a rígida divisão entre clero e laicato, entre pastoreio interno e missão no mundo, entre fé e política... e tantos outros dualismos.

Nesta Igreja surgem as pastorais populares como expressão profética da fé, expressão da missão social da Igreja. Elas são diferentes dos movimentos eclesiais tipo Ação Católica, por afirmarem ter sua investidura da missão na fonte batismal e não no mandato apostólico hierárquico.

Em relação à Igreja, as pastorais não procuram criar seus quadros fixos de militantes. Elas são mais um serviço de articulação, formação e mobilização. Sua referência eclesial é a Comunidade Eclesial de Base. As pastorais populares levam a Igreja a assumir a realidade conflitiva e adquirir um rosto mais operário, camponês, feminino, negro...

Em relação à sociedade, as pastorais procuram fortalecer uma classe, uma categoria, uma raça ou etnia discriminada, um grupo marginalizado, apoiando sua organização política no sentido de uma ferramenta própria, autônoma, de luta.

Quero lembrar alguns fatores que contribuiram ao surgimento e à expansão das CEBs, no Nordeste, nestes últimos anos:

- A grande seca de 1979 - 1983 mobilizou a Igreja nas bases. Muitas CEBs devem sua origem a projetos alternativos e outros esforços comunitários pela sobrevivência, encaminhados através da Igreja.

- A "abertura democrática", em 1979, possibilitou a diferenciação e o desenvolvimento, no sentido popular, da sociedade civil: greves, sindicalismo combativo, fundação do Partido dos Trabalhadores, todo tipo de movimento popular, inclusive CEBs,

que no Nordeste, particularmente no meio rural, são até hoje um importante agente de transformação social e política.

- No início dos anos '80 aumentou consideravelmente o número de pequenas comunidades de religiosas(os) inseridas(os) no meio popular. Elas constituem atualmente no Regional Nordeste II um grupo de aproximadamente 450 agentes pastorais, quase todas mulheres, que se dedicam à formação de CEBs, muitas vezes dando ênfase aos aspectos cúlticos e catequéticos da fé.

- Neste mesmo período, as CEBs ganharam mais espaço e relevo, a nível nacional, através dos Encontros Intereclesiais, da vasta produção eclesiológica, dos documentos do Puebla e da CNBB... Na maioria das dioceses brasileiras elas se tornaram prioridades, inclusive no Nordeste. No Regional Nordeste II as CEBs são assumidas como prioridade pastoral em 1983. Constituiu-se então uma comissão regional que procura animar, articular e assessorar a caminhada da CEBs.

É difícil dizer em que estágio se encontram as CEBs no Nordeste. Vivemos um momento de transição em que nem sempre fica claro se a estrutura paroquial está sendo descentralizada em função de si mesma, com o objetivo de dinamizar a paróquia, ou se se trata realmente de uma desestruturação da paróquia (com todas as suas conotações eclesiológicas) em vista de um novo modelo eclesial, com uma nova base institucional, a CEBs e a paróquia como área pastoral com uma rede de CEBs. Em termos de estrutura conhecemos pouca institucionalização das CEBs que poderia expressar sua consciência eclesial e garantir maior autonomia.

O documento-símbolo desta Igreja que gira em torno do eixo das CEBs é o documento da CNBB Nordeste II: "Objetivo geral e diretrizes da ação missionária da Igreja no Nordeste, 1988 - 1991", de 13 de março de 1988. Trata-se de um plano pastoral que contêm uma eclesiologia de missão e comunhão. Lamentavelmente, esse documento-testamento da Igreja dos Pobres foi engavetado nos birôs da atual presidência e coordenação regional.

2. A CRISE ATUAL

Desde a eleição de uma nova presidência episcopal do Regional Nordeste II, em outubro de 1987, vivemos um rápido processo de desmonte eclesiástico. Desmontou-se quase por completo o aparelho institucional que estava a serviço da Igreja dos Pobres.

Em primeira instância foi elaborado e aprovado, pela maioria dos bispos, um novo regimento interno do regional que pode ser caracterizado como presidencialista. Este, ampliou os poderes da presidência e ofereceu uma cobertura legal ao processo de demissões que daí se instaurou.

Foram acusados de desvios doutrinários assessores da pastoral popular e professores do Instituto Teológico. Foram demitidos agentes pastorais com tarefas de coordenação regional. Equipes

inteiras foram demitidas, por ex.: da pastoral rural, do SEDIPO, do Centro de Defesa de Direitos Humanos e da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Olinda e Recife. Instituições foram extintas: o ITER, e o SERENE II. Padres identificados com a Igreja dos Pobres foram expulsos das suas dipceses. Um deles até suspenso de ordem.

Qual é o projeto que está por trás deste desmonte, para a desarticulação da Igreja dos Pobres? O que se pretende remontar?

Parece que, em detrimento de todo tipo de articulação regional, o que vale agora é a Igreja local, diocesana, arregimentada em torno do bispo e a paróquia em torno do pároco. Esta "comunhão" com bispo e pároco é o primeiro critério da eclesialidade. De uma eclesiologia do Povo de Deus, de comunhão e participação, volta-se a uma hierarcologia (Congar).

Neste sentido, as CEBs seriam paroquializadas ou recuperadas numa estrutura piramidal de ser Igreja. A CEB não é considerada como uma nova base institucional, célula menor da Igreja toda na base, mas um quadro médio, mediação para dinamizar a paróquia.
Este processo pode ser efetuado com facilidade pois as CEBs têm origem em sua grande maioria, na descentralização da paróquia e são um prolongamento da pastoral paroquial. Elas não contam com nenhum estatuto jurídico, com nenhuma oficialização ministerial ou com alguma instituição própria, que lhes possa oferecer maior autonomia. As CEBs podem continuar no vocabulário de uma Igreja clericalista, sem causar perigo.

Ao lado da paróquia, aparecem os movimentos transnacionais e espiritualistas. Esses se organizam mais conforme a vida setorizada da classe média urbana. São eles os "formadores de opinião" da "novíssima civilização cristã" e do processo de centralização eclesial que é apresentado como modernização. O aparelho eclesiástico está sendo remontado em todas as suas instâncias (nova Comissão de Justiça e Paz, nova coordenação regional, nova pastoral rural, nova assembléia regional,...) com figuras identificadas com estes movimentos (Focolarinos, Movimento Carismático, Opus Dei, Movimento de Schonstatt,...).

Quanto à sua missão social, propõe-se uma promoção humana dentro do amplo e triunfante projeto neo-liberal de modernizar o capitalismo. Volta à tona uma cristandade do tipo desenvolvimentista, através da integração discreta entre as duas "cortes monárquicas" da Igreja e do Estado ou, explicitamente, através de novos programas sociais elaborados e assumidos em conjunto.

Assim pudemos assistir, por exemplo, no Nordeste, em 1986, a uma cena que lembra 1959: oito prelados nordestinos presentes na SUDENE em uma solene inauguração do projeto São Vicente (!) do governo Sarney, no qual a Igreja Católica Romana (e não outra) participa com representação oficial. Está representada tanto na associação dos agricultores solicitantes de um projeto até na mais alta instância de decisão na SUDENE. Esta aliança entre

Igreja e Estado tende a se incrementar no governo Collor, devido a adoção de "políticas de ajuste econômico" que são reconhecidamente recessivas na sua implementação, (acarretando queda nas taxas de investimento e de emprego, arrocho salarial, queda do consumo com piora das condições de yida da maioria, etc.), e que, portanto, torna impositiva a adoção das chamadas "políticas compensatórias", voltadas para as questões mais evidentes: alimentação/nutrição, escolaridade/educação, atendimento médico/saúde, saneamento/moradia.

Os programas sociais de cunho tipicamente assistenciais, numa conjuntura recessiva, não são nada favoráreis ao trabalho organizativo popular. Lembram, por exemplo, o envolvimento dos sindicatos de trabalhadores rurais no PAPP (Programa de Apoio do Pequeno Produtor) ou dos movimentos de bairros com a administração do Programa de Leite (2). Facilmente as CEBs serão envolvidas nesta mobilização de diversas organizações sociais. Temos já o exemplo do Projeto São Vicente, do Soro Caseiro, da Pastoral da Criança e, ultimamente, de uma iniciativa conjunta da LBA/Xuxa/CNBB ligada ao "Movimento da Criança". A emergência está aí, as necessidades são grandes e imediatas, a vontade de ajudar também. Oxalá que seja com discernimento dos diversos objetivos e projetos políticos que estão em jogo.

3. DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Um desafio merece ser respondido por uma atenção especial no trabalho missionário. Um desafio, portanto, contém em si uma perspectiva. Ele indica um rumo da caminhada.

Proponho aqui alguns poucos desafios cuja sequência não coincide com sua ordem de importância.

3.1 A Institucionalização da Igreja na Base

Concordo com Comblin que afirma em recente publicação (3) que "no Nordeste as comunidades estão diante do desafio de passar da idade profética, espontânea, improvisada, para a idade institucionalizada". A instituição é capaz de fazer história, garantir continuidade, veicular profecia.

Particularemnte nesta conjuntura de involução da Igreja pudemos perceber quanto as CEBs são vulneráveis. Certas práticas eclesiais de crescente participação e comunhão tornam-se ilegais no momento em que se opera os mecanismos jurídicos, canônicos. Ilegais, mas não ilegítimas. Nisto está a fonte da resistência e da esperança: na convicção que a democracia é uma exigência evangélica e teológica, para organizar o poder como serviço na Igreja (Mc. 9,35; Mc. 10,43; Mt. 20,25-26; Mt. 23,8-12; Lc. 22,25).

Creio que será oportuno que as CEBs afirmem sua identidade como um modo, entre tantos outros, de ser Igreja, através de uma

instituição que lhes garanta maior liberdade e autonomia. Isto lhes possibilitaria escapar do monopólio da paróquia e, consequentemente, da paroquialização das CEBs. Poderia firmar e aprofundar seu jeito de ser e fermentar, de fato, a Igreja toda na direção de uma Igreja, toda ela participativa e libertária.

Quanto a esta institucionalização seria melhor falar de "corrente" em vez de "movimento". Isto para evitar o equívoco de compreender as CEBs na linha de um movimento eclesial de leigos (não-clérigos) de cunho libertador (tipo Ação Católica) ou de caráter espiritualista (os movimentos modernos) ou na linha de uma associação religiosa.

As CEBs formam uma corrente profética na Igreja, caracterizada por sua flexibilidade: um jeito novo de ser Igreja que envolve todos os seus membros, (bispos, padres, religiosas(os) e leigos) inseridos no meio do povo; que abrange todas as dimensões da eclesialidade, a missão profética, régea e sacerdotal do Cristo; e que integra e articula várias expressões pastorais da Igreja dos Pobres (CPT, CIMI, CEBI, PJMP, etc.) em torno de sua base institucional que é a CEB.

A corrente profética das CEBs é a Igreja inteira na base. Conforme esta compreensão da relação entre CEBs e pastorais, seria talvez mais adequado falar em "Igreja na Base" ou "Igreja dos Pobres" do que usar o termo CEBs, colocado indistintamente ao lado de pastorais populares, como se fossem grandezas iguais com o mesmo estatuto eclesiológico. Assim, entender-se-ia logo o aspecto global da comunidade eclesial de base e superar-se-ia uma dicotomia entre culto e ética, entre espiritualidade e eficiência política.

Esta Igreja na Base precisa de alguns suportes autônomos para evitar o rumo da paroquialização e resgatar suas principais conquistas e intuições eclesiológicas. Seria equivocado pensar que toda iniciativa neste sentido enfraquecesse a comunhão eclesial, quebrasse a unidade da Igreja e levasse a paralelismos infrutíferos. Ao contrário, maior autonomia levará a maior comunhão, entendida como uma comunhão "de mão dupla" entre interlocutores que se respeitam, sem precisar de tutela e autoritarismo de um lado e sem submissão e subserviência do outro lado. Como dizem Leonardo Boff, José A. de Lacerda e Adair Rocha: "A autonomia supõe uma transformação profunda na Igreja: que de Igreja-sociedade de desiguais passe à Igreja-comunidade de iguais. Conseguir essa transformação significa criar condições para a democracia na Igreja e para um reforço à própria democracia na sociedade". (4)

Existem iniciativas autônomas e (muitas vezes) ecumênicas, dentro do espaço da Igreja - Povo de Deus, sobretudo na área da formação (ISPAC - Salvador, CENAP - Recife, CEBI) e da comunicação entre a Igreja na Base e o Movimento Popular (O Jornal "Tempos Novos" no Maranhão, e o "Mandacarú" no Nordeste II). Quanto à articulação há propostas de uma organização mais sistemática dos leigos das CEBs, através do Conselho Nacional de Leigos (CNL) ou - como

propõe Comblin - através de uma associação dos animadores. (5)

Pessoalmente, penso mais na linha de um serviço de articulação tipo "Encontro Intereclesial", por ser um espaço bastante informal, ecumênico e por ter uma constituição global, toda ministerial, que faz jus às CEBs como um modo de ser Igreja e procura superar a distinção ontológica entre leigos e clérigos sem negar, com isso, o caráter sacramental do ministério ordenado e a função eclesial da hierarquia, enraizada na comunidade eclesial. Este tipo de iniciativa, que tem uma tradição reconhecida e legitimada na Igreja Católica no Brasil, poderia ser reproduzida e intensificada em escalas menores, tendo por seu caráter informal e ecumênico, uma autonomia relativa em relação às Igrejas.

Imagino esta institucionalização como uma feira livre, em praça pública, na qual os cristãos, vindos de diversas Igrejas, possam encontrar-se, contar sua história e suas experiências, aprofundar sua fé e seu compromisso, enriquecer-se mutuamente, enfim abastecer-se para continuar a caminhada da Igreja dos Pobres nas suas respectivas casas, Igrejas ao redor desta praça. Um serviço que é, de fato, ecumênico e que por seu estatuto laical ou secular, favorece o contato com o Movimento Popular que tem mais acesso à praça pública. Nada de criar outra Igreja: a feira é a céu aberto e vende alimentos a serem consumidos em casa. Os feirantes, que são ao mesmo tempo os clientes, não precisam e nem devem sair do espaço canônico das suas respectivas Igrejas. Eles dispõem de um posto de abastecimento fora, que oferece combustível e um mapa de orientação. Algo que só pode favorecer a caminhada da Igreja na Base, corrente profética que perpassa as Igrejas, e tem um efeito mobilizador sobre as respectivas Igrejas como um todo. Pode nascer, isto sim, uma nova eclesiologia: messiânica, transconfessional e pós-ecumênica.

3.2 A Formação

Quando falamos da Igreja dos Pobres, toda ela ministerial, queremos dizer que todo o Povo de Deus é sujeito do ministério, que cada membro deste povo é chamado a exercê-lo complementarmente, com os outros. Isto coloca o desafio da formação, em primeiro lugar dos animadores e agentes da base ("os leigos") e em segundo lugar dos outros agentes pastorais (padres e religiosas(os)).

Houve, até pouco tempo, uma desatenção em se preocupar com a formação de um forte quadro leigo em nível popular, capaz de assumir responsabilidades além da localidade da sua própria comunidade e funções de liderança no Movimento Popular e político. Talvez houvesse uma certa acomodação pelo fato da CNBB sempre ter sido patrocinadora e protagonista de tudo quanto a Igreja dos Pobres empreendia e pelo fato dos agentes pastorais terem se apropriado da condução da caminhada das CEBs. O futuro, que nos indica uma hierarquia avessa à corrente profética da Igreja na Base, nos obriga a desenvolver, com certa pressa,

iniciativas de formação para a base.

Além dessa formação na base e da base, impõe-se o desafio de criar novas experiências de formação de padres e agentes pastorais, com curso superior de teologia, particularmente frente ao fechamento do ITER e do SERENE II. As iniciativas que foram encaminhadas até agora, para dar continuidade ao trabalho destas duas instituições, são vulneráveis e provisórias e, no fundo, não passam de uma volta aos modelos de formação sacerdotal dos anos '60. Será fundamental para a sobrevivência de um projeto teológico e pastoral libertador e popular no Nordeste, a criação de um instituto de formação teológica a nível superior, que incorpore as intuições que estavam se delineando no ITER, de uma teologia popular, feminista e ecumênica.

Em termos de conteúdo, acho que devemos passar de uma ideologia pastoral genérica e ingênua que serve, ao mesmo tempo, para justificar nossas ações políticas, como para tematizar nossa espiritualidade libertadora, e propôr uma formação sócio-política mais sólida e uma formação teológica e teologal fundamental.

Diz Juan Luis Segundo: "A fé sem ideologia é morta". Para concretizar os valores do Reino temos que saber fazer passos no seu sentido, precisamos saber das mediações ideológicas e organizacionais por onde passa esta prática. Nosso projeto e participação política merecem ser justificados com critérios políticos, ideológicos. Precisamos aprimorar o discernimento político do cotidiano, perceber e estar informados do contexto mais amplo e ter quadros teóricos de interpretação. Isto em relação à esfera política.

Quanto à esfera eclesial, creio que a atuação da Igreja Popular no meio do Movimento Popular terá sempre mais um acento espiritual, na medida em que a sociedade civil cria suas ferramentas políticas autônomas. O valor revolucionário das CEBs se revelará exatamente como discurso da fé que é um discurso do desejo, da esperança, do simbólico, intrinsicamente político e complementar ao discurso racional das instituições políticas.

Anuncia-se um momento novo, também no Nordeste. Na medida em que avança o Movimento Popular, a Igreja vai ter que aprender a ouvir. Ela não tem mais o monopólio da palavra, mas é uma palavra entre muitas outras. E esta palavra da fé deve ser repensada a partir da palavra do outro, agora pronunciada sem tutela ou paternalismo eclesial: a palavra do sindicato dos trabalhadores rurais, da associação de bairro, do movimento negro, do movimento feminista, do movimento dos favelados, dos núcleos do PT e de tantas outras formas de organização e expressão popular, inclusive religiosa, até hoje desapercebidas.

A palavra da vida, experiência libertadora e salvítica, deve levar a uma nova palavra do registro da fé, que contempla a revelação no processo libertário no mundo. Quero dizer que, quando a consciência de classe, de cultura, de raça e de sexo/sexualidade

se desenvolve e muda, consequentemente mudará a consciência de Deus, a maneira de pensá-lo (teologia) ou de contemplá-lo (mística) e a maneira de celebrar a vida e louvar o Deus da vida (liturgia). Discernimento político e discernimento evangélico não são justapostos, mas eles se fertilizam mutuamente. O processo de formação deve explicitar esta fertilização.

Teologia e Igreja da Libertação são interpeladas por uma convivência pluralista e pós-ecumênica, onde não poderá haver pretensão de exclusividade ou inclusividade da verdade, mas onde a busca comum do humano deve ser o polo integrador. O adágio é: "Extra Mundum nulla salus". (6)

3.3 CEBs e Religião Popular

Meu receio é que as CEBs, num contexto eclesial e político desfavorável, se reduzam a uma vanguarda cristã limitada em número, dominada por agentes pastorais iluminados (os "militantes" da Igreja Popular) e sem impacto sobre o povão, a grande massa católica. Mesmo que as CEBs sejam uma expressão popular do catolicismo, elas não representam e nem atingem a maioria dos católicos. Numa estimativa bastante otimista, pode-se supor que as CEBs congregam na área rural, 5-10% da população católica, e nas grandes cidades 1 ou 2%. Existe a impressão que estes números não crescem. Estagnou a extensão do trabalho de base das CEBs, enquanto as Igrejas pentecostais se multiplicam e [illegible] a pleno vapor.

[illegible] nos coloca a questão do dinamismo missionário das [illegible] e/ou da relação entre pastoral de base e pastoral de massa. Será que o trabalho de base de formação de CEBs (em termos pastorais quantitativos) poderia crescer mais se não houvessem alguns fatores internos na Igreja Popular que limitam o impulso missionário? (7) Ou será que o trabalho de base chegou, de fato, a seu ponto de saturação e devia-se desenvolver um trabalho de pastoral de massa? (8)

Em ambos os casos parece-me essencial a "qualidade" da ação missionária, evangelização, no sentido duma inculturação da fé e das expressões religiosas na Igreja na Base no Nordeste. Pois o processo de evangelização inicia quando o evangelizando, o povo, começa a falar, responder, fazendo sua síntese da fé cristã.

Penso que o desenvolvimento de uma sociedade pluralista com diversos organismos intermediários de luta popular, interpela a Igreja a se resituar na sociedade civil. O redimensionamento da sua contribuição à transformação da sociedade, por certo ajudará a revalorizar a fé e a religião popular com seus aspectos místicos, celebrativos cheios de vitalidade e pontecialidade libertadora. Assim o trabalho pastoral de base como o trabalho pastoral de massa devem sintonizar a onda da vida do povo com sua própria maneira de expressar-se e comunicar-se. Já existem neste sentido algumas experiências significativas no Nordeste como por ex: o trabalho desenvolvido pela equipe das missões populares (no

Nordeste todo), pela equipe de pastoral de Juazeiro do Norte (pastoral dos romeiros) e pela CPT - Nordeste em relação às Romarias da Terra. Também há um grande esforço de renovação litúrgica (cantos, orações, símbolos) a partir do próprio universo simbólico popular.

Será importante para o futuro das CEBs no Nordeste que elas consigam articular-se e encontrar-se com essa "Igreja invisível dos beatos e das beatas", Igreja popular mesmo, tão presente e ao mesmo tempo escondida; por algum tempo, em certo sentido, as CEBs serão também, devido ao processo de neo-romanização, uma Igreja invisível, das catabumbas. Espero que haja uma continuidade entre o catolicismo brasileiro leigo que sobreviveu à romanização do fim do século passado e início deste século, e esta Igreja popular, contextualizada e inculturada, que procuramos edificar nestas últimas décadas.

4. À GUISA DE CONCLUSÃO: UMA MENINA ADOLESCENTE

Comparo o atual estágio da Igreja dos Pobres com a fase de adolescência de uma menina.

Menina. Feminina. Por ser uma Igreja composta e feita por uma maioria feminina. E por seu caráter feminino: terna e, ao mesmo tempo, tenaz na luta pela defesa da vida.

Adolescente. Pois dentro de casa, nos afazeres internos da Igreja, ela já sabe muita coisa. Sobretudo quando os pais não estão em casa, ela mostra que sabe tomar conta direitinho. Claro, fica-se mais a vontade. Panelas na mesa. Conversa solta. Quando os pais estiverem, ela sabe seu lugar. Ajuda. Painho ou mainha faz. Cada um tem seu lugar na mesa: na cabeça. Comida em vasilhames. Enquanto se come, ninguém fala.

Fora de casa, na missão do mundo, a menina começou a namorar. Ela criou corpo, ficou atraente. Só que ela namora rapazes que o pai nem sempre gosta. PT, CUT, Movimento Negro, Movimento Feminista...

Pelo VII Encontro Intereclesial passou quase um quarto do episcopado brasileiro. Boa parte deles como um pai que se levanta da sala onde estava assistindo televisão para ver no terraço da casa como está o namoro da sua filha a quem ele, por sinal, quer um grande bem e por quem tem um ciúme danado. Nada de "cenas de sexo explícito". Namoro inicial, mãozinhas dadas, um beijinho na despedida. Ele pode voltar tranquilo à sua diocese, à sala, mesmo que fique na cabeça uma ligeira desconfiança com o que pode acontecer quando ele der as costas.

Pois é, Adolescente. Mas a menina cresce. E o menino também: uma sociedade civil mais diversificada, um projeto político popular mais claro, com mais força. Isto terá seus reflexos na missão e no ser da Igreja.

O namoro se firmando, pode chegar o dia da menina engravidar. Pode até ser que o pai a expulse de casa nesta ocasião. Sem compreensão, com muitas mágoas.

Mas, uma vez o filho nascido, não tem pai/avô que não queira acolher o menino e seus pais, e dar um cheiro no fruto de um amor tão sincero.

Nasceu um novo jeito de ser Igreja, profundamente fecundada por sua missão pelo Reino e por sua convivência ecumênica.

Neste processo a menina amadurece, torna-se mulher, e chega a procurar, dentro de casa, relações de maior igualdade, de mais companheirismo entre homens e mulheres, entre clérigos e leigos. Geralmente os adultos falam de seus pais chamando-os "meus velhos". Maior autonomia em prol de maior comunhão. Seria uma Igreja em que não teria mais padres, pais, prebíteros(as), velhos, isto sim! Chamar de pai, só mesmo o Divino Pai Eterno! (Cf. Mt. 23,9).

NOTA

1. Para ter uma visão mais completa que deixa transparecer as peculiaridades das CEBs no Nordeste recomendo a leitura dos seguintes artigos todos publicados na REB: José Comblin, Algumas Questões a Partir da Prática das CEBs no Nordeste, em REB, junho de 1990. p.335 - 381; Luiz Carlos Araújo, Os Leigos na Igreja no Nordeste do Brasil, em REB, março de 1988, p. 154-163; Roberto Van der Ploeg, Um Olhar sobre a Igreja do Regional Nordeste II, em REB, março de 1988, p. 163-178.

2. Conforme Álvaro Pantoja Leite, O Governo Collor e a Questão Social, Recife 1990, mimeografado. Texto a ser publicado nos Cadernos do CEAS.

3. José Comblin, o.c., p. 335.

4. Leonardo Boff, José Américo de Lacerda, Adair Rocha, Os Militantes Cristãos Face às Estruturas do Poder e do Saber, em Cadernos Fé & Política, CDDH - Petrópolis 1990, nº 2, p. 31.

5. José Comblin, o.c., p. 367-368.

6. Cf. E. Schillebeeckx, Mensen als verhaal van God, uitg. Nelissen, Baarn 1989, p. 24-34.

7. Cf. José Comblin, o.c. (passim).

8. Cf. Pedro A. Ribeiro de Oliveira, Religiões Populares, em Curso de Verão ano II, Ed. Paulinas, São Paulo 1988, p. 123-128.

o o o

Divulgação

Sassá Mutema (Lima Duarte), Clotilde (Maitê Proença) e Severo Blanco (Francisco Cuoco) em cena da novela

Cristãos fazem manifesto contra o sexo em "O Salvador da Pátria"

Da Reportagem Local

Cerca de 350 pessoas pertencentes às Equipes de Nossa Senhora (grupo de casais ligado à Igreja Católica) enviaram um abaixo-assinado ao presidente das Organizações Globo Roberto Marinho protestando "contra o enredo da novela 'O Salvador da Pátria' pelas imoralidades nela expostas, bem como pela ridicularização de valores religiosos que atentam contra a instituição da família regularmente constituída". Sem utilizar a palavra censura, os casais cristãos pedem uma maior "adequação" das cenas de sexo e adultério para o horário das 20h30.

Segundo Elizabeth Savarese, coordenadora, junto com seu marido, das Equipes de Nossa Senhora na região São Paulo Sul 1 (São Paulo, Mogi das Cruzes, Santos e ABCD) a idéia de se manifestar contra o "clima de deboche que existe em relação à família na televisão" surgiu durante o último Eacre (Encontro Anual dos Casais Responsáveis de Equipe), realizado em 11 de março em São Paulo. O tema do encontro era a sexualidade do casal. E foi a partir deste tema que o grupo começou a questionar a "liberalidade" da TV. "Concluímos", prossegue Elizabeth, "que se faz na TV uma mistura entre genitalidade e sexualidade muito imprópria para a família. Na minha casa já deixamos de ver a novela."

O coordenador nacional dos seis mil casais que integram as Equipes de Nossa Senhora, Igar Fehr, disse que "não existe nenhuma idéia de externar o movimento pelo Brasil", apesar de achar que "alguma coisa precisa ser feita" contra o que considera "os abusos da televisão". O assessor de imprensa da Cúria Metropolitana de São Paulo e do cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, frei Sergio Calixto Valverde, disse que seria "desonesto" fazer qualquer pronunciamento sobre a novela porque "nós não estamos assistindo". Frei Sergio insiste na posição da Igreja, "que é contra a censura", mas acha que "todos têm o direito de protestar contra aquilo que julgam estar errado".

Apesar de não haver um movimento unificado contra "O Salvador da Pátria", os organizadores do movimento em São Paulo informaram que de Mogi das Cruzes vai sair mais um abaixo-assinado contra a novela com duas mil assinaturas. Professores do Sesi têm solicitado a pais de alunos que estes não deixem seus filhos assistir a novela.

Vale do Paraíba protesta

Do correspondente em São José dos Campos

A Câmara Municipal de Pindamonhangaba (140 km a nordeste de São Paulo) enviou às 35 outras Câmaras de municípios localizados no Vale do Paraíba requerimento solicitando apoio a seu pedido de censura do texto e mudança de horário da novela "O Salvador da Pátria", escrita por Lauro César Muniz e exibida pela Rede Globo de segunda à sábado às 20h30. "Nossa região precisa levantar a bandeira da moralidade contra essa pornografia", afirmou o vereador Valério Marcondes (PL), 35, autor do requerimento.

Na última terça-feira, a Câmara Municipal de Taubaté (128 km a nordeste de São Paulo) tomou sua posição em assembléia. Foi aprovado por unanimidade um requerimento de repúdio à novela, que será enviado à sede da Rede Globo no bairro do Jardim Botênico, no Rio de Janeiro. "A novela prega o amor livre, o aborto, o divórcio e a infidelidade conjugal, ferindo a formação cristã do povo brasileiro", disse o vereador Iardilei Viana de Aquino, (PMDB), 47, professor, autor do requerimento.

O movimento de comunidades cristãs contra a novela de Muniz teve início há quinze dias, na comunidade religiosa do distrito industrial de Moreira César, em Pindamonhangaba. Mas a manifestação só ganhou peso há uma semana, quando a câmara de Pindamonhangaba enviou requerimento ao presidente das Organizações Globo, Roberto Marinho, pedindo censura do texto e mudança de horário de "O Salvador da Pátria". O movimento conta com o apoio do bispo de Taubaté, dom Antonio Affonso de Miranda.

'Globo dá o que o público quer', afirma Pacote

Da Sucursal do Rio

Edvaldo Pacote, assessor do superintendente de Operações da Rede Globo, José Bonifácio Oliveira Sobrinho, o "Boni", não quis comentar a princípio a carta enviada por um grupo de casais cristãos de São Paulo ao presidente da Rede Globo, Roberto Marinho, protestando contra o enredo da novela "O Salvador da Pátria", por "ridicularizar valores religiosos e atentar contra a instituição da família".

"As novelas da TV Globo refletem as mudanças que ocorrem no país, daí a polêmica em torno de alguns dos temas abordados. A Globo dá ao telespectador o que ele quer", disse Pacote. A **Folha** apurou que Roberto Marinho já respondeu à carta. Ele não quis dar qualquer declaração a respeito.

FSP 30/03/89

O pescador coroado

FÁBIO KONDER COMPARATO

Ao se abrirem os trabalhos da 27ª assembléia geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, no começo deste mês, decidiu-se (não se sabe se por votação) que o episcopado brasileiro deveria enviar um telegrama de solidariedade ao papa, em razão da publicação na Europa, em janeiro último, de um manifesto crítico, assinado por mais de 150 teólogos católicos. A quase unanimidade, senão a totalidade, dos nossos bispos não havia lido esse manifesto, quando foi decidido o envio do telegrama de desagravo. Vários deles, se houvessem lido o documento, teriam —em espírito e verdade— concordado integralmente com o seu conteúdo. No entanto, condicionados por séculos de autoritarismo romano e de culto desabusado à personalidade papal, fiscalizados de perto pelo representante diplomático do Vaticano, que assistia vigilante aos trabalhos da assembléia, nenhum de nossos bispos, ao que se saiba, ousou protestar contra a proposta. Nenhum deles teve o desassombro lúcido do apóstolo Paulo, diante dos desmandos de Pedro: "enfrentei-o abertamente, porque ele se tinha tornado digno de censura" ("Epístola aos Gálatas" 2, 11).

O episódio do telegrama de solidariedade ao papa merece um comentário público, porque o que está em jogo é algo de importância universal, algo que interessa a toda a humanidade e não apenas aos católicos. É a questão de saber se a mais difundida religião do mundo contemporâneo ainda é capaz de desempenhar um papel civilizatório, de contribuir para a instauração do respeito à dignidade da pessoa humana, em todas as suas dimensões. Contra a lei da natureza, que impele o forte a se servir do fraco para sobreviver, a religião cristã leva o valor da fraternidade humana às últimas consequências, na liberdade e na igualdade.

Está a Igreja Católica, hoje, em condições de fazer repercutir essa mensagem de fraternidade universal? Representa ela, pela sua organização interna, um símbolo do respeito profundo de cada homem pelo seu semelhante?

É lamentável reconhecer que não. Prevalece, em todo o corpo eclesial, o princípio do poder irresponsável e da obediência irrefletida. Não há rigorosamente ninguém que, tendo analisado o Código de Direito Canônico e sobre ele refletido, sem conhecer o Evangelho, possa dizer, racionalmente, que essa entidade jurídica realiza aquele tipo de sociedade que Jesus chamava "o Reino de Deus", ou reino dos pobres, como proclamado na primeira bem-aventurança.

Aliás, é preciso reconhecer que a sociedade eclesial sempre tomou de empréstimo ao direito alheio a estrutura de suas instituições, segundo o espírito e o estilo da época. Assim foi, sobretudo, com o ministério papal. Da tradição judaica, copiou-se a pompa e a eminência sagrada do sumo sacerdote, presidente do Sinédrio; enquanto que do direito romano veio a figura do "pontifex maximus", ou seja, o imperador como chefe vitalício do colégio sacerdotal. No início da idade moderna, a criação da monarquia absoluta de direito divino, na Europa Ocidental, deu aos papas da contra-reforma o modelo ideal para a concentração absoluta do poder eclesial na cabeça, contra a tradição conciliar. Daí a afirmação dos dois cânones centrais da organização da Igreja: "não pode haver concílio ecumênico, que não seja convocado pelo papa" e "a Sé de Roma não se submete ao julgamento de ninguém". É claro que nenhuma dessas máximas pode ser justificada com base nas Escrituras, assim como ninguém reconhecerá, no soberano da cidade do Vaticano, a mais leve semelhança com o pobre Nazareno, ou o rude pescador galileu.

Em suma, teologicamente, as autoridades eclesiásticas falharam na compreensão de que o sucessor de Pedro não tem um primado de jurisdição, mas um primado na fé, como se vê em Lucas 22, 32. Ele não é um soberano, mas a instância suprema de conciliação e apaziguamento; em uma palavra, o bom pastor. Sob o aspecto da organização de poder, os canonistas romanos até hoje não chegaram a compreender o que os juristas ingleses entenderam perfeitamente desde fins do século 17: a saber, que ao papa não deve ser atribuído um poder sobre a Igreja, mas na Igreja, à semelhança do monarca britânico, que só podia manifestar o poder real em comunhão com os representantes legítimos do povo ("The King in Parliament").

As consequências nefastas dessa macrocefalia manifestam-se abertamente, toda vez que ascende à Sé de Roma uma personalidade autoritária, ou saudosamente tradicionalista. É o que acontece hoje. A eleição para o papado do representante de uma igreja de fronteira, há séculos confrontada com potências inimigas e opressoras, e submetida no presente às exações de um regime político perseguidor, só podia dar no que deu: autoritarismo exacerbado e integrismo restaurador, crispado numa postura de defesa contra o inimigo externo e o traidor interno. O abafamento das conferências episcopais, em todo o mundo. O desrespeito à autonomia tradicional de velhas igrejas européias, com a nomeação provocadora de bispos indesejados. A revogação prática da orientação pastoral de opção preferencial pelos pobres e oprimidos, solenemente afirmada pelo episcopado latino-americano em Medelín e Puebla. O ressurgimento da atividade inquisitorial, favorecendo-se a delação velada e a intrusão de "falsos irmãos, infiltrados para espiar a liberdade que temos em Cristo Jesus, a fim de nos reduzir à escravidão", como disse o primeiro grande teólogo da libertação ("Epístola aos Gálatas" 2, 4).

A Cúria romana certamente não ignora que os ateus e os sem religião declarada formam, hoje, um quinto da humanidade, enquanto no início do século não chegavam a meio por cento. Ela não pode desconhecer o fato de que a população cristã no mundo baixou em termos relativos, de 1900 até agora, e tende a baixar ainda mais até o final do século. É desolador verificar que ainda se pensa em enfrentar esses desafios, não por meio da conversão à liberdade, à igualdade e à fraternidade universais, mas com a restauração da velha Cristandade, como bastião de luta contra a impiedade e a heresia, numa espécie de islamismo de combate.

Sabem, por acaso, os nossos pastores quantos e quantos pais de família, pelo mundo afora, perderam hoje toda a disposição de dizer a seus filhos que é pela Igreja, por meio dessa entidade secamente burocrática e ritualista, que eles vão conhecer Jesus?

Os bispos brasileiros, reunidos em Itaici, poderiam ter se interrogado a respeito e refletido em consciência, antes de aquiescerem em defender, publicamente, a atual linha romana, responsável pelo desfiguramento do Evangelho e o consequente embrutecimento da humanidade.

FÁBIO KONDER COMPARATO, 52, advogado, doutor pela Universidade de Paris (França), é professor-titular da Faculdade de Direito da USP.

FSP
13/04/89

Para Cimi, país perdeu controle da Amazônia

Da Reportagem Local

O presidente do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), d. Erwin Krautler, bispo do Xingu (PA), disse ontem aos bispos brasileiros reunidos em Itaici que "a Amazônia já está internacionalizada e precisa ser devolvida ao Brasil, especialmente aos próprios amazônidas". No relatório sobre as atividades da Pastoral Indigenista, de 1988 até agora, ele citou um estudo do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq) que indica que 40% do subsolo da Amazônia já se encontra em mãos de empresas transnacionais.

D. Erwin classificou como "falso debate" a proposta de conversão da dívida externa brasileira em troca de parcelas do território amazônico, afirmando que "a dívida externa é ilegítima e deve ser objeto de auditoria isenta". Em sua opinião, "não se podem aceitar os reverbérios dos nacionalistas de ocasião, justamente os que, no passado recente, implementaram políticas para trazer investimentos estrangeiros à Amazônia".

Itaici - Reunidos em Itaici, os bispos brasileiros decidiram que a CPT deverá ter a aprovação direta do bispo para que possa atuar em qualquer diocese brasileira. Apesar disso, a atuação da CPT em defesa dos sem-terra e dos perseguidos no campo foi aprovada.

FSP
12/04/89

Bispos definem seus candidatos sem falar em nome da CNBB

DERMI AZEVEDO
Enviado especial a Itaici

Mesmo sem falar em nome da CNBB, os bispos que participam das entrevistas coletivas diárias da Assembléia de Itaici continuam definindo a título pessoal suas rejeições e preferências entre os virtuais candidatos à Presidência nas eleições de novembro próximo. Na entrevista de ontem à tarde, o bispo-auxiliar do Rio de Janeiro, d. José Carlos Lima Vaz, declarou-se simpatizante de Guilherme Afif Domingos (PL) e do ex-presidente da Petrobrás, Osires Silva.

Responsável pela Pastoral das Favelas da Arquidiocese carioca, o auxiliar do cardeal d. Eugênio Sales declarou-se favorável a um candidato que reedite a "política desenvolvimentista" do presidente Juscelino Kubitschek, além de "ser honesto, com capacidade administrativa e ânimo para oferecer pelo menos dois milhões de novos empregos anuais".

Já o bispo de Lins (SP), d. Irineu Danelon mostrou-se simpático à candidatura do presidenciável "tucano", senador Mário Covas (PSDB-SP), afirmando que "é o mais afinado com os princípios cristãos, embora destacando que o petista Lula "tem carisma e, já que tantos presidentes letrados cometem tantos erros, deveria merecer uma oportunidade".

Para o bispo de Palmeira dos Índios (AL), d. Fernando Iório (que se define "como um Diógenes, com uma lanterna em pleno meio-dia buscando um candidato") o futuro presidente "deve ser alguém sensível ao substrato cultural do povo brasileiro, respeitando a dignidade da pessoa humana e garantindo educação, saúde, terra, o direito à vida desde a concepção e solidariedade com os marginalizados.

Entre os nomes rejeitados os bispos apontaram ontem o ex-presidente Jânio Quadros ("imprevisível"), o presidente licenciado da UDR, Ronaldo Caiado ("é contra a reforma agrária, um dos objetivos básicos da Igreja no Brasil") , o ministro da Agricultura Íris Rezende ("está equivocado pensando que o povo ainda tem esperança no PMDB") e o presidente do PMDB Ulysses Guimarães ("está cansado e ultrapassado"). D. Fernando Iório não quis definir-se sobre o seu conterrâneo Fernando Collor ("fui um grande amigo de seu pai") por entender que "ele ainda não está definido se será mesmo candidato".

Numa média geral das preferências (entre os bispos que participaram até ontem das coletivas oficiais da Assembléia de Itaici), Mário Covas mantém a liderança na corrida presidencial, seguido de Lula. Entre os nomes rejeitados pelos bispos, a liderança é de Caiado seguido de Jânio e Brizola.

A posição social da CNBB, no entanto, resume-se em três critérios consensuais a todas as correntes do episcopado: a Igreja não tem candidato oficial nem oficioso; os cristãos devem participar da política, inclusive partidária e, para facilitar sua escolha, dispõe de um perfil de candidatos. Este perfil por sua vez é sintetizado em duas qualidades—"honestidade e competência" e o compromisso com o "direito à vida" incluindo desde a rejeição do aborto até a tomada de iniciativas para a superação da miséria, das injustiças institucionalizadas.

ARQUIDIOCESE DA PARAIBA
Caixa Postal 13
58.000 João Pessoa Pb.
Brasil

João Pessoa, 02 de setembro de 1988

Prezado Irmão Dom

De 11 a 14 de agosto estiveram reunidos aqui no Centro de Treinamento Miramar integrantes da Pastoral Rural de varias Dioceses do nosso Regional. Fiz-me presente na abertura, em duas reuniões da Coordenação e em dois momentos de plenário. Num desses plenários, acompanhei com interesse a exposição do Prof. Sebastião Armando. O clima reinante durante todo o Encontro pareceu-me tranquilo e o trabalho foi assumido com senso de reponsabilidade.

A reunião teria sido a Assembleia anual da Pastoral Rural, marcada ainda no ano passado pelas Coordenações Diocesanas. Mesmo destituida de carater oficial, julguei que o relatório dos trabalhos devia chegar ao conhecimento de todos os Bispos do Regional e me prontifiquei a encaminhá-lo como o estou fazendo com o único objetivo de informar os Irmãos a respeito de um encontro que reuniu tantos participantes e fez encaminhamentos que poderão ter repercussões profundas nas atividades missionárias de nosso Regional no que se refere ao homem do campo.

Saúda-o com afeto de irmão

+ José Maria Pires
Arcebispo da Paraiba

lucro, de produção e de venda, que foi a busca de uma fraternidade montada não sobre o consumo mas sobre a solidariedade com quem é mais pobre. É uma atitude de profundo respeito pela natureza. Em vez de explorá-la tratá-la como irmã. A atitude franciscana é profundamente solidária, anticonsumista. Neste sentido eu penso que São Francisco é mais moderno do que nós. Ele com a sua maneira de viver, na verdade, é novo e representa hoje uma alternativa ao problema ecológico mundial, face às relações de produção que marginalizam e que deixam morrer de fome.

CD — Como é a práxis da Teologia da Libertação no dia-a-dia? O senhor poderia dar um exemplo?

BOFF — Bom, a teologia da Libertação parte primeiro da prática concreta das comunidades. Isto, é das comunidades que se reúnem ao redor da Palavra de Deus e depois se articulam com outros movimentos sociais, particularmente as associações de bairro, sindicatos, militância dos partidos. Então o dia-a-dia da libertação é na verdade um esforço onde as pessoas, de forma comunitária, enfrentam os problemas que não são enfrentados pelo sistema econômico e pela administração pública. Se procura ali o mínimo de coesão entre as pessoas para superar o individualismo. Por que a miséria produz uma profunda solidão entre as pessoas, na luta de cada um em querer sobreviver. E é importante buscar ali laços de comunhão, de solidariedade e a teologia procura refletir isso. A teologia não parte dela mesma, nem parte da Bíblia primeiramente, ela parte desta prática que já existe nas comunidades.

O SILÊNCIO IMPOSTO FOI UMA DECEPÇÃO

CD — Qual foi a sensação que o senhor teve quando lhe proibiram o meio mais elementar de comunicação que é falar?

BOFF — Em primeiro lugar foi uma sensação de decepção. Porque eu não esperava que o Vaticano tivesse as mesmas

O importante não é ler "O Capital" de Marx mas ver como funciona o capital no Brasil

tir sobre a vigência dos direitos humanos dentro dela. Sobre a importância de não só falar de libertação, mas de criar um espaço de liberdade: dela só legitimar o seu discurso, sua prática de libertação se ela viver a libertação. Eu creio que esta reflexão se deu e fez com que o Vaticano revisse a sua posição, abreviando a pena e produzindo um texto sobre a Teologia da Libertação. Nesse sentido penso que foi um fruto positivo e hoje, tirando o saldo, ele foi promissor.

DENTRO DO CAPITALISMO HÁ SOLUÇÃO PARA OS POBRES

CD — A igreja por um longo tempo esteve ligada aos status quo. Qual é a posição dela com relação à Teologia da Libertação? Como Roma está vendo hoje esta teologia?

BOFF — Eu creio que a posição dela é profundamente ambígua, porque o conflito social atravessa também a igreja. Há extratos de igreja articulados com a classe dominante e com a própria UDR. Acreditam que o capitalismo ainda é uma solução para o desenvolvimento e integração dos pobres. E há um extrato grande de igreja no Brail que é hegemônico e está convencido de que dentro do capitalismo não há solução para os pobres, que a igreja deve ajudar a criar uma sociedade mais participativa, embora a igreja mesmo não saiba que tipo de sociedade ela quer. Mas ela sabe que não pode mais continuar com esta sociedade.

CD — Frei Boff, qual é a posição da igreja frente ao socialismo?

BOFF — A igreja teme o socialismo porque a experiência histórica que ela tem é que esses socialismos fazem um avanço social significativo, mas que ideologicamente assumem o ateísmo e daí perseguem as religiões e a Igreja também. Então tem a reação de se defender dele. Entretanto, hoje

08-05-88

Isso quer uma crítica religiosa ao socialismo, de só ver a dimensão de ele ser ateu, inimigo das religiões. Ele teve grande sucesso na ordem econômica, política, cultural, etc. Ele deve ser melhor avaliado. Temos que lutar por uma teologia da reconciliação, isto é, que o socialismo deve se reconciliar com as religiões, entendê-las não como ópio ou patologia. Mas como um dado antropológico de base. E também da igreja se reconciliar com o socialismo, porque ele é um fato. Ela tem de aceitar este fato e dentro dele encontrar formas de estar presente e também de evangelizar.

O EVANGELHO PERMITE VÁRIAS LEITURAS

CD — Frei, com relação ao evangelho, até que ponto se pode fazer uma leitura marxista?

BOFF — O evangelho permite várias leituras. Há uma leitura gramatical, espiritual, moral. Há uma leitura estética, evangélica, dramática, que o cinema faz, que os artistas fazem. E por que não fazer uma leitura marxista também? No sentido exato da palavra como Marx entendeu. Quais são as pré-condições materiais que precisam ser feitas a nível de infra-estrutura da produção e reprodução na vida para que tenha sentido e viabilidade falar como Jesus falou. Então é uma leitura que não tem nada que ver com o materialismo no sentido de negar o espírito, a transcendência em Deus.

CD — Neste sentido é imprescindível essa leitura?

BOFF — Eu penso que hoje é importante fazer esta leitura porque resgatamos o Jesus histórico que se preocupou com a infra-estrutura material. Quando o povo tinha fome ele não disse eu prego o evangelho e a fome será morta por ele, porque isto é material. Ele multiplicou os paês e matou a fome.

CD — Esta seria a visão bíblica da pobreza, então?

histórico do Evangelho, de valor humano. O pão é todo gesto que liberta as doenças concretas.

O POBRE ACREDITA EM DEUS APESAR DO MUNDO

CD — Qual é a reação das pessoas oprimidas ao tomarem consciência da sua condição? É um sentimento pacífico ou violento? Há um livro do Losa que diz que frente a tanta miséria é impossível ficar pensando numa vida eterna?

BOFF — Em primeiro lugar acho que esta é uma questão nossa de pequenos-burgueses, de intelectuais. A nível de povo a experiência é diferente. Quando ele está totalmente derrotado, vê filhos mortos, como aconteceu com a enchente em Petrópolis. Eu perguntei para um senhor, que perdeu a mulher e os filhos nos deslizamentos. "O senhor acredita em Deus, que ele é pai e é bom?" E ele respondeu: "Frei, seu eu não acreditasse eu estaria desesperado". Então a experiência de Deus é tão profunda que eles nunca colocam em questão Deus. Ele acredita em Deus apesar do mundo. Nós, ao contrário, colocamos logo uma questão de Teodicéia.

CD — A espera de um salvador é uma constante na história da humanidade. Como é que os oprimidos vão distinguir o lado paternalista da sociedade? Entender que eles não podem aceitar um pedaço de carne mas que eles tem o direito de tê-la?

BOFF — Eu creio que aí está a importância da análise social, do marxismo como pedagogia, mediante o qual o povo descobre os mecanismos de como a sociedade funcional. Porque existe pobreza e riqueza e que elas não estão justapostas, mas que uma se faz a custa de outra. A boa vontade para ajudar os pobres tem de ser crítica senão ela acaba caindo no paternalismo. A fé tem que ser lúcida. Seria mais ou menos como estar numa barca e ver um amigo cair na água. Ele cheio de boa vontade pula para salvá-lo, mas não sabe nadar. Cheio de boa vontade, mas

não fazem nada pela não pessoa do contrário, fazem para o capital.

CELIBATO NÃO MILITA CONTRA A SEXUALIDADE

CD — Com relação ao celibato a igreja católica enfrenta um grande problema na formação de mais padres. Como o senhor vê esta questão do celibato?

BOFF — Em primeiro lugar é importante reconhecer que o celibato é uma disciplina, é uma lei que depende da vontade do papa em mantê-la ou suspendê-la. Não há uma necessidade intrínseca de que os padres sejam celibatários. Assim como não o são os padres ortodoxos e os pastores protestantes. Por outro lado, eu vejo que esta lei do celibato limita enormemente o trabalho pastoral da igreja. Porque nem todos aqueles que teriam vocação, gosto de trabalhar na igreja o tempo integral, têm a vocação para a solidão, para viver a abstenção sexual. E muitos deles, que seriam ótimos pastores e bispos, abandonam os quadros da igreja. Por outro lado, o celibato pode ser a opção de uma pessoa que decide viver sozinha, mas no serviço da comunidade, inserido humanamente com outras pessoas. E que isso não seja egoísmo, medo da sexualidade, ou rejeição da mulher quando se tratar de um homem, ou quando se tratar de uma mulher em relação ao homem. O celibato não milita contra a sexualidade, é uma forma da pessoa também se humanizar. Ele não nasce de uma ausência de amor, mas de uma superabundância de amor. Por isto que está no Evangelho, e quem puder entender e realizar é uma forma de não cortar os laços com o outro. Ao contrário, de integrar sua sexualidade, sua ternura, no convício com as pessoas, com a vida, sem passar pela experiência genital. A questão, o desafio se coloca não tanto como viver o celibato, mas como eu posso me humanizar no matrimônio ou no celibato, na medida em que eu renuncio a todo tipo de denominação com o outro.

CD — Poderia se dizer que um certo tipo

voltada para as necessidades básicas do ser humano. E que realizasse a utopia mínima que não foi realizada nos últimos 50 anos no Brasil: que todo brasileiro pudesse comer pelo menos uma vez por dia. E há 60 milhões de famintos que não comem uma vez por dia. Então esta questão é mais importante do que se discutir ou não o aborto.

CD — O senhor esteve, não faz muito tempo, na União Soviética. Qual foi sua impressão a nível de religião?

BOFF — Bom, primeiro que a visão de União Soviética que a gente leva daqui corresponde muito pouco ao que se encontra lá. Nós levamos daqui uma leitura ideologizada, deformada pelos meios de comunicação e pela própria versão que os cristãos das igrejas dão deste país. Eu tinha a impressão que os cristãos fossem todos eles das catacumbas. Na verdade, uma certeza muito grande foi saber que primeiramente existem igrejas. Que elas têm gente dentro e que não são perseguidas. Somente se ela foi anti-socialista. Como nós aqui, que somos perseguidos porque fazemos crítica ao capitalismo. Mas que lá a religião existe e tem seus lugares de reprodução, isto é, tem seus seminários, tem suas revistas, seu clero. E ela está se questionando muito, principalmente agora, na celebração do primeiro milênio do cristianismo, sobre qual é a colaboração que elas dão para melhorar o socialismo. E para consolidar o espaço dentro dele, que não seja aquele que a tradição lhes conferiu, os mosteiros, as igrejas tradicionais. Esse é o elemento crítico.

CD — Seria uma maior participação da sociedade soviética?

BOFF — Sim, a presença da igreja é limitada ao espaço sagrado. Eu penso que isto é uma limitação que o socialismo impõe a elas e esperamos que a perestroika também chegue à cultura e à religião. E que permitam que a igreja tenha uma atuação mais direta, particularmente, no ensino.

CEDA
CENTRO ECUMÊNICO DE EVANGELIZAÇÃO, CAPACITAÇÃO E ASSESSORIA
Rua SÃO PEDRO, 642-Cx. Postal, 471
93.001 - SÃO LEOPOLDO - RS - BRASIL
DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO

Boff teme reação forte contra crise

A crise de desesperança reinante no Brasil, com as sucessivas frustrações e o achatamento salarial, pode levar o povo a pegar em armas, advertiu, ontem, um dos principais ideólogos da Teologia da Libertação da Igreja Católica, o frei franciscano Leonardo Boff. "Isto é profundamente grave, porque pode propiciar que certos grupos populares, com projetos políticos mais adiantados, ressuscitem a luta armada", alertou Boff, que culparia a "própria elite e os seus governos" se fosse deflagrada uma guerra civil.

Boff disse que uma reação armada do povo brasileiro, nesse momento, "seria muito perigosa", porque causaria um banho de sangue e um atraso de 20 anos. O franciscano avisou que o aparato militar do Estado e de associações conservadoras (como União Democrática Ruralista — UDR, que teria comprado 170 mil armas com leilões de gado) poderia "provocar a violência da repressão, que é mais eficaz que a revolucionária". Mas lembrou que a Igreja, num documento do presidente da Sagrada Congregação para Doutrina da Fé do Vaticano, cardeal Joseph Ratzinger, aceita o "uso legítimo da violência, como defesa contra uma violência primeira". O mesmo Ratzinger impôs a famosa pena de silêncio a Leonardo Boff, de 1º de maio de 1985 até a Páscoa de 1986, por sua pregação libertária.

O franciscano, nascido em Santa Catarina e que trabalha em Petrópolis, no Rio de Janeiro, não tem dúvidas de que o País já atravessa uma guerra de classes. "Vivemos uma feroz luta de classes. Na verdade, não há uma luta. Há um pisoteamento das classes dominantes. Há uma derrota do povo, que se perpetua há gerações. Há uma guerra econômica e política, que faz tantas vítimas quanto as guerras militares". Para o teólogo da libertação, a elite brasileira age com inconsciência, ao nutrir "um soberano desprezo pelos trabalhadores", e também com "má-fé", porque patrocina uma das "taxas mais altas de acumulação de riquezas do mundo". Exemplificou que o salário mínimo brasileiro perde até para o do Paraguai.

Onda conservadora

O avanço do conservadorismo da Igreja Católica, influenciado pelo próprio João Paulo II, foi criticado por Boff. No entanto, observou que esse crescimento conservador é estimulado pelos governos internacionais, que toleram e convivem com ditaduras. "Nesse contexto, a Igreja participa disso", admitiu. "E não vê com bons olhos o engajamento de bispos e padres nos movimentos populares".

Boff afirmou que a nomeação de religiosos conservadores e a transferência de progressistas para lugares sem muita importância política faz parte de "um esforço de mediocrização" da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). O exemplo mais claro seria a designação do presidente da CNBB, Dom Luciano Mendes de Ameida, para a diocese de Mariana, no interior de Minas Gerais. A manutenção de um "bispo corajoso e profético" como Dom Ivo Lorscheiter, em Santa Maria, também é "uma limitação das lideranças" progressistas. Dom Ivo presidiu a CNBB por duas gestões.

Apesar dessa orquestração conservadora, Boff acredita que a CNBB continuará a sua linha de "função social crítica e de apoio ao movimento popular". Disse que aos 365 bispos brasileiros, apenas 50 se definem como conservadores. E frisou que a própria realidade social está se encarregando de converter os menos progressistas. Os bispos de Rio Branco, Dom Moacir Grecchi, de Conceição do Araguaia, Dom Patrício Hanrahan, de Goiânia, Dom Antônio Miranda, por exemplo, passaram de indiferentes a defensores do povo, ao se depararem com injustiças. "O próprio povo acaba convertendo", disse Boff.

O teólogo da libertação entende que o povo só tem uma saída: organizar-se nos sindicatos, associações de moradores e Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), Boff lembrou que as CEBs nasceram justamente da miséria do povo. Atualmente, de 8 a 10 milhões de pessoas militam em mais de 100 mil núcleos das CEBs.

e 1,8930 dólares.

ZH 22.04.88

CEDOA
CENTRO ECUMÊNICO DE EVANGELIZAÇÃO, CAPACITAÇÃO E ASSESSORIA
Rua SÃO PEDRO, 642-Cx. Postal, 471
93.001 - SÃO LEOPOLDO - RS - BRASIL
DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO

Luteranos discutem a Teologia da Libertação

O paralelismo existente entre o período de Martinho Lutero, em 1517 e a luta dos povos oprimidos da América Latina, traduzido hoje na Teologia da Libertação está sendo discutido pela Comissão de Estudos da Federação Luterana Mundial, que se reúne até sábado na Vila Betânia, em Porto Alegre. Participam do encontro 34 teólogos, representando 12 países dos continentes europeu, americano, asiático e africano. Segundo a presidente da Comissão, a sueca Christina Berglun, os luteranos escolheram o Brasil para que os representantes do Norte, principalmente os europeus, tenham um contato mais próximo com a Teologia da Libertação. Esse encontro do qual participam também católicos, como o frei franciscano Leonardo Boff que estará presente hoje, é um preparativo para a reunião de estudos que os luteranos farão na próxima semana, no mesmo local.

Existem muitos paralelos no que tange à injustiça social entre a situação da época de Lutero e a atual, defende Christina Berglun. Os luteranos procuram identificar o descontentamento que ocorre hoje, principalmente através da pauperização dos povos do Terceiro Mundo, com o movimento nascido, também, através de um descontentamento, durante o século XVI. "Na época de Lutero", salienta ela, "o sofrimento encontrava resposta nas palavras bíblicas". Assim como na religião católica, os Luteranos estão divididos entre os progressistas e os conservadores. A Federação Luterana Mundial ainda não tomou posição a respeito da Teologia da Libertação. "Estamos na fase de estudos e essa é uma das razões desse Encontro", salienta a presidente da Federação Luterana Mundial.

Problema agrário

O representante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, João Pedro Stédile, que participou do painel "A Questão da Terra e a Luta dos Camponeses", enfatizou que a classe dominante freqüentemente esconde a existência do problema agrário. E exemplificou que dos 850 milhões de hectares de terras que existem no Brasil, cerca 370 milhões estão privatizadas, 120 milhões são de áreas públicas utilizadas como estradas, rios e urbanas e 360 milhões de hectares são de área pública não titulada e quase toda desabitada. "Se fosse desapropriado apenas um latifúndio por Estado", acrescentou, "teríamos 4 milhões e 895 mil hectares. Distribuindo-se esse total em lotes médios de 15 hectares por família seria possível assentar 326 famílias de sem-terra no país".

Para o sociólogo e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pedro Ribeiro de Oliveira, o movimento popular é o grande ator histórico da América Latina. É com ele que a igreja deve entrar em diálogo, defendeu, se ela tem alguma coisa a dizer em termos de futuro. O sociólogo enfatizou que a conquista da América destruiu todos os laços sociais dos povos que viviam no continente. Pedro Ribeiro de Oliveira situa o final da década de 60 do século atual, como o momento em que as massas começaram a se organizar por seus próprios meios, através do surgimento do movimento popular.

No Brasil, o sociólogo localiza três fases importantes. Entre 1968 e 1973, diz, o povo tenta apenas sobreviver, face à repressão da ditadura militar. Entre 1974 e 1984 é o período de resistência e, a partir daí, o movimento popular já organizado conquista vitórias parciais (como luz, água, habitação), em termos de melhoria, de infra-estrutura), mas esbarra no sistema e então inicia a luta pelo poder. "Essa luta", enfatiza, "fez surgir em entidades como a CUT que questiona o sistema capitalista ou mesmo partidos novos, a exemplo do PT, que sintetiza as lutas sindicais em busca do poder".

cleos das CEBs.

Religiosos ajudam a formar cooperativas

O frei franciscano Leonardo Boff fez questão de visitar o galpão de coleta de lixo dos moradores da Ilha Grande dos Marinheiros (Avenida Nossa Senhora Aparecida, 25, às margens do Guaíba). Foi para incentivar a obra da Associação dos Catadores de Material e do irmão marista Antônio Cechin, que está funcionando há três semanas. Em Petrópolis, no Rio de Janeiro, Boff também ajudou a cooperativar 120 famílias pobres, há sete anos, para a coleta, compostagem e venda do lixo.

Numa entrevista aos jornalistas, no galpão de coleta, Boff disse que costuma levar intelectuais europeus ao "Lixão de Petrópolis". "Ao verem as pessoas se misturando aos porcos e urubús", conseguindo sobreviver com as sobras da sociedade de consumo e capitalista, eles compreendem, sem preâmbulos, a Teologia da Libertação", disse o frei franciscano.

Boff disse que a iniciativa dos moradores da Ilha Grande dos Marinheiros precisa ser incentivada. A obra foi idealizada pelo marista Antônio Cechin. Como a coleta de lixo com as carrocinhas puxadas a cavalo se tornou cara (semanalmente, os moradores gastam Cz$ 1.300,00 com forragem e ferraduras para os animais), Cechin pensou na cooperativa. A Paróquia de Nossa Senhora dos Navegantes doou um caminhão. O presidente da Associação dos Catadores, Jurandir Ramos de Castro, disse que também foram doadas duas prensas de papel, mas falta energia elétrica para movimentá-las. Por enquanto, apenas nove famílias trabalham no galpão. Boa parte das outras 700 famílias — a maioria de papeleiros — ainda não acredita na cooperativa.

CENTRO ECUMÊNICO DE EVANGELIZAÇÃO, CAPACITAÇÃO E ASSESSORIA
Rua SÃO PEDRO, 642-Cx. Postal, 471
93.001 - SÃO LEOPOLDO - RS - BRASIL
DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO

A LUCIDEZ EM BUSCA DA LIBERTAÇ

MARILICE RIBOLDI

Como explicar as origens da Teologia da Libertação a um grupo de intelectuais estrangeiros, a priori resistentes ao assunto? Como fazer-lhes entender que a dura realidade sul-americana é mesmo muito cruel?
O frei Leonardo Boff, um dos mais importantes e discutidos teólogos brasileiros, viveu este impasse recentemente, quando recebeu a visita de dez intelectuais poloneses, em Petrópolis, no Rio de Janeiro. A decisão do frei foi levar os visitantes a um dos locais onde trabalha, para que observassem uma paisagem certamente estranha aos poloneses, mas muito comum no Brasil. Eram os catadores de lixo, que se misturavam a centenas de urubus na disputa pela mesma matéria-prima. Então disse-lhes: "Agora podemos começar a falar em Teologia da Libertação".

Pois é este frei franciscano, que passou por dez meses de silêncio imposto pelo Vaticano, mas que não abdicou do instrumental marxista para analisar a realidade social, que concedeu uma entrevista exclusiva ao Caderno de Domingo. Com 49 anos, Boff nos fala da Teologia da Libertação, da sua relação com o Vaticano, do seu silêncio obrigatório, de capitalismo, socialismo, aborto, celibato e das suas expectativas com o Brasil.

CD — Como é que nasceu a sua opção pela igreja?

BOFF — Nasceu a partir da família. Meu pai era militante cristão, professor de escola e trabalhava com camponeses pobres, com negros e com marginalizados. Desde pequeno houve esta sensibilidade pelo problema da pobreza na família. E a partir disso, eu entrei no seminário, fiz o currículo comum e acabei me ordenando padre em 1964.

SÃO FRANCISCO É MAIS MODERNO DO QUE NÓS

CD — Frente a um mundo tão consumista, com é que fica a vivência franciscana?

BOFF — Eu creio que a opção franciscana é uma atitude fundamental que foi elaborada por São Francisco no próprio advento do capitalismo. Na época que ele viveu também houve o surgimento da moeda e do mercado. O pai dele era um mercador de roupas. E nesse exato momento surgiu a contradição e esta mentalidade de lucro, de produção e de venda, que foi a busca de uma fraternidade montada não

práticas que os nossos militares e homens da ditadura tinham, já que eles proibiram os jornalistas de falarem, os políticos de abrirem a boca e os pastores da Igreja de anunciarem com liberdade a Palavra de Deus. Fiquei frustrado porque esta prática do Vaticano reforçava e legitimava as práticas dos inimigos do povo. Num segundo momento eu procurei dar uma interpretação mais ampla que não envolvesse só a minha pessoa, mas para salvaguardar, o mais possível, as comunidades de base. Então o meu intento era caminhar junto e acolher no sentido de não me enfrentar com ela. Em terceiro lugar, eu estava consciente que o meu silêncio ia produzir um fruto muito importante na Igreja. Se eu calava muitas outras pessoas que não falavam antes passariam a falar. Eu recebi apoio de milhares de comunidades do mundo inteiro desde a Coréia, Polônia até as CEBs no Brasil.

CD — E qual foi o reflexo na Igreja?

BOFF — A minha atitude mostrou frutos bons porque obrigou a igreja toda a refle-

Deven lutar por u teolog da reconc

DOCUMENTAÇÃO
DEPARTAMENTO DE

ÇÃO

Fotos: Cleide de Oliveira

As idéias boas não caem do céu elas surgem da história como respostas a problemas concretos

vemos
ar
r uma
logia

onciliação

mais e mais bispos se dão conta que não basta fazer uma crítica religiosa ao socia-

BOFF — É a visão bíblica da pobreza. Esta leitura nos resgata a verdade do Jesus histórico, do Evangelho, do valor huma-

sem eficácia alguma.

O GOVERNO NÃO FAZ NADA PELO POVO

CD — A sua opinião sobre o Brasil e a crise que o país vivencia?

BOFF — Eu vejo o Brasil dentro de uma crise que é importada, no sentido de que o país está se adaptando de uma forma mais avançada ao capitalismo mundial. Então, grande parte da crise econômica se deve a este reajustamento da infra-estrutura econômica aos avanços mundiais do capital. Há grandes interesses transnacionais aqui. E esta readaptação se faz com custos sociais muito grandes, isto é, o desemprego, o arrocho salarial. Por outro lado, o povo atingiu uma massa crítica significativa. Esse bloco histórico já não está mais passivo. Eles fazem contrapressão para mudar as estratégias de dominação do capital. E aqui o governo e a burguesia não mostram recursos nem inteligência para poder manejar esta crise política.

CD — O senhor vê alguma luzinha no túnel?

BOFF — Eu veria uma luzinha desde que houvesse uma sensibilidade do Estado por parte do aparelho, isto é, que houvesse um governo pelo menos mais populista, que fizesse alguma coisa pelo povo, porque eles não fazem nada para esse povo, ao con-

de enrijecimento acontece tanto no matrimônio quanto no celibato.

BOFF — É, eu vejo que para muitas pessoas o celibato não é uma escola de humanização mas de enriquecimento, de fortificação do instinto de poder, de machismo, de rudeza para com a comunidade, de falta de finura e de ternura com as coisas espirituais. E, infelizmente, existe dentro da igreja e em todos os níveis nos grupos celibatários, como também vejo nos matrimônios pessoas rígidas, violentas. E que implica numa falta de integração dessa imensa energia da libido da capacidade de relacionar-se como homem e como mulher.

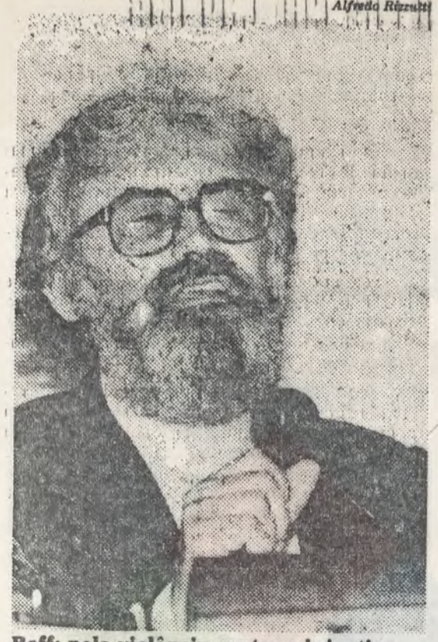
ACHO QUE TODA VIDA MERECE VIVER

CD — Qual é a sua opinião sobre o aborto?

BOFF — Eu tenho uma opinião digamos mais filosófica-teológica do que pragmática e política. Eu acho que toda a vida merece viver. Seja vida do animal, de planta e muito mais a vida humana, que carrega todo um mistério. Então eu penso que toda a economia, toda a política, ecologia deveriam estar em função da vida e não sacrificar vidas para salvar um certo tipo de vida, que nós elaboramos, que é capitalista e excludente. Isto implicaria numa economia mais solidária, mais

Polícia assiste palestra de Boff

Alfredo Rizzutti



Boff: pela violência contra a injustiça

O coordenador regional da Polícia Federal no Rio Grande do Sul, delegado Paulo Nase Brum, afirmou em Porto Alegre que foram acompanhadas as declarações feitas a imprensa e as palestras feitas no Estado pelo frei Leonardo Boff, um dos principais teóricos da Teologia da Libertação. Boff afirmou que a violência pode ser admitida como reação em situações de 'sistemática violação dos direitos humanos'. Acrescentou que a 'crise de esperança' que o País atravessa pode conduzir ao surgimento de movimentos de guerrilha. As afirmações de Leonardo Boff também foram acompanhadas 'com preocupação' por oficiais superiores do Comando Militar do Sul. Segundo observou ontem um desses oficiais, receia-se que 'muita gente possa acreditar, se empolgar e criar problemas'.

O bispo d. Boaventura Kloppenburg, da diocese de Novo Hamburgo na região metropolitana da capital gaúcha, integrante da Pontifícia Comissão Teológica Internacional, chegou a recomendar ao Exército que interrogasse o frei Leonardo Boff, pois ele poderia ser um 'intelectual orgânico de guerrilha brasileira'. O chefe da quinta Seção - o setor de Relações Civis - do Comando Militar do Sul, coronel Jão Hipólito Ribeiro Machado, comentou, porém, que o Exército não é mais reponsável por esse tipo de investigação, que cabe agora a Polícia Federal.

O coordenador regional policial da PF, delegado Paulo Nasi Brum ponderou que não seria produtivo intimar Leonardo Boff para um interrogatório. Observou que a experiência em casos como esse mostra que intimado acaba 'colocando as coisas em outros termos', retirando os conteúdos incriminatórios das entrevistas a imprensa. Acrescentou que, embora os jornais possam ter toda a credibilidade, não podem ser utilizados como fontes oficiais para iniciar investigações.

Luteranos querem conhecer melhor a Teologia da Libertação

'Temos interesse em conhecer a Teologia da Libertação por seu carater ecumênico e porque a entendemos como uma importante contribuição no processo de renovação da igreja'.

A declaração é da presidente da Comissão de Estudos da Federação Luterana Mundial, a sueca Cristina Berglund, que esteve em Porto Alegre para o seminário anual da comissão.

Cerca de 60 membros da comissão de estudos debateram durante 10 dias as suas questões religiosas e dedicaram três dias para o estudo e reflexão sobre a Teologia da Libertação. O convidado foi o frei Leonardo Boff.

Durante os debates, os luteranos ressaltaram a possibilidade de os princípios da Teologia da Libertação serem adotados, no todo ou em parte, pela FLM.

Leonardo Boff vê mudança na ação da Igreja conservadora

O teólogo franciscano Leonardo Boff admitiu em Porto Alegre (RS) que existe uma estratégia conservadora junto à Igreja brasileira, mas disse que muitos bispos conservadores estão se convertendo às causas do povo, porque a realidade é mais forte do que as ideologias.

Como exemplo, frei Leonardo citou bispos "conservadores« de Rio Branco (AC), Conceição do Araguaia (PA), Vitória (ES) e Goiania (GO) que, diante da violência rural e urbana em suas regiões, teriam aderido as teses da Igreja "progressista«.

O teólogo franciscano disse que dos 365 bispos brasileiros, apenas 50 seriam "conservadores«, afirmando porém que estes "tem maior articulação com a classe dominante e mais espaço nos meios de comunicação". Segundo ele, a tendencia da Igreja brasileira, porém, e de manter a linha "progressista". (Folha SP-22/04/88)

CEDIC
CENTRO ECUMÊNICO DE EVANGELIZAÇÃO, CAPACITAÇÃO E ASSESSORIA
Rua SÃO PEDRO, 642-Cx. Postal, 471
93.001 - SÃO LEOPOLDO - RS - BRASIL
DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO

DIARIO DE PERNAMBUCO — CIDADE
Recife, domingo, 18 de setembro de 1988 — A-29

Surge na AL uma postura religiosa avançada

Ayrton Maciel

Depois de Puebla e Medellín – com a polêmica Teologia da Libertação, uma interpretação da Igreja Católica e da história pela vertente do oprimido – começa a nascer no 3º Mundo, de modo abrangente na América Latina, uma corrente científica de identidade, mas sem vínculo, com a postura religiosa mais avançada. Denomina-se Filosofia da Libertação, uma linha de raciocínio menos preocupada com o "amor à sabedoria" e mais interessada no homem. Um compromisso com a causa do oprimido e a libertação dos povos econômica e culturalmente colonizados.

As duas, a teologia e a filosofia, não são uma unidade nem a segunda é um remate da primeira, porém, identificam-se por serem ambas do 3º Mundo e estarem voltadas para ele, a partir de semelhantes objetivos. Não é, igualmente, uma filosofia de confronto com a escola européia. Busca, somente, ser instrumento de libertação, sem renunciar aos parâmetros da influente filosofia do 1º Mundo. No Brasil, os filósofos da nova linha do "saber" trabalham, agora, no sentido de disseminá-la, incluindo aí seminários regionais, nacionais e internacionais.

VISÃO

A idéia de difundir a "nova filosofia" (aqui cabe como força de expressão) surgiu no recente III Encontro Nacional de Filosofia, realizado de 3 a 8 de setembro, em Gramado no Rio Grande do Sul, por um grupo de professores voltados para a realidade social do País, e em geral dos povos da América Latina. "Não há um local próprio que marque o nascimento da Filosofia da Libertação", revela o professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, Walteir José da Silva, "e sim, havia interpretações isoladas da filosofia que, no Brasil, começa a tomar cunho de organização a partir do aparecimento de mais adeptos". Da análise dos trabalhos isolados de tal filosofia na América Latina, o grupo decidiu-se em levar aos cantos da nação a nova ordem filosófica.

Se não há uma pátria, de origem há uma referência de nascedouro, oriunda do trabalho do professor-filósofo Henrique Dussel, no México. Ação semelhante e exemplar acontece na Nicarágua com o professor Serrano, e no Brasil com Olinto Pegoraro, eleito – no encontro de Gramado – presidente da Associação Nacional dos Professores de Pós-Graduação em Filosofia. Há registro, também, de linha de ação igual aparecendo na Africa e Asia.

"É uma filosofia do 3º Mundo, para sua libertação político-econômico e cultural, sem abrir mão das características básicas da filosofia que são a crítica, a análise, o rigor terminológico, o aprofundamento das questões e a globalização das conclusões", explica Walteir. "Não há um texto gráfico", acrescenta, "mas um sentimento básico de dependência, alienação e exploração por parte do 1º Mundo. Daí nasceu a Filosofia da Libertação".

A preocupação desse grupo está exposta na "carta de Gramado", na qual, a "nova filosofia", no contexto da filosofia latino-americana (e da realidade e perspectiva da região), "constitui-se uma corrente do pensamento filosófico que busca a reflexão crítica sobre a opressão do homem". Nesta orientação, é que o grupo assumiu a tarefa de promover a Filosofia da Libertação a nível nacional, envolvendo a docência, a pesquisa e o debate, articulados com movimentos sociais comprometidos com a causa do oprimido.

Para esse compromisso filosófico libertador, os filósofos da nova linha consideram questões fundamentais de reflexão e ação a situação de exploração e dependência do 3º Mundo; a democracia; a educação; a justiça social; a discriminação étnica, racial e sexual; e a ecologia. Assim "resolvemos somar esforços", diz a carta, "reunindo filósofos de todas as regiões do País, bem como efetivar intercâmbio com todos aqueles que, em qualquer lugar do mundo, principalmente na América Latina, partilhem esse compromisso".

DIFERENÇAS

Reconhecem os filósofos da libertação que a filosofia, desde o surgimento, na Grécia, manifesta-se como uma atividade intelectual que visa pensar o homem e sua realidade, e que os grandes filósofos de todas as épocas registraram suas preocupações antropológicas, políticas e sociais nos seus escritos, traduzindo um compromisso com uma realidade "político-social-econômico" historicamente identificada. Essa preocupação, no entanto, aprofunda-se no decorrer da história. Hoje, então, o que muda com a Filosofia da Libertação?

A grande preocupação social dos filósofos surge com a Revolução Industrial", relata Walteir Silva, "e a seguir com o processo de urbanização e o advento das massas, para mais tarde ser acrescida com o aparecimento dos monopólios capitalistas e o consumo, marcas dessa sociedade de massas. Uma massificação, na fase contemporânea, estimulada pelos meios de comunicação". Cita como exemplo da virada da Filosofia para o social, até então mais preocupada com as questões da consciência e da subjetividade, o marxismo.

"No período medieval", diz, "o traço determinante foi o teocêntrico. Tudo convergia para Deus. A teologia era a ciência suprema e a filosofia ficava como auxiliar". Com o advento do período moderno, consequência da revolução industrial, o centro de análise deixa de ser Deus e passa a ser o homem, sendo a linha dominante a preocupação crítica com a estrutura da consciência. "Descartes, Hume e Kant são expoentes dessa era".

Na fase contemporânea, contudo, é que se pontifica a linha social. "Além do marxismo, há uma linha individualista, representada pelo existencialismo, e uma de investigação metodológica, encontrada no estruturalismo e na fenomenologia". A Filosofia da Libertação, que agora nasce, não quer romper com a história: "quer ser instrumento de libertação do oprimido sem abandonar os parâmetros da seriedade da filosofia, que demonstrou sua preocupação social também em Bertrand-Russel, Herbert Marcuse, Jean-Paul Sartre, Harbernas (ainda vivo) e outros".

No 3º Mundo a Filosofia da Libertação encontra campo fértil para seu desenvolvimento, afinal, para ele nasce. Aqui não há ambiente para a subjetividade, a preocupação com resposta para questões como "por que existo?" ou tempo para deduções do tipo "penso, logo, existo". Justifica-se: "aqui os problemas sociais – a fome, a miséria – polarizam as preocupações", diz Walteir, segundo quem "não se trata de uma filosofia contra a filosofia européia, influenciadora da filosofia norte-americana. Alguns filósofos europeus e canadenses, inclusive, são solidários".

Difundir e organizar a nova linha filosófica no País, dentro de uma discussão sobre os problemas do 3º Mundo, e em particular da América Latina, são as metas desse grupo – que se define suprapartidário – em busca de uma contribuição para a libertação do oprimido. No Nordeste, representam esse pensamento os professores Rubem Nunes (UFRN), Antônio Rufino (UFPB) e Walteir Silva; no Sul e Centro-Sul, Sérgio Lins e Sírio Velasco (UFRS) e Bento Itamar (Federal de Uberlândia/MG)

Walter José da Silva: Uma nova ordem filosófica surge no mundo

Diário de Pernambuco

24/09/88

Dom Casaldáliga nega-se a cumprir ordem do Vaticano

GOIÁS VELHO – O bispo de São Félix do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga, afirmou, ontem, que não assinará o documento que recebeu de Roma, através da Nunciatura apostólica, intimando-o, entre outras coisas, a não falar sobre a Teologia da Libertação e pedir autorização superior para fazer qualquer visita à América Central. "O documento não me impôs silêncio total, como ocorreu com Frei Leonardo Boff – disse –, mas chegou em minhas mãos apenas com o timbre da Nunciatura apostólica, sem qualquer assinatura ou selo da sagrada Congregação para a Doutrina da Fé". Dom Pedro informou que vai aguardar uma comunicação oficial da Santa Sé, para então analisar o conteúdo das punições com a CNBB, padres e leigos de sua prelazia. **Mais notícias nas páginas A-6 e A-16**

Clero silencia com punição a dom Pedro

Apesar da punição do bispo espanhol dom Pedro Casaldáliga pelo Papa, divulgada ontem, ter tido ampla repercussão nacional, os bispos da Arquidiocese de Olinda e Recife preferiram não se posicionar. Dom Pedro, que faz parte da corrente progressista da CNBB, foi submetido ao "silêncio obsequioso" pelo Vaticano, por um período indeterminado, mas a notícia de sua punição não havia sido comunicada oficialmente até a tarde de ontem aos bispos, explicou dom José Cardoso Sobrinho daí por que consideraram precipitado fazer qualquer declaração agora.

O arcebispo informou, contudo, que de qualquer forma, acata e respeita toda a decisão do Papa. Na Cúria, na Rua do Giriquiti, o assunto principal passou a ser esse ontem, mas os religiosos e funcionários limitaram-se a fazer comentários sobre o motivo da punição de Casaldáliga, e seu forte posicionamento de apoio ao regime sandinista da Nicarágua. "O fato contrariou o Vaticano", era a opinião geral.

As pastorais demonstravam uma maior preocupação no seu encontro com os bispos, que até agora não se pronunciaram sobre o documento a eles dirigido, sobre o regional Nordeste II. Foi elaborada uma nova carta exigindo uma reunião extraordinária do Conselho Episcopal das pastorais e, assim, que sejam refletidos os fatos que tiveram ampla repercussão, como a demissão dos funcionários da Pastoral Rural e extinção do Sedipo (Serviço de Documentação e Informação Popular). Este encontro pode acontecer nos próximos dias.

Ao mesmo tempo, corriam rumores no Instituto de Teologia do Recife, e na Cúria, de que dom José Cardoso teria pedido proteção policial, há dois dias, por ter recebido ameaças de morte. Mas esta informação foi negada pelo próprio dom José e o secretário geral da Regional Nordeste II, João Bosco Gomes. A notícia, entretanto, chegava com inúmeras versões e terminaram completando a ânsia e a preocupação na Igreja do Nordeste ontem. **Mais notícias na página A-16**

Diário de Pernambuco
24/09/88

Vaticano decide que Casaldáliga deve silenciar

BRASÍLIA – "É melhor obedecer a Deus que aos homens". A afirmação é do bispo de Goiás, dom Tomás Balduíno, referindo-se à série de restrições que teriam sido impostas pelo Vaticano ao bispo de São Félix do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga, a quem dom Tomás está solidário. Em entrevista à Agência de Notícias dos Diários Associados – Anda –, dom Tomás afirmou que "está em jogo um posicionamento da Igreja, que vive um momento muito grave e sério, de uma crise muito profunda".

Em um comunicado à Imprensa, dom Pedro Casaldáliga, considerado um dos maiores expoentes da ala progressista da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), esclarece que há uma semana recebeu da Nunciatura Apostólica (Embaixada da Santa Sé, em Brasília), em papel timbrado da mesma, um documento com o título "intimação". O documento, de acordo com o comunicado de dom Pedro, "viria da Congregação para a Doutrina da Fé e da Congregação para os Bispos; não trazia assinatura de ninguém, nem o selo dessas congregações romanas". O secretário da Nunciatura, monsenhor Florentino, disse que nada tinha a declarar sobre este assunto.

Ainda segundo o comunicado, o documento retomava os itens que em fins de junho foram tema de uma conversa entre dom Pedro e os cardeais Bernardin Gantin, prefeito para a Congregação dos Bispos, e Joseph Ratzinger, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. Esses temas eram: Teologia da Libertação, Romaria dos Mártires da Caminhada, "certos folhetos catequéticos da prelazia, críticas a alguns procedimentos da Cúria Romana, minhas visitas à América Central, particularmente à Nicarágua".

O documento encaminhado pela Nunciatura Apostólica pedia a assinatura de dom Pedro, na qual ele assumiria "certas proibições ou restrições em torno desses itens" – explica dom Pedro em seu comunicado.

Dom Pedro, que está com Tomás Balduíno na cidade de Goiás Velho, disse em conversa telefônica com o repórter da Anda que recebeu com "certa surpresa" o documento encaminhado pela Nunciatura. Por enquanto ele pretende "esperar e continuar a caminhada". Dom Pedro entende que seus adversários devem ter gostado desta notícia. "A UDR e toda a direita aproveitarão este episódio" – afirmou, acrescentando que "o próprio Cristo teve as UDRs da época, e nem por isso ele deixou de fazer o seu caminho".

Dom Pedro disse que espera que "as coisas clarifiquem". Enquanto isso ele vai fazer "um exame de consciência" e continuar sua luta em favor dos oprimidos. Dom Tomás disse que está "em comunhão com dom Pedro, pois sua palavra e atitude têm sido fiel à expressão do Evangelho de Jesus e na linha do Concílio do Vaticano II e dos documentos de Medelin e Puebla".

De acordo com dom Tomás Balduíno, as causas pelas quais "dom Pedro é incompreendido e até expõe a sua vida são as nossas próprias causas e de inúmeros bispos e, portanto, isto não nos fará recuar, pois lutamos pelos índios, lavradores, pobres, operários, negros e em solidariedade aos nossos irmãos da América Central".

Em sua opinião, ficou claro que existe "um divisor de águas" na Igreja, ou seja, "os que querem continuar com uma Igreja engajada em favor dos pobres e os que desejam retroceder a uma outra visão da Igreja". Quem perde nesta polêmica, segundo dom Tomás, são todos os oprimidos: "Índios, lavradores, pobres, negros etc".

As restrições impostas a dom Pedro incluem o "silêncio obsequioso", semelhante ao sofrido pelo teólogo brasileiro Leonardo Boff, um frade franciscano. Por ter escrito o livro "Igreja, Carisma e Poder", Boff foi punido há três anos pelo cardeal Joseph Ratzinger e anistiado um ano depois. Ainda sofre, porém, censura prévia. Todas as suas publicações têm que ser submetidas ao Vaticano.

Dom Pedro Casaldáliga, que é espanhol, terá também suas viagens limitadas, não mais podendo visitar a Nicarágua. Até sua liberdade de falar e escrever serão restritas.

A punição a dom Pedro acontece exatamente três meses após o seu retorno do Vaticano, onde realizou a sua visita "ad limina" ao Papa, que todos os bispos devem fazer de cinco em cinco anos. Foi a primeira vez que dom Pedro fez esta visita em 17 anos de bispo.

Ele confirma que conversou, entre os dias 16 e 27 de junho, com os cardeais Ratzinger e Gatin. "Foi uma conversa franca, na qual eu disse tudo o que queria" – explica dom Pedro. Ele lembra que também conversou com o Papa João Paulo II. "O Papa disse que sabia que no Brasil havia muita injustiça e que a Igreja deve assumir um papel social, chegando a rezar pelos perseguidos, pois eu estava sob ameaça de morte" – relata dom Pedro, assegurando que sua caminhada continua "com mais ânimo do que nunca".

Telefotos AJB

Dom Balduíno (E) está solidário com dom Pedro Casaldáliga, "em nome de Deus"

Luis Inacio Lula da Silva

Solidariedade ao irmão Pedro

A anunciada punição, pela Cúria Romana, ao bispo d. Pedro Casaldáliga, condenando-o ao silêncio e proibindo-o de se deslocar livremente, merece a reprovação não apenas dos cristãos, mas de todos aqueles que, independentemente de crença ou fé, têm compromissos com a verdade, a justiça social e a liberdade.

Sim, porque durante 20 anos de ação pastoral no sertão do Brasil, servindo à Prelazia de São Félix do Araguaia, o trabalho de d. Pedro tem sido o de levar conforto e solidariedade, em nome da Igreja, a milhares de camponeses, índios, operários, sem-terra, desvalidos e perseguidos. Enfrentando toda sorte de ameaças, violências e até mesmo atentados, d. Pedro nunca se deixou intimidar e continua combatendo as injustiças, deixando sua marca de animador, porta-voz e conselheiro aos pobres e oprimidos.

Já não se trata, simplesmente, de enquadrar a perseguição ao bispo na rede de manobras dos conservadores, na disputa ideológica que se trava no interior da Igreja, cujo episódio mais recente foi a investida contra a arquidiocese de São Paulo, para tentar enfraquecer o prestígio do cardeal Arns. Agora, a coisa realmente passa dos limites.

Para além da punição sem culpa, que por si só sempre justifica nossa indignação, no caso de d. Pedro há razões adicionais para a gente ficar revoltado. Primeiro, pelo que tenho sido informado, nem se sabe ao certo qual a autoridade responsável pela intimação a d. Pedro. É tudo muito nebuloso, ninguém assina nada e todos procuram livrar a cara. Depois, a punição, se oficializada pelo Vaticano —e isto é muito grave—, viola flagrantemente os direitos do homem e as liberdades fundamentais, entre elas a liberdade de pensamento e de consciência. E ninguém ignora que o Estado do Vaticano assinou convenção internacional de adesão e respeito à Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU).

Além disso conversando com o companheiro Hélio Bicudo, jurista católico respeitável, tomei conhecimento de que o próprio processo movido contra d. Pedro, a advertência e a punição, nada disso está de acordo com o que prevêem as normas da Igreja. Tanto que tem sido grande a confusão entre os porta-vozes e comunicados do Vaticano pretendendo explicar à opinião pública o injustificável.

Ora, não se pode concordar que a Cúria Romana, atropelando suas próprias regras e passando por cima de sua atuação no campo dos direitos humanos, imponha qualquer punição a um bispo que tem dedicado sua vida ao apostolado, no exercício de uma missão consagrada aos pobres do Brasil.

Calar, nessa hora, significaria ser conivente com a injustiça. Não agir, tolerar, manter-se indiferente, seria concordar com a condenação de um inocente. Vamos tomar a defesa de d. Pedro, para que ninguém detenha sua caminhada serena, nem consiga calar sua voz lúcida.

Companheiro Pedro, irmão, amigo, conte com nosso apoio e solidariedade sempre.

Luis Inacio Lula da Silva escreve às segundas-feiras, nesta coluna.

FOLHA DE S. PAULO - Pág. 5
04 / 10 / 1982

IGREJA

Teólogo diz que D. José envergonha

RECIFE-PE
JORNAL DO COMMERCIO

O teólogo Leonardo Boff, adepto da Teologia da Libertação, disse ontem, em João Pessoa, onde participou de encontro de comunidades de base, que o arcebispo de Olinda e Recife, Dom José Cardoso, "envergonha a Igreja do Brasil". O frei franciscano, ao analisar os últimos acontecimentos envolvendo o arcebispo, afirmou que Dom José não se insere na caminhada da Igreja, traçada pelo Papa Paulo VI.

Leonardo Boff, autor de vários livros, lamenta que o arcebispo não tenha a experiência do "grande profeta Dom Hélder Câmara" e acusa o discurso de Dom José Cardoso de "enfraquecer a força hegemônica da Igreja no Brasil". Para ele, o atual arcebispo não é uma pessoa sensível.

Leonardo Boff

Em maio de 1985, o Vaticano lhe impôs dois anos de silêncio (reduzido a um ano) por "conceitos teológicos insustentáveis". Leonardo Boff foi o primeiro teólogo submetido ao silêncio, na Igreja Católica do Brasil, ou seja, não podia dar entrevistas, fazer conferências nem escrever sem censura prévia.

São de sua autoria, entre outros, os livros Jesus Cristo Libertador, Carisma e Poder, Vida para Além da Morte, O Pai Nosso, Teologia do Cativeiro e da Libertação, A graça libertadora do Mundo e A fé na Periferia do Mundo.

ALA CONSERVADORA

Arcebispo tem apoio de entidades

Mais dez entidades civis, ligadas à ala conservadora da Igreja Católica, estiveram ontem no Palácio dos Manguinhos para reverenciar a sua obediência ao modo de trabalho de Dom José Cardoso Sobrinho. O arcebispo, na semana passada, recebeu duras críticas da Comissão de Justiça e Paz por ter expulsado camponeses do Palácio, com ajuda militar, fato que não agradou às diversas correntes civis e religiosas ligadas à Arquidiocese.

Segundo o professor Eduardo Barreto Campelo, do Departamento de Ciências Jurídicas da Universidade Católica de Pernambuco, pelo menos 60 pessoas estiveram presentes à reunião, dando prova de sua solidariedade ao arcebispo. As entidades que participaram da manifestação foram: os movimentos Shoenstatt (Mariano), Focolare (de origem italiana), Carismático e Confraria das Mães Cristãs, Instituto Secular Pequena Família Franciscana, Faculdade de Direito do Recife, Departamento de Direito da Unicap, Associa Magnífica e Associação das Esposas dos Magistrados do Tribunal de Justiça do Estado, entre outras. "Tomamos a iniciativa de procurar o arcebispo, porque ele vem sendo vítima de notícias distorcidas que grupos contrários à sua administração, fazem chegar ao ouvido da população. Queremos mostrar que ele não está só nesse impasse", lembrou o professor.

Camponeses dizem que a nota mente

"JORNAL DO COMÉRCIO" 26-8-89

Os trabalhadores da localidade Pitanga II, em Igarassu, Região Metropolitana, lançaram ontem nota à Imprensa, desmentindo o arcebispo de Olinda e Recife, Dom José Cardoso. Afirmam eles que é " mentirosa" a afirmação de Dom José, de que esteve em Pitanga II demonstrando "solidariedade aos irmãos camponeses".

"Desde que acampamos, em 23 de agosto de 1987, até a data de hoje, nunca recebemos uma visita nem o apoio do senhor arcebispo", dizem os pintangueiros, acrescentando que não foram agredir nem ameaçar o arcebispo quando lá estiveram, há 12 dias, reivindicando o retorno, à comunidade, do padre escocês Tiago Thorlby, afastado da Arquidiocese.

Na nota, eles indagam a Dom José se é agressão "um grupo de trabalhadores pobres e mal vestidos", acompanhados de mulheres e filhos, ir pedir ao arcebispo a permanência "de uma pessoa que vinha acompanhando nossa luta e nos animando, com a palavra de Deus, nas horas mais difíceis".

Os camponeses revelam que por seis vezes "tentaram" conversar com Dom José Cardoso, reivindicando "nossos direitos perante a Igreja, para o fortalecimento da nossa fé". E agradecem às entidades – principalmente à Comissão de Justiça e Paz – que os apoiaram quando foram impedidos, por policiais militares, de entrar no Palácio dos Manguinhos.

Por fim, os trabalhadores – em Pitanga II, hoje, vivem 1.123 pessoas – se dizem chocados com o tratamento que receberam de Dom José Cardoso. "Estamos acostumados a receber este tratamento dos latifundiários", dizem, acrescentando que estarrece tal procedimento vir "de uma pessoa da Igreja". Apesar de tudo, os camponeses manifestam confiança na construção do reino de Deus "no meio de nós".

JUSTIÇA E PAZ
JORNAL DO COMÉRCIO

Colegiado reúne-se na terça-feira

A Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Olinda e Recife só vai se pronunciar sobre o decreto baixado por Dom José Cardoso, após a reunião semanal do seu colegiado, na noite da próxima terça-feira. Os 15 membros da CJP aguardam a publicação, hoje, do decreto e o retorno do presidente Luís Tenderini, que está no Crato (CE), para analisar detalhadamente a proibição imposta à entidade de emitir opiniões sem o consentimento prévio da Arquidiocese.

A Comissão de Justiça e Paz, criada em 1976 pelo então arcebispo Dom Hélder Câmara, é presidida, há um ano, pelo metalúrgico italiano Luís Tenderini e composta, entre outros, pelo economista Fernando Gonçalves (diretor do Centro de Recursos Humanos da Fundaj), atriz Leda Alves (presidente da Fundarpe), operário José Francisco (da Ação Católica Operária), socióloga Lúcia Queiroz e publicitária Lúcia Monteiro.

Por sua presidência já passaram Pedro Eurico, secretário de Habitação, Roberto França, secretário de Justiça, Lauro Oliveira, diretor administrativo do Bandepe, José Maria Andrade, ex-chefe da sucursal da revista Veja e o padre Ernani Pinheiro, atualmente na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil em Brasília.

26-8-89

TELEVISÃO

Nu e cru

Emoções fortes invadem a tela da Rede Manchete

Mostrar a verdade, somente a verdade, nada mais do que a verdade – especialmente aquela que não aparece na telinha das outras emissoras –, eis a "fórmula mágica", e antiga, que expõe o "mundo cão" no programa *Documento Especial*, da Rede Manchete, todas as quartas-feiras, no horário das 23h30. *Documento Especial* reedita os programas policiais do passado, mas com um novo tempero, angariando picos de audiência nunca antes experimentados pela emissora.

Foi a partir da premissa sensacionalista que ganhou corpo a idéia de se fazer um programa jornalístico de "televisão-verdade", onde fossem mostradas imagens pouco vistas pelos telespectadores. Mas será que ao público agradam cenas de sexo explícito, testemunho de jovens prostitutas e bate-boca entre macumbeiros e evangélicos? A resposta veio quase imediata. Embora num horário tardio, o programa obteve generosas audiências. Na quarta-feira, 23, atingiu 69% contra 18% da Globo, no Rio, de acordo com o Ibope. Estava consolidado seu triunfo.

Através de entrevistas de repórteres que vasculham praças e becos sombrios, à procura de personagens e de suas histórias mirabolantes, *Documento Especial*, em essência, segue a regra de "uma câmera na mão sem necessidade de uma idéia na cabeça", só que de forma planejada e criteriosamente regida para não fugir ao princípio original de "televisão-verdade". Receio de chocar o telespectador não há. Cenas com nu e sexo detalhado aparecem em quantidade incomum, tudo recheado por uma infra-estrutura digna das principais produções da emissora: várias câmeras, tomadas em diversos ângulos e som estéreo. É o próprio diretor do programa, Nelson Hoineff quem

PEDRO AGILSON

Nelson Hoineff
O homem por trás do Documento Especial

explica o objetivo de tamanho aparato: "Queremos fazer do *Documento Especial* um dos mais bem-sucedidos projetos da casa."

Para tanto, Hoineff não hesita em criar situações as mais malucas para alcançar imagens verídicas. Foi o que ocorreu durante a realização da matéria sobre os evangélicos. Os membros da Igreja Universal do Reino de Deus não permitiam filmagens dos rituais, mas o diretor do programa não teve dúvidas. Pediu à Divisão de Arte da emissora que fizesse uma bíblia, com fundo falso, onde coubesse uma câmera VHS. Em outra ocasião, para a matéria de roubo de automóveis, Nelson Hoineff tirou da cadeia um ladrão já condenado por este tipo de crime e o colocou fazendo simulações de assaltos. "Não houve fraude nenhuma. O que passou na tevê foi a ação de um ladrão de carros profissional", justifica ele.

Mas nem sempre a equipe de reportagem consegue ir até o fim em situações em que a obtenção de êxito total requer artifícios. A repórter Cláudia Calirman, por exemplo, abriu o jogo com um jovem que estava sendo filmado sem saber. Isso ocorreu durante a matéria sobre prostituição masculina, do repórter Santos Neto. O rapaz havia sido localizado através de anúncio nos jornais. A repórter fez o contato com ele e marcou um encontro num hotel do centro

NÃO PERCA TEMPO
Assine as revistas da Editora Três
Istoé Senhor
Motoshow
Hippus
Planeta
Para Assinar,
DISQUE: (011)
261-3781
Dias úteis das 8:30 às 18:00 Horas
EDITORA TRÊS

Rio. Enquanto ela e uma odutora conversavam com rapaz no restaurante do tel, a equipe toda de reporgem, incluindo dois seguças da Rede Manchete, ava num dos quartos com o preparado. Câmeras e crofones escondidos para a "vítima" não se sense intimidada. "Nossa ia era filmar tudo e depois gar para o rapaz, mostrar ita e perguntar se ele se portaria ou não. Pois se a posta fosse positiva, ele inaria a cessão de ima", explica Hoineff.

Essa era a idéia inicial, acabou caindo por terra com a atide da jornalista. No momento em que vam no restaurante, Calirman deci contar toda a verdade e o resultado surpreendente, pois não só o rapaz cordou em aparecer como deu os subsídios para a confecção da reagem. Para a jornalista, que traba há seis anos na Rede Manchete, foi programa *Documento Especial* que alcançou o ponto máximo de con com a realidade. "Nós temos total idade com os temas que aborda Acontece que as histórias acabam volvendo", explica ela.

ido e até calafrios na espinha foi o a jornalista sentiu ao promover um ntro entre macumbeiros e mem da Igreja Universal do Reino de em pleno cemitério, em Nova . Para esta reportagem já haviam filmadas e ouvidas as duas partes, qual desfiando cobras e lagartos a outra. Para mostrar o con, a repórter convidou as duas parpara um encontro "informal". A noturna do cemitério naquela noite ante agitada, pois o bate-boca se eu até o sol raiar. Num outro mo, a equipe de reportagem foi exda Igreja, pois segundo o pastor carnavam o "próprio demo". essa fúria do religioso ocorreu durante a filmagem da prega diretor de imagens, muito empolcomeçou a dirigir o pastor.

das essas emoções acabam passadas aos telespectadores", o diretor do programa, Nelson . Segundo ele, *Documento Es*bre um espaço para discussão ntos que fazem parte da reali do telespectador. É a história da

HOR/1043 – 13/9/89

Cena de exorcismo
Câmera oculta dentro da Bíblia

rua dele, do seu vizinho. A principal preocupação de Hoineff é quanto à abordagem dada a cada tema. "É fundamental que ela seja de documentário. Seguimos as mais rígidas escolas de documentários, onde não há interferência na realidade", diz ele, explicando com isso a ausência de microfones, câmeras e até mesmo a figura do repórter nas imagens.

O *Documento Especial* nasceu de uma conversa entre Hoineff e a direção da emissora, após o Carnaval deste ano. Diretor durante quatro anos do *Jornal da Manchete, 2ª edição*, Hoineff propunha agora um programa jornalístico em que não houvesse amarras, que oferecesse ao público algo mais ao que se assiste todos os dias. "Partimos da certeza de que a câmera é uma extensão dos olhos. Derramamos num mesmo frasco o cinema-olho'e o recente 'cinema-verdade'. Esta é a receita do sucesso", afirma.

Na quarta-feira, 13, *Documento Especial* mostrou uma reportagem sobre o *Santo Daime*, uma comunidade que vive em Roraima. Foram mais de 20 dias de trabalho, num local que fica a dois dias de Boa Vista via barco. Segundo Hoineff, a reportagem traz surpreendentes revelações, que vão muito além da questão religiosa. É o objetivo de *Documento Especial*.

Andrea Assef

Não Caia em Falsas Tentações

Quando você pensa em fazer uma assinatura de revista, surgem promessas de todos os lados.
Istoé Senhor não promete nada que não possa ser cumprido. Por isso, quando você assina **Istoé Senhor** pode ter a certeza de que o preço da sua revista vai ficar fixado durante um ano e que você vai poder pagar em parcelas ou com o cartão de crédito de sua preferência.
Portanto, não há como errar

Para assinar,
DISQUE: (011)

261-3781

DIAS ÚTEIS DAS 8:30 ÀS 18:00 HORAS

ISTOÉ SENHOR

EDITORA 3 TRÊS

Uma publicação Editora Três

Diários de Pernambuco

26.09.1988

Cardeal diz que bispo deve acolher críticas

BRASÍLIA – O cardeal de Brasília, dom José Freire Falcão, disse, ontem, em Fortaleza, que o bispo de São Félix do Araguaia, no Mato Grosso, dom Pedro Casaldáliga, deve acolher a admoestação feita pelo Vaticano "com humildade, espírito cristão e tranqüilidade".

O sacerdote lembrou que o documento recebido por Casaldáliga, por intermédio da Nunciatura Apostólica de Brasília. "não lhe faz nenhuma proibição. Apenas cita alguns deveres relativos ao magistério da Igreja".

NOTA

De acordo com o cardeal, a nota divulgada, anteontem, pelo Vaticano, desmentindo as informações referentes a uma provável "intimação", que o bispo de São Félix não quis assinar, dada a ausência das assinaturas dos cardeais Joseph Ratzinger, da Congregação para os Bispos da Fé, e Bernardin Gantin, da Sagrada Congregação para os Bispos, não possui falhas do ponto de vista formal. "Se o texto foi enviado pela Nunciatura Apostólica, as assinaturas não têm tanta importância".

Casaldáliga é considerado como pertencente à corrente progressista da Igreja no Brasil. Segundo declarações suas, divulgadas pela Imprensa, neste final de semana, no documento ele é solicitado a assinar confissão de culpa sobre o seu apoio à Teologia da Libertação e suas viagens à América Central, especialmente à Nicarágua, Por sua vez, dom José Freire esclareceu que a nota do Vaticano explica que o bispo tem o dever de não interferir em igrejas de outros países, sem consultar a Conferência local dos Bispos".

Diário de Pernambuco
25/09/88

Vaticano confirma repreensão a bispo, mas alega que não exigiu o silêncio

CIDADE DO VATICANO – A Igreja repreendeu um bispo brasileiro de linha "progressista" que fez uma greve de fome na Nicarágua em 1985 contra a política dos Estados Unidos para a América Central, informou, ontem, o Vaticano. O bispo é dom Pedro Casaldáliga, 60, chefe da prelazia de São Félix do Araguaia, no Brasil, e um defensor de "Teologia da Libertação", um movimento que o Vaticano acusa de tendências marxistas.

Dom Giovanni D'Ercole, subchefe do Setor de Imprensa do Vaticano, disse em resposta a perguntas que era incorreta a notícia publicada em São Paulo pelo jornal "Folha de São Paulo", de que o Vaticano ordenara a Casaldáliga que mantivesse um "silêncio respeitoso" por um prazo indeterminado.

"Ele foi convidado pelo Vaticano a se mostrar sempre inteiramente fiel aos ensinamentos da Igreja e a não interferir nas questões de outras igrejas, indo a dioceses de outros países sem o consentimento do bispo local" – disse o porta-voz do Vaticano.

Fontes vaticanas disseram que a repreensão se originou em virtude de visitas feitas por Casaldáliga à Nicarágua, numa das quais, em 1985, ele fez uma greve de fome em protesto contra a política norte-americana para a América Central.

D'Ercole disse que a repreensão do prelado espanhol, que há mais de 20 anos mora no Brasil, resultou de sua visita a Santa Sé em junho deste ano.

A 19 de junho, Casaldáliga foi interrogado sobre suas atividades pelo cardeal Bernardin Gantin, prefeito da Congregação de Bispos e pelo cardeal Josef Ratzinger, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé.

A visita "Ad Limina Apostolorum" (no limiar dos apóstolos) em junho foi a primeira feita por Casaldáliga em 17 anos desde que foi promovido a bispo. Os bispos católicos têm de fazer uma visita "Ad Limina" à Santa Sé pelo menos uma vez a cada cinco anos.

A repreensão de Casaldáliga lembra o caso do teólogo brasileiro "progressista" Frei Leonardo Boff, a quem o Vaticano impôs um estrito "silêncio" em 1985, mas suspendeu a sanção um ano mais tarde.

O bispo de São Félix do Araguaia (MT) dom Pedro Casaldáliga, não foi punido pelo Vaticano, mas apenas lembrado de suas obrigações como bispo, dentre as quais a de não se envolver com temas de outras igrejas. A informação foi transmitida, ontem, em Roma, para o Núncio Apostólico Dom Carlo Furno, em Brasília. Conforme o Núncio, a Santa Sé apenas espera que dom Pedro se mantenha fiel às recomendações da Igreja Católica.

Dom Pedro Casaldáliga já havia se negado a assinar documento do Vaticano obrigando-o a manter silêncio total em razões de sua viagens à Nicarágua e discussões de temas como a Teologia da Libertação. O bispo argumentou que o documento não era oficial e preferiu esperar comunicado de Roma.

Folha de São Paulo
24/09/88
sábado

Casaldáliga resiste à pena de silêncio

O bispo de São Félix do Araguaia (MT), d. Pedro Casaldáliga, vai resistir às punições que o Vaticano decidiu aplicar contra ele, como o "silêncio obsequioso" e restrições na liberdade de viajar. Ele está preparando um processo, com base no Código de Direito Canônico, em que pedirá esclarecimentos ao Vaticano sobre as medidas. Além disso, anunciou em comunicado à imprensa ontem que não vai assinar a "intimação" que lhe foi enviada, há uma semana, pelas Sagradas Congregações para a Doutrina da Fé e para os Bispos, do Vaticano. Segundo o repórter **Dermi Azevedo**, na "intimação", Casaldáliga é "solicitado" a assinar uma confissão de culpa sobre seu apoio à Teologia da Libertação, suas críticas à Cúria Romana, a atuação em São Félix e ainda sobre as viagens à América Central, sobretudo à Nicarágua. PÁG. A-6

Bispo irá resistir à intimação do Vaticano pedindo silêncio

DERMI AZEVEDO
Da Reportagem Local

O bispo de São Félix do Araguaia (MT), d. Pedro Casaldáliga, 60, um dos principais representantes da corrente "progressista" da Igreja no Brasil, disse ontem às 21h que a "Intimação" recebida por ele, de Roma, há duas semanas, "visa atingir uma série de causas", que não são suas "mas de toda a Igreja latino-americana, tais como a encarnação progressiva nos povos e culturas do Terceiro Mundo, a superação da dicotomia entre fé e vida e a memória dos mártires de hoje". Em nota divulgada na manhã de ontem, d. Pedro afirma que não vai assinar a "Intimação" enviada pelas Congregações para a Doutrina da Fé e para os Bispos.

D. Pedro disse "estranhar" que a "Intimação" tenha sido enviada sem a assinatura dos cardeais Joseph Ratzinger e Bernardin Gantin e, também, em papel timbrado da Nunciatura Apostólica em Brasília e não do Vaticano. Destacou ser "providencial" que as restrições ao seu trabalho tenham vindo "coincidentemente" no momento em que completa 20 anos de atuação, como missionário, no Brasil. "Tudo isto acabará gerando uma maior vivência do pluralismo, da liberdade e da capacidade de nossas igrejas de viverem em meio ao sofrimento, com espírito bastante pascal", destacou.

Na "Intimação", o bispo é "solicitado" a assinar uma confissão de culpa sobre o seu apoio à Teologia da Libertação, suas críticas à Cúria Romana, práticas litúrgicas e catequéticas utilizadas em São Félix e sobre suas viagens à América Central, sobretudo à Nicarágua.

Ao mesmo tempo, Casaldáliga já está preparando um processo, com base no Código de Direito Canônico, em que pedirá esclarecimentos aos prefeitos das Congregações vaticanas para a Doutrina da Fé, d. Joseph Ratzinger, e para os Bispos, d. Bernardin Gantin, sobre as restrições a seu respeito.

É a primeira vez, na história da Igreja Católica contemporânea, que a tentativa de silenciar um bispo é feita sem a formalização de um processo e que o bispo —no caso, d. Casaldáliga— decide resistir à "intimação", por considerá-la falha do ponto de vista formal e sem fundamentação teológica e pastoral.

Assessorado por outros bispos e teólogos, Casaldáliga prepara também um estudo de caráter "eclesiológico" (com base na doutrina católica sobre a própria Igreja), a ser encaminhado ao Vaticano, contestando as medidas restritivas de setores "conservadores" da Cúria Romana contra as liberdades de opinião, manifestação e de ir e vir.

Em uma curta nota divulgada ontem, às 8h30, em Goiás Velho (GO), onde visita o bispo local, d. Tomás Balduíno, o bispo de São Félix afirma que odocumento "pedia" a sua assinatura "com a qual eu assumiria certas proibições ou restrições" em torno da Teologia da Libertação, liturgia, catequese (ensino da doutrina cristã), Cúria Romana e visitas à América Central. "Não assinei o documento", diz Casaldáliga. Afirma depois que d. Tomás Balduíno pediu esclarecimentos anteontem à Nunciatura em Brasília. O Núncio substituto, monsenhor Florentino, respondeu-lhe que d. Carlo Furno (o embaixador do papa) estava ausente e que ele mesmo "estava sob segredo".

Banco de Dados

Pedro Casaldáliga, bispo de S. Félix do Araguaia, que foi punido pela Igreja

Este é o comunicado

Esta é a integra do comunicado de d. Pedro Casaldáliga

"Ontem, dia 22 de setembro a Rede Globo do Rio de Janeiro e Brasília falou pelo telefone com a sede da Prelazia de São Félix do Araguaia, MT dizendo ter recebido um telex de Roma em que se comunicava que o Vaticano me teria imposto silêncio total e que este seria o primeiro caso que se dava com um Bispo Católico.

"Como esta notícia se tem feito pública, eu me sinto no dever de dar a seguinte comunicação:

"Há uma semana recebi da Nunciatura de Brasília e em papel timbrado da mesma um documento com o título de 'Intimação'. O documento viria da Congregação para a Doutrina da Fé e da Congregação para os Bispos; não trazia assinatura de ninguém nem selo nenhum dessas Congregações romanas. Retomava os itens que em fins de junho conversamos em Roma com os Cardeais Ratzinger e Gantin: Teologia da Libertação, Romaria dos Mártires da Caminhada, certos folhetos catoquéticos da Prelazia, críticas a alguns procedimentos da Cúria Romana, minhas visitas à América Central, particularmente à Nicarágua. O documento pedia a minha assinatura com a qual ou assumiria certas proibições ou restrições em torno desses itens. Eu não assinei o documento.

"Do dia 20 ao 25 deste mês de setembro estou na cidade de Goiás ajudando na assessoria à Assembléia Diocesana por ocasião dos 20 anos de caminhada desta igreja irmã.

"Dom Tomás Balduino, Bispo de Goiás, telefonou ontem, dia 22, à Nunciatura pedindo esclarecimentos. O Substituto Mons. Florentino respondeu que o Núncio estava ausente e que ele estava sob segredo."

D. Pedro Casaldáliga
Bispo de S. Félix do Araguaia

Folha d. S. Paulo
24/09/88
sábado

D. Eugênio diz que 'está de acordo' com a punição de Roma ao bispo

Da Sucursal e da Reportagem Local

O cardeal do Rio de Janeiro, d. Eugênio Salles, disse ontem estar de acordo com a decisão do Vaticano de punir com o silêncio, a censura prévia e com a limitação de movimentos, o bispo de São Félix do Araguaia (MT), d. Pedro Casaldáliga.

O cardeal do Rio de Janeiro, que participava ontem da 5ª Conferência Nacional de Cultura e Evangelização, no auditório do edifício João Paulo 2°, disse que confia plenamente na obediência do bispo Casaldáliga.

"Tenho certeza de que ele vai cumprir as normas citadas pela congregação vaticana, não apenas por ele ser meu amigo, mas por que ele assim o declarou diante da Santa Sé", declarou d. Eugênio Salles.

Ele acrescentou que se encontrava no Vaticano há dois meses, na mesma época em que o bispo fazia sua primeira visita "ad limina apostolorum", a que os bispos são obrigados a fazer ao Papa de cinco em cinco anos.

Já o bispo de Juazeiro (BA), d. José Rodrigues de Souza, disse ontem, em Salvador, que estranhou "a rapidez com que tramitou" o processo de punição a Casaldáliga. Lembrou a visita que d. Pedro fez a Roma, em junho último e afirmou que "geralmente, depois dessa primeira conversa, a pessoa recebe um comunicado com uma avaliação de suas respostas e outros encontros ainda acontecem, antes de uma posição final". D. José estranhou, também, a falta de assinaturas na "intimação" recebida por Casaldáliga.

Em Petrópolis (RJ), o Movimento Nacional de Defesa dos Direitos Humanos (MNDDH), fundado em 1982, com apoio do teólogo Leonardo Boff e que reúne cerca de 350 entidades de direitos humanos de todo o país, divulgou nota ontem, às 19h, afirmando que "uma vez mais, setores autoritários do Vaticano —nomeadamente os cardeais Joseph Ratzinger e Bernardin Gantin— ,em contradição com o discurso e a prática do Papa, violaram publicamente os direitos humanos, cassando a palavra e cerceando as liberdades de um pastor, de um profeta e de um poeta, d. Pedro Casaldáliga".

A nota acrescenta que "tentou-se usar o sigilo, não para proteger a pessoa, mas para sorrateiramente puni-la". O teólogo Leonardo Boff também foi punido com o "silêncio obsequioso".

É incomum texto sem a assinatura de remetente

Da Reportagem Local

O envio de um documento a um bispo, através da Nunciatura Apostólica, sem a assinatura dos remetentes —como é o caso, segundo d. Pedro Casaldáliga, da "intimação" que recebeu do Vaticano— significa um precedente incomum na tradicional diplomacia vaticana.

Esse eventual "esquecimento" dos cardeais Joseph Ratzinger e Bernardin Gantin pode dar margem a uma investigação em profundidade sobre os mecanismos de poder e as mediações burocráticas da Cúria Romana. Uma das hipóteses discutidas ontem, nos meios eclesiais, era a de que a "intimação" teria sido produzida nos escalões intermediários curiais, à revelia do próprio papa.

O que é certo é que o documento para Casaldáliga veio de Roma e foi encaminhado pela Nunciatura em Brasília. O núncio, d. Carlo Furno, não foi localizado ontem, na embaixada do Vaticano. Ele não costuma dar entrevistas sobre assuntos eclesiásticos ou políticos e seus assessores sempre alegam "segredo de ofício" para também ficarem calados.

Diante da repercussão internacional provocada pela notícia das restrições vaticanas a Casaldáliga, o Vaticano e a própria Nunciatura já estão sendo pressionados para explicarem como tramitam os documentos da Igreja, principalmente os que se referem a restrições ou punições por motivos teológicos, disciplinares ou doutrinários. (Dermi Azevedo)

Ratzinger é o segundo homem na hierarquia

Da Reportagem Local

O cardeal alemão Joseph Ratzinger —um dos supostos signatários da "Intimação" contra d. Pedro Casaldáliga (embora com seu nome, o documento enviado ao bispo veio sem assinatura)— é o segundo homem mais poderoso na direção da Igreja Católica, depois do papa. Em sua mesa, na Congregação para a Doutrina da Fé, estão depositados muitos processos contra teólogos e bispos, além de consultas sobre a interpretação da doutrina católica.

Na Colômbia, há cerca de um mês, Ratzinger disse aos bispos locais que "é preciso secar o ambiente eclesial" para os "progressistas". Agora, uma de suas tarefas prioritárias é retomar o diálogo com os tradicionalistas ligados a d. Marcel Lefebvre

Sentenças do papa não podem ser discutidas

Da Reportagem Local

Na estrutura hierárquica da Igreja Católica, o papa tem o poder "supremo, pleno, imediato e universal" e contra as suas sentenças e decretos "não há apelação". Definido como "o juiz supremo para todo o mundo católico", o papa não pode ser processado, nem julgado por ninguém. É o que diz o Código de Direito Canônico, a lei máxima da Igreja, acrescentando, no cânon (artigo) 1.311, que a Igreja "tem o direito originário e próprio de infligir sanções penais aos fiéis delinquentes".

As penalidades eclesiásticas —ao contrário do que ocorre no Direito comum— podem ser aplicadas através de "decretos extra-judiciais", em casos extremos, quando as repreensões e advertências não forem suficientes para "corrigir o réu".

Antes de tomarem posse, os bispos são obrigados a fazer uma profissão de fé e um juramento de fidelidade ao papa. As penas, na Igreja, podem cessar pelo seu cumprimento, pela mudança da lei e pelo perdão.

Contra as decisões de escalões administrativos da Igreja, depois do papa, cabem recursos aos Tribunais da Sé Apostólica.

O tribunal ordinário para receber apelações, no Vaticano, é a "Rota Romana".

Nos tribunais eclesiásticos, ao contrário dos civis, não existe a publicidade dos processos. No caso de Casaldáliga, o procedimento jurídico a ser provavelmente adotado será um "pedido de esclarecimentos" sobre a "intimação" que recebeu.

Gantin é um dos bispos ligados a João Paulo 2º

Da Reportagem Local

O arcebispo e cardeal africano (do Benin), d. Bernardin Gantin, prefeito da Sagrada Congregação para os Bispos, do Vaticano, é um dos funcionários de maior confiança de João Paulo 2°. Por isso Gantin veio ao Brasil, há dois anos, selar o pacto de bom entendimento entre a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e o Vaticano, depois do desgaste provocado pelo silêncio imposto ao teólogo Leonardo Boff.

De lá para cá, contudo, tem havido um retrocesso no relacionamento entre Gantin e os setores "progressistas" do episcopado brasileiro. O tratamento formal e inquisidor dado por ele durante a visita que Casaldáliga fez ao Vaticano, em junho último, foi um indício nesse sentido. O mesmo ocorre com a "intimação".

'Aquele Vaticano tem muito de jaula, quiçá dourada'

Este é o relato que d. Pedro Casaldáliga fez circular entre os bispos, sobre sua visita "ad limina" ao Vaticano.

Entre Roma e Assis, com a espiga de milho
Crônica de minha visita ad limina

Até agora, ainda não havia realizado a visita "ad limina", que os bispos temos obrigação de fazer, indo a Roma, cada cinco anos. E eu já tinha 17 anos de bispo. Da Congregação dos Bispos, recebi duas cartas bastante duras, me cobrando essa visita e me ameaçando —9 anos depois— supostas "costas" pendentes da Santa Apostólica que recebemos na Prelazia, em consequência das acusações de um bispo ultraconservador. Decidi apelar ao papa —do bispo de São Félix para o bispo de Roma— e lhe escrevi, dia 21 de fevereiro de 1986, uma longa carta de desabafos pessoais. "Se o Sr. crê oportuno, lhe dizia na carta, pode fazer-me saber uma data para que eu vá visitá-lo pessoalmente".

Uma data foi agora, no mês de junho.

Viajei para Roma em Alitalia, cercado de buliçosos italos-argentinos que também regressavam a suas raízes. Viajavam no mesmo avião 40 Irmãs de São José —entre elas a nossa Irmã Teresa— que iam para um curso-peregrinação às fontes de sua congregação religiosa. Sentia-me cercado também de muitas preces, conselhos amigos, promessas de apoio. Por sua parte, a Santa Sé e a Nunciatura me haviam pedido a máxima reserva em relação a essa viagem.

Foi mais do que interminente diário, anotara: "Vou a Roma em romaria. Videre Petrum, videre Martyres, videre Pontificem. Roma e Assis. A pedra, o sangue e a pomba, da Igreja Latina, com a espiga de milho fecundada por tanto sangue mártir e coesamente fraterna em sua vontade de libertação".

Depois de 20 anos de distâncias, me esperavam em Roma, na Urbe, as pedras históricas, as basílicas, as catacumbas, os belos trizóis de outros Fevos; as ruínas escaladas por gatos pingados; as "piazze" ensolaradas e seus desmazelados turistas; as colinas e suas casas de campo; os trigais e amapolas; as oliveiras e o bom vinho; as oliveiras, a gíesia nacional —minha "chiesa" estatal. Também os "gelati", é claro, e aquele tráfego tão, atropeladamente caseiro; os cartazes nos muros pedindo Ecologia, Política, Arte; os meios de comunicação, sobretudo da Espanha e da Catalunha com um acompanhamento atento e solícito; comunidades cristãs de compromisso concreto; velhos amigos; meus companheiros claretianos que se hospedavam em disponibilidade fraterna, de modo particular o [illegible] Tobió e Angel Calvo, da Prefeitura Geral de Formação; e minha família... Reencontros, saudades, raízes. No fundo das contas, europeu ainda além de latino-americano.

E, como disse, a Pedra Apostólica, selada com o sangue dos nossos mártires:

"Ego timor, Roma, de romanos.
Nisi ea que herdamos
Fides de latim, a fé de Pedro.
Quaque de Império, por trás do Vaticano,
A Pedra e ao Sangue partilhados
Não pulso temos de romanos.

No dia 14, de jaqueta emprestada, fui recebido em antesala por Monsenhor Re, secretário da Congregação dos bispos, que já conhecera na Nunciatura do Panamá. "Cum Petro et sub Petro", é o que dizíamos ele, persistente. E "um só Senhor, uma só fé, um só batismo", acrescentava eu para que a confissão fosse mais explícita. Lembro-me também que, no sábado, na entrevista que teria com os cardeais Gantin e Ratzinger, eu deveria comparecer com vestimenta apropriada. (No caso, seria a batina preta e as claretianas, cedidas muito gentilmente pelo veterano Pe. Garcia, o colar indígena de tucum e a cruz franciscana...

O cardeal Gantin, prefeito da Congregação, me antecipava: "Será um encontro de plena sinceridade, com plena liberdade, em uma fraternidade".

Ao fim —caçoava eu depois deste prólogo— que seria parecido a um vestibular eclesiástico: de disciplina, por parte da Congregação dos Bispos; de Teologia, por parte da Congregação da Doutrina da Fé.

Foi no sábado, dia 18. Durante hora e meia. Também na Congregação dos Bispos. Com o cardeal Gantin, seu secretário Re e o subsecretário; com o cardeal Ratzinger e seu secretário Monsenhor Bovone e o monsenhor Américo, português, da Secretaria de Estado. Os monsenhores anotavam tudo e tinham várias intervenções de textos meus.

Foi fraternal, seriedade e jeito. Sem agressões. Pessoalmente, falei-me bem liberdade. Ratzinger sorriu com frequência. Ao final do questão de "costas", que, graças a Deus, não tenho diferenças de fé embora tenha discrepâncias teológicas; como não tenho também problemas de comunhão embora divirjamos em certos critérios de disciplina.

O cardeal Gantin começou lendo um texto que me recordava a gravidade do momento e de toda visita ad limina. Reconhecia as autoridades e nossa dedicação ao Povo. (Às vezes eu me sinto um interpelado coletivo, quem sabe pelo pluriforme Povo de Deus). "O cardeal Ratzinger e eu lhe faremos algumas perguntas", dizia ele. E citou, angustiado, o caso Lefebvre, e naqueles dias, estava em sua máxima tensão.

Primeira pergunta de Ratzinger:

O Sr. sentia os documentos da Santa Sé sobre a Teologia da Libertação?

Minha resposta: Os dois, complementarmente e junto com a carta que lhes enviou aos bispos do Brasil, na qual afirma que a Teologia da Libertação "não somente é oportuna, mas também é necessária"... complementarmente os 3 textos, e em particular os dois, os aceito. Minha divergência se refere a algumas afirmações que o segundo documento faz a respeito de nossos teólogos. Aliás, não se "instruções". O próprio papa, recordei-lhes eu, exigiu uma segunda instrução, tão negativa, se acrescentassem os 5 ou 6 adversários. Mais ainda, o papa declinou a paternidade de uma instrução, dizendo: "É do cardeal Ratzinger". "Nós fazemos que se fazem", repliquei o cardeal.

Segunda pergunta

O Sr. escreveu que a Opção pelos Pobres deve ser entendida primeiramente... "Nós preferimos falar de amor preferencial pelos pobres. "Classismo" é uma palavra carregada de ódio que não se pode estudar.

Minha resposta: Efetivamente, a palavra está carregada de ódio e de sentido válido, a meu ver. Se não se quer falar de luta de classes, que se fale de "conflito de classes", como o fazem as encíclicas. Mas o conflito está aí. Nós, na América Latina, podemos evitar que se pense nos pobres como espontaneamente bons, fora de uma estrutura que os explora e oprime; por isso, falamos dos "empobrecidos". O próprio papa o disse várias vezes, precisamente na América Latina, que o rico fica cada vez mais rico a custa dos pobres cada vez mais pobres". Esse "a custa de" é estrutural e, se me permite a expressão escandalosa, "dialético".

Terceira pergunta

O Sr. fala, falam de pecado social. E o pecado pessoal?

Minha resposta: Tenho como prática recordar sempre constantemente as duas vertentes do pecado. Na Romaria dos Mártires, em Ribeirão Bonito, queimamos, na fogueira [illegible], tanto os pecados sociais como os pessoais, explicitamente, uns e outros. O Novo Testamento chama o pecado do mundo". Algo havia de estrutura social [illegible] a sinagoga, o império, a escravidão... São as coisas que pecam, evidentemente, mas dentro de estruturas [illegible] pecaminosas e que, de certo modo, fazem a essas mesmo tempo estruturantes e estruturadoras.

Quarta pergunta

O Sr. celebram a Eucaristia como um rito social...

Minha resposta: Duvido muito que possam me acusar de [illegible] Eu, precisamente, tenho o costume de dizer que a Missa é "a Páscoa de Jesus, nossa Páscoa, a Páscoa do Mundo"; Morte e Vida, Paixão e Ressurreição. Ao início à assembléia eucarística costumo dizer: "Cordeiro de Deus que tira o pecado, a escravidão e a morte do mundo". Falamos também da paixão, morte e ressurreição de cada um de nós e do Povo, isso claro que sim. Mas também existe a Eucaristia. Para que tenhamos vida, e vida em abundância. Tradicionalmente, a Igreja nos faz repetir no Ofertório todo da terra e do trabalho do homem". Algo há de sagrado na terra e nesses trabalho. Lembrei aos cardeais a Missa dos Quilombos, que o Povo fez e aproveitei para defendê-las. Ao cardeal Gantin, citei com ênfase especial a Missa dos Camponeses, pela Causa do Negro. Observei o quanto a Igreja incultura-se e reivindicava o direito das outras culturas no Terceiro Mundo.

Quinta pergunta:

O Sr. facilmente chamam de mártires a Monsenhor Oscar Romero e Camilo Torres... É bom recordar certas pessoas que morreram ao Povo, mas chamá-las de mártires!

Minha resposta: Nós sabemos distinguir entre os mártires "canônicos", oficialmente reconhecidos pela Igreja, e esses muitos outros mártires que chamamos mártires do Reino, que deram sua vida pela justiça, pela libertação, a maioria deles cristãos e que também morreram explicitamente pela causa do Evangelho. Sim, eu escrevi um poema a "São Romero da América" e assim o considero: santo, mártir, nosso.

Sexta pergunta:

— O Sr. falou de "revolucionar" a Igreja.

Minha resposta: A frase completa surgiu por ocasião da "Insurreição evangélica" da Nicarágua: "Importa revolucionar-se constantemente, na própria vida pessoal, pela metanoia ou conversão; importa revolucionar constantemente a Sociedade, seja qual for o sistema ou regime; e importa também revolucionar constantemente a própria Igreja, para que seja sempre mais evangélica". Eu falava para setores menos "eclesiásticos". Poderia ter dito que a Igreja é "semper renovanda". Mencionamos, na conversa, o pluralismo, a nossa Teologia, as Conferências Episcopais, a nomeação de bispos.

— O Sr. tem se referido ao Pretório e ao Sinédrio, me disse Ratzinger, gozador. E eu consenti, no mesmo tom.

Monsenhor Bovone me leu o telegrama que 10 bispos brasileiros enviamos a Roma, na ocasião da primeira censura pública contra Leonardo Boff. Consenti também. Ele acrescentou:

— O Sr. escreveu que o segundo documento sobre a Teologia da Libertação corrige o primeiro.

Respondi que sim, que é verdade. Corrige-o porque o completa. Se o primeiro fosse completo, não teria sido necessário o segundo.

Em determinado momento, o cardeal Ratzinger observou que todas as palavras podem ser justificadas, como que sugerindo que é fácil dar interpretações posteriores corretas a anteriores incorreções.

O cardeal Gantin referiu-se, sério, ao problema de minhas visitas à Nicarágua. "Isso já é um 'fato', sublinha, um 'fatto'! Deixar a própria diocese para ir a outro país, interferir em outro episcopado..." Tentei explicar-me. Mas, ao longo desses encontros vaticanos, vi que a Nicarágua é o que menos se pode "explicar" ali.

Canto para ele, para eles, que fui a Nicarágua durante o jejum contra a agressão, e com o respaldo de 23 companheiros bispos; cito minha anterior amizade com os nicaraguenses, minhas cartas aos bispos do país, minhas idas a outros países centro-americanos e a boa acolhida de irmãos bispos nesses países. Falo da solidariedade, do que significa Nicarágua para toda a América Latina. Recordo que há cristãos, católicos mais concretamente, em ambos os lados daquela Igreja e que à Igreja, como jerarquia, lem a obrigação de atender ao outro lado também. Cito o escândalo que esse outro lado sofre. Não nos "convencemos"!

— O Sr. disse que a visita ad limina era inútil, me aborda Gantin.

Disse que era "quase" inútil, brinco eu. E repito a queixa de tantos, no mundo inteiro, sobre esse particular. Reconheço que houve uma nova forma, na última visita do episcopado brasileiro, com a ida a Roma dos 21 bispos, nos três dias em que eles e os dicastérios discutiram abertamente diante do papa. Recordo que o próprio João Paulo II, na carta que dirigiu à CNBB, reconhecia essa nova forma de visita como mais colegial e que serviria de modelo para outros episcopados.

— O Sr. é utilizado; sua palavra, seus escritos, sua atuação.

Todos somos utilizados, respondo. Os Srs. também e também o papa. Além do mais, devemos ver quem e como nos utilizam. Falo da comunicação, da opinião pública —também dentro da Igreja—, da colegialidade e da corresponsabilidade. Lamento que cultivemos um secretismo excessivo.

Desde o início da entrevista, eles tinham insinuado um possível texto com proposições, que eu deveria assinar. Nesse momento me formularam mais concretamente essa proposta. Respondi-lhes que não assinaria nada sem tempo suficiente para pensar e consultar. Que eu mesmo jamais pediria a alguém um tipo de assinatura assim. Reagiram:

— Não se trata de um tribunal, não. O Sr. terá tempo de pensar sobre isso.

Relembro ao cardeal Gantin que, em sua carta, ele me prometia um encontro com o papa. Ele me confirma isso. Naquela mesma tarde se encontraria com João Paulo II. Entendi que era para colocá-lo a par de nossa entrevista.

Levantamo-nos. Fodi para rezarmos juntos. Para que fossemos sempre fiéis ao Reino, para a ajudar a Igreja a ser sempre mais evangélica. "Para revolucioná-la, não é?", intervem Ratzinger, sorrindo. Sim, para revolucioná-la evangelicamente, completo.

Contei-lhes a recente ameaça de que estou sendo alvo pela UDR e lhes assegurei que, se caso, será pelo Reino e pela Igreja também... Rezamos o Pai nosso, em latim, e uma invocação à Maria, Mãe da Igreja.

Quando eu já estava na escada, um dos monsenhores veio ao meu encontro para pedir-me que não transmitisse nada da nossa conversa aos jornalistas. Respondi que só falaria à imprensa depois de minha audiência com o papa; e que, se não contamos aos jornalistas a verdade, eles se virem, obrigados a inventar, talvez mentiras. Insisto no direito e no dever da comunicação. Soube, depois, que a Rádio Vaticana recebeu ordens superiores de nada comunicar sobre minha passagem por Roma.

Na sala de espera, antes da audiência, havia um calendário de ACNUR dedicado aos refugiados. Recordei com especial carinho os refugiados guatemaltecos. A legenda do calendário dizia assim: "É muito fácil ser um refugiado; tua raça e tuas opiniões diferentes podem bastar".

Na sala de espera, depois da entrevista, havia três desenhos a tinta, com pavões reais, leões devorando um cordeiro e serpentes enroscadas numa coluna; um quadro de Nossa Senhora de Guadalupe e um Crucifixo. Fellini faria uma festa maliciosa.

A audiência particular com João Paulo II foi no dia 21. E durou aproximadamente 15 minutos. Depois de passar por uns 8 guardas, apresentar 4 vezes o "biglietto" della Prefettura della Casa Pontificia" e atravessar pátios, corredores e salões.

O papa, com um gesto, me convidou a falar, sentados os dois em torno a uma mesa.

— Tive a entrevista com os cardeais Gantin e Ratzinger e eles me fizeram uma série de advertências. O Sr. já leu a carta que lhe enviei, com minhas preocupações e explicando-lhe porque não havia feito a visita ad limina.

O papa concordou.

— Estou aqui para o que lhe pareça oportuno comunicar-me, acrescentei.

Ele quis que falássemos em português. Fala com soltura, poliglota de verdade.

Pondera a importância da unidade na Igreja; da comunhão e também da comunicação não só com o papa mas também com seus colaboradores. Recorda-me que a visita ad limina não é uma simples burocracia. Eu concordo. Insisto no bem da comunhão de ambos os lados; nas vantagens desse novo modo de visita ad limina que a CNBB iniciou, de acordo com ele; vantagens que ele mesmo reconhecia, depois, na carta que nos escreveu e que foi tão efusivamente acolhida por nós. Ele elogia a fidelidade da CNBB em comunicar-lhe tudo prontamente.

Explico-lhe como a realidade diferente de nossas latitudes e as situações que nos toca viver nos obrigam a adotar posições quem sabe não compreendidas por outros na Igreja. Ele o reconhece e afirma várias vezes, que "a Igreja deve assumir a problemática social". "São problemas dos homens", explicita. Muitos, lhe digo, dentro de fora da Igreja, lhe agradecemos sua encíclica "Sollicitudo rei socialis", que nos parece muito precisa e lúcida. Ele, satisfeito completa:

— Ali a chamam de Carta do Terceiro Mundo."

Manifesta que sabe dos nossos sofrimentos e repete, várias vezes, que conhece a grande injustiça que acontece no Brasil, sobretudo nas regiões do Norte do país.

— Parece-nos muito oportuno, lhe digo, o Sr. ter recordado no presidente Sarney que, sem Reforma Agrária, não haverá Democracia no Brasil. Infelizmente, a Assembléia Nacional Constituinte já nos proibiu a Reforma Agrária no texto, votado até agora, da nova Constituição.

Sobre a mesa havia um dossiê com meu nome na capa. E um mapa de nossa região. O papa se inclinou sobre ele. Falamos da Prelazia, da situação do Povo —índios, posseiros, peões, colonos; da equipe de pastoral —sacerdote, religiosos, leigos, seminaristas. Ele me pergunta se os leigos sabem ler. Explico-lhe os vários tipos de leigos que trabalham na equipe e nas comunidades e os muitos cursos de alfabetização e as escolas que na região vêm funcionando há tempos. E lhe sugiro:

— O Sr. pensa voltar ao Brasil, possivelmente no próximo ano, não é verdade?

— Quero sim. Espero que o Senhor me permita essa viagem.

— Seria muito bom se visitasse essas regiões do interior; o santuário de Trindade, por exemplo, perto de Goiânia, seria um lugar muito oportuno; é um santuario muito popular, muito frequentado.

— Trindade, Trindade! repete ele, como para gravar o nome.

Refiro-lhe a proposta dos cardeais em relação a certas proposições que eu deveria assinar e lhe confesso que, no meu entender, isso me parece falta de confiança.

— Também pode ser uma prova de confiança, replica ele. O cardeal Arns quando vem aqui, gosta das coisas por escrito.

Depois senta-se, abre os braços e, entre admoestador e brincalhão, me diz:

— Para que veja que não sou nenhuma fera...!

No primeiro momento quase me espanto, depois achei engraçado o gesto.

— Nunca pensei isso, eu sorri.

(Mas na verdade sentia, naqueles dias mais de perto, como aquele Vaticano tem muito de jaula, quiçá dourada. Diante da estátua de São Pedro, em bronze, recordei —como não?— os versos de Alberti, as garras de Pedro de ver-se, livremente, pescador...).

Peço a João Paulo II sua bênção para a Prelazia toda e vamos enumerando grupos de pessoas. Peço-lhe, sobretudo, que abençoe os perseguidos.

— Sobretudo os perseguidos, repete.

No quinta-feira, dia 27, pela manhã, meu último dia de estadia em Roma, tive outro encontro com o cardeal Gantim e seu secretário, monsenhor Ré.

O cardeal mostrava-se tenso:

— O Sr. esteve com o papa, não?

— Sim, estive com ele uns 15 minutos.

— Inúteis.

Diante de minha expressão de assombro, ele me cobra duramente o fato de, na Espanha, terem sido publicados fragmentos de minha carta a João Paulo II. Todo o mundo, acrescenta ele, verá suas discrepâncias como o Santo Padre e, ele e o secretário, insinuam que nessa carta há falta de respeito.

— A carta, replico eu, parece-me muito respeitosa e muito eclesial. Foi pensada, rezada, consultada. Expressa, isso sim, preocupações e até divergências que muitos de nós, católicos, sentimos e que temos o direito de sentir e de expressar, como Igreja que somos. A carta não trata de assuntos privados.

Depois, muito energicamente e, em nome da Congregação dos Bispos, o cardeal me recrimina, outra vez, minhas idas à Nicarágua.

— Vou rezar, vou pensar, vou consultar meus companheiros, respondi.

Ele pede ainda que examine minha consciência no que se refere a meu modo de relacionar-me com a opinião pública.

— Eu também sou bispo da Igreja, afirmo. E me sinto com o dever da corresponsabilidade. O próprio papa insistiu na comunicação. Creio que devemos possibilitar o diálogo, o pluralismo, o bem maior da Igreja, obra de todos nós.

Vem à tona o tema de Lefebvre. E lhes digo que me parece até muito evangélico que a cúria tenha tido tanta compreensão com o bispo idoso, mas que gostaria que houvesse a mesma compreensão com outros setores da Igreja. O cardeal me replica dizendo que eles tratam igualmente todos os bispos.

— O Sr. cardeal Ratzinger lhe escreverá, conclui ele.

Tive também —fora do programa oficial— um encontro sumamente efusivo com o latino-americano cardeal Pironio.

Esses dias, pensei muitas vezes, na fé, com pena, com esperança, na obrigação irrenunciável que temos de comunhão-comunicação entre as Igrejas locais e a Igreja de Roma; entre o papa e sua cúria e os bispos e suas conferências; entre nossa Igreja e as Igrejas, falando ecumenicamente; entre as Igrejas e o Mundo. Sonhei, metido naquelas pedras e venerando tanta tradição, em outro tipo de cúria romana, para outro tipo de ministério papal. Senti, com um pouco de culpabilidade também, as distâncias que nos colocam em contradição quando nos deveriam situar em catolicidade, una e plural, fiel e livre, evangélica e histórica.

E reassumi a verdade do Terceiro Mundo com uma certa indignação impotente porém comprometida. Somente reconhecendo essa verdade, o Primeiro Mundo poderá salvar-se como humano e como cristão.

Quanto ao mais, esses dias foram muito familiares, deliciosamente caseiros. Os meus foram a Roma, de Balsareny, de Valencia, levando-me fotos, recordações, ajuda, do resto da família. E vivemos juntos, separada de repente a distância de 20 anos, um lindo re-encontro. Três sobrinhos-netos —Edgar, Meritxell, Elisenda— receberam de minhas mãos a primeira Comunhão na Eucaristia —literalmente doméstica— que celebramos nas catacumbas de Priscilla. (Meritxell chorou, depois, diante de umas reproduções dos Mistérios de Cristo, na cripta cordimariana de Parioli, porque não entendia a Santíssima Trindade. E, no dia seguinte, um psicanalista romano me expôs seus projetos de confrontar as relações humanas com as relações trinitárias. De tudo isso, deduzi que não estava tão perdida aquela velha Europa, quando suas crianças e seus cientistas se desviveni por aproximar-se da mesma inefável Trindade. Ainda há fé em Israel!).

Hospedei-me na cúria generalícia de meus irmãos claretianos, agasalhado como um bispo mesmo. No Claretianum concelebrei com antigos companheiros de estudos, agora espalhados missionariamente pelo mundo. Celebrei a Eucaristia em Tre Fontane, com as Irmãzinhas de Jesus, sempre tão universais e ágeis de espírito. Com a comunidade "brasiliana" —de Roma e de Assis— que me presentou com um grão de mostarda do Cenáculo de Jerusalém. Com as Irmãs de São José de Chambery. Com as "Adoratrices". Reuni-me com latino-americanos, dei algumas entrevistas e descobri maravilhosas comunidades novas, grupos de solidariedade, fé, militância. Regressando de Assis, jantei com os Irmãozinhos do Evangelho. Conversei também com religiosos, compromissados com os Direitos Humanos e estive com os Missionários do Verbo Divino, reunidos em capítulo geral. E visitei o Pe. Arrupe, cravado numa longa cruz de anos de impossibilidade e silêncio, que me sorria e chorava, enquanto eu lhe ponderava o bem que seus jesuítas fazem, sobretudo em nossa América Central.

No domingo, dia 19, assisti com meus familiares, entre cantos em latim, em vietnamita e em basco, a canonização dos 117 mártires do Vietnam. Um deles, Pere Almató, dominicano, meu conterrâneo, de San Feliu Sasserra. E Teófano Venard, o jovem missionário francês que eu tanto invocara em minha juventude missioneira.

Uma tarde, me visitou um homem moço, ex-vendedor, um novo amigo solidário, para entregar-me uns objetos familiares, de ouro, em favor da Causa Indígena. Tinha lido em "La Reppublica" umas declarações minhas e me disse, emocionado, que estava convencido de que os Povos Indígenas só se poderão salvar com o apoio internacional.

Reencontrei-me com tantos amigos do meu Sabadell, de Barbastro, de Madri, de Manresa, de Sallent, de Vic, da Europa, da América, que aquele verso do coração "cheio de nomes" floresceu de atualidade.

Fui a Assis. Assis era outro lugar obrigatório dessa romaria eclesial. Fui, com os incondicionais companheiros Fernando e Angel e com toda essa multidão de "Fé na Caminhada", que não me deixou sozinho, um só momento, por aqueles lugares do Poverello.

Em Assis tudo foi luminoso, como a Úmbria, como a alma de Francisco. As pedras desnudas, os gerânios escendidos, as pombas, os "cárceres", os afrencos, os sepulcros, o "piccolo giardino della sorella Chiara", onde o irmão Francisco se desfez dexologicamente no seu "Cantico delle creature". Tudo, finalmente, convidava à pobreza, à liberdade, à paz à "Fraternura". Em São Damião, e precisamente no dia do Voto da cidade à Santa Clara, celebramos a Eucaristia.

Ah! Francisco das Flores respeitadas e do Evangelho" "sem glosa" e da crucificada Perfeita Alegria, que bem e que falta nos fazes a todos os seguidores do Senhor Jesus!

E estou, de volta, em São Félix do Araguaia, mais eclesial, espero, e mais latino-americano também. Para a glória do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Pedro Casaldáliga bispo de São Félix do Araguaia, MT — agosto de 1988.

* Os amigos, a quem devo carta, sintam-se respondidos e abraçados pessoalmente. O tempo e até o preço obrigam a apelar aos impressos coletivos...

Folha d. São Paulo
24/09/88
sábado

FOLHA DE S. PAULO

Terça-feira, 27 de setembro de 1988 — EXTERIOR — A - 9

Papa admite reintegrar à Igreja 4 bispos ordenados por Lefebvre

DERMI AZEVEDO
Da Reportagem Local

O papa João Paulo 2º prometeu recentemente aos quatro bispos tradicionalistas ordenados em 30 de junho último, em Écone, Suíça, pelo arcebispo francês d. Marcel Lefebvre, readmiti-los na Igreja Católica, com plenos direitos, caso aceitem a sua autoridade pontifícia. Os quatro bispos são d.Bernard Fellay, d.Bernard Tissier de Mallerais, d.Richard Williamson e d.Alfonso de Galarreta. A **Folha** apurou que os bispos não deram resposta imediata, embora tenham demonstrado "simpatia" pela proposta pontifícia.

A iniciativa do papa é um dos temas mais comentados, reservadamente, entre bispos católicos de todo o mundo, inclusive na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Trata-se do lance mais audaz na ofensiva diplomática do Vaticano —iniciada logo depois do cisma de Lefebvre— para tentar reintegrar os tradicionalistas ligados ao arcebispo francês e a outros grupos semelhantes.

Caso aceitem o convite do papa, os bispos tradicionalistas terão, também, que aceitar os documentos aprovados no Concílio Vaticano 2º (realizado de 1962 a 1965). Em contrapartida, teriam plena liberdade para celebrar a missa em latim, de acordo com o rito formulado pelo papa Pio 5º, além de maiores facilidades para a formação do seu próprio clero. Nesta estratégia de "recuperação" dos tradicionalistas, o papa conseguiu recentemente pelo menos duas importantes vitórias: cerca de 50 padres do grupo de Lefebvre fundaram há três meses a Fraternidade Sacerdotal São Pedro (tradicionalista mas obediente a Roma) e o mosteiro de Barroux (na França), também tradicionalista, reintegrou-se plenamente à Igreja Católica romana.

Os principais intermediários nas negociações são os cardeais Joseph Ratzinger e Augustín Mayer. Um primeiro efeito da estratégia de "recuperação" dos tradicionalistas é a divisão entre os próprios grupos cismáticos. Um desses casos ocorreu no início deste mês quando o mosteiro tradicionalista de Nova Friburgo (RJ) —fiel a Lefebvre— rompeu com o mosteiro francês de Barrroux por ter aceito o acordo.

Um outro objetivo do Vaticano , nessas negociações, é evitar o avanço do cisma de Lefebvre, através da ordenação de mais outros bispos, principalmente na América Latina.

Diário de Pernambuco
28/09/88

D. Luciano intermedia crise com Casaldáliga

BRASÍLIA – O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Luciano Mendes de Almeida, vai intermediar a crise entre o Vaticano e o bispo de São Félix do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga, que se recusa a assinar carta de advertência das congregações para a Doutrina de Fé e para os Bispos ao seu trabalho pastoral e às suas viagens à Nicarágua. Ontem, dom Luciano dedicou 60 minutos de entrevista coletiva à minimização do conflito, conseguindo o quase impossível: Dar razão aos dois lados.

"Se recebesse uma carta de advertência como essa, eu assinaria", disse o presidente da CNBB, que tinha em sua agenda um contato com o Núncio Apostólico do Vaticano no Brasil, dom Carlos Furno, marcado para ontem à noite. Em seguida, porém, Dom Luciano disse que recomendaria a dom Pedro esclarecer todas as dúvidas que sua consciência possa ter mas, ao mesmo tempo, prosseguir com o seu trabalho pastoral.

"A opção preferencial pelos pobres não é só de dom Pedro. Deveria ser de todos nós", comentou, num tom estranhamente coincidente com a nota dos bispos progressistas, redigida no último fim de semana por iniciativa do Bispo de Goiás Velho, dom Tomás Balduíno. A certa altura, a nota que, segundo dom Luciano, não terá apoio da CNBB, diz que as causas pelas quais ele (dom Pedro) é repreendido e até expõe sua vida são "as nossas causas".

O presidente da CNBB recusa-se a avaliar a conduta pastoral do bispo de São Félix do Araguaia, argumentando não ser seu juiz. Mas manifestou apreço e estima "por esse irmão, pela sua dedicação apostólica e empenho na causa dos pobres". E em seguida, puxou sutilmente a orelha de dom Pedro: cada bispo é pastor de sua Igreja mas sempre em comunhão com a Igreja Universal.

Segundo dom Luciano, a carta do Vaticano não coloca em questão a fidelidade do bispo de São Félix à Igreja. "É uma advertência, uma lembrança das obrigações episcopais, que são as mesmas para todos os bispos, e não apenas para dom Pedro" – minimiza o presidente da CNBB, revelando que o Vaticano advertir bispos não constitui fato anormal. "Anormal é isso ter publicidade, por se tratar de assunto que diz respeito apenas às duas partes" – afirmou.

Dom Luciano disse não querer afirmar que está-se fazendo tempestade num copo d'água. "Mas eu diria que estão aumentando a tempestade" – comentou, afirmando ter havido exagero da divulgação das supostas punições do Vaticano a dom Pedro: A CNBB tem uma cópia da carta em seus arquivos e, segundo seu presidente, as advertências ao bispo de São Félix são quatro: Ele pode pregar na Nicarágua e em outros países da América Central, desde que com autorização dos bispos locais. Pode se pronunciar livremente, desde que se atenha às orientações da Santa Fé, pode publicar seus escritos, desde que eles não causem danos à ortodoxia da fé ou aos bons costumes; e, finalmente, pode também continuar pregando, desde que se abstenha dos temas sócio-políticos.

Quanto à última advertência, dom Luciano admitiu ser difícil colocá-la em prática. A liturgia inclui a formação da consciência política. Recomendar aos cristãos o dever de votar em quem defende as classes menos favorecidas, por exemplo, não é fazer política, lembrou, admitindo que sempre que se pronuncia quanto à ausência de liberdade na Polônia, o Papa resvala no campo sócio-político.

Se resolver seguir as recomendações do Vaticano, é possível que dom Pedro jamais volte à Nicarágua. Dificilmente os bispos nicaragüenses, considerados extremamente conservadores, autorizariam a pregação no país de quem defende incansavelmente a revolução sandinista.

FOLHA DE S.PAULO

São Paulo, segunda-feira, 26 de setembro de 1988

Casaldáliga nega Justiça do Vaticano

"Se fosse preciso partir para um tipo mais normal de Justiça, as declarações do porta-voz do Vaticano mereceriam até um processo." A afirmação foi feita ontem pelo bispo de São Félix do Araguaia (MT), d. Pedro Casaldáliga, em entrevista exclusiva à **Folha**, ao comentar os desmentidos do Vaticano sobre as punições que recebeu. "São muito genéricas", disse Casaldáliga. Ele negou-se duas semanas atrás a assinar um texto enviado pelo Vaticano em que é "solicitado" a "não fazer celebrações políticas", "não visitar Igrejas de outros países sem a licença dos bispos locais". PÁG. A-5

FOLHA DE S. PAULO

Casaldáliga diz que poderia até processar o Vaticano

Segunda-feira, 26 de setembro de 1988 — POLÍTICA — A - 5

DERMI AZEVEDO
Enviado especial a Goiás (GO)

bispo de São Félix do Araguaia
), d. Pedro Casaldáliga, 60,
e ontem que os desmentidos
s pelo Vaticano sobre as puni-
s que recebeu "são muito genéri-
". Casaldáliga afirmou que, "se
preciso partir para um tipo
normal de Justiça, as declara-
do porta-voz do Vaticano mere-
m até um processo".
saldáliga disse que já se sente
unido e punido" pelas declara-
do vice-chefe da assessoria de
rensa do Vaticano, monsenhor
anni D'Ercole, de que ele "deve
el as orientações do magistério
interferir nas questões inter-
de outras Igrejas". Para o bispo
ão Félix "é bom lembrar que é
so antes de tudo ser fiel ao
gelho e a própria consciência".
acou que "é preciso esperar o
amento de Deus e defender a
edade e o pluralismo na Igreja".
Pedro recusou-se há duas
anas a assinar uma "intimação"
Congressões vaticanas para a
rma da Fé e para os Bispos, que
beu através do Núncio Apostóli-
embaixador do papa), em Brasí-
d. Carlo Furno. No documento
papel timbrado da nunciatura,
sem a assinatura dos cardeais
Ratzinger e Bernardin Gantin e
em sem data— d. Pedro é
citado" a "não fazer celebra-
políticas", "não visitar Igrejas
utros países sem a licença dos
os locais" e outras restrições.

bispo disse também, durante
revista exclusiva à **Folha**, na
de ontem, que "impor o
cio a alguém é uma tortura,
castração e um escândalo,
palmente na Igreja". "Como a
, impondo o silêncio, pode
r a liberdade de expressão e
gir com as culturas?"
documento (do qual d. Pedro
duas cópias, acompanhadas
cartas do Núncio) contém ainda
série de "considerandos" sobre
ologia da Libertação, folhetos
gos sobre a missa e o batismo,
sa do bispo à Cúria Romana e
suas viagens à América Cen-
principalmente à Nicarágua.
de cada "considerando", há
frase em letras maiúsculas
"os compromissos" que limi-
a sua liberdade de expressão,
de circulação e de trabalho.

D. Pedro afirmou, depois, que "há setores do Vaticano que estão cerceando os espaços e a caminhada da Igreja, comprometida com os pobres, sobretudo na América Latina". Destacou ser "evidente" que esses setores querem atingir o seu "apoio explicito aos teólogos da libertação" e a sua "recusa ao secretismo e às diplomacias, que não são muito evangélicas".

Em sua opinião, as coerções internas na Igreja "são incompatíveis com o evangelho. Para Casaldáliga, "resistir ao silêncio na Igreja é um serviço evangélico".

Quanto as suas viagens à América Central, sobretudo à Nicarágua, disse que "de acordo com a doutrina da Igreja, cada bispo deve ter o cuidado pastoral com as comunidades cristãs em todo o mundo", e que suas viagens são feitas "a serviço da justiça e da paz".

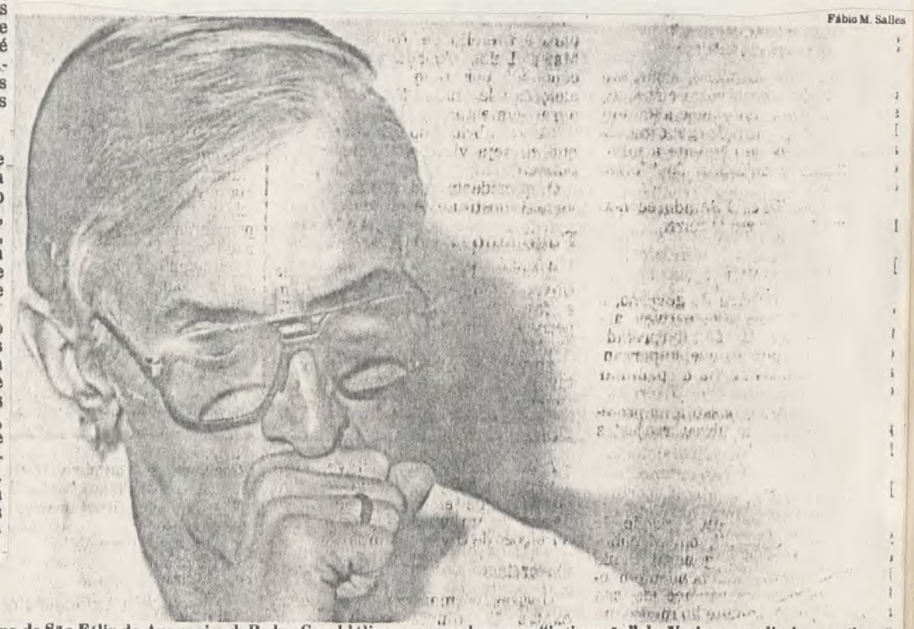
Para Casaldáliga, a Igreja no Brasil e na América Latina "está vivendo uma nova fase de romanização centralizadora que culminará de modo solene com a celebração da conferência epescopal latino-americana, em Santo Domingo (República Dominicana) em 1992".

Essa "romanização" teria segundo o bispo, "características mais modernas, inclusive tecnicamente, com muitos recursos financeiros". Citou como exemplo dessa tendência o projeto "Lumen 2000" que pretende promover uma cruzada de evangelização no mundo entre 1990 e 2000, com um orçamento previsto de US$ 400 milhões.

Perguntado o que faria se o Vaticano consumasse a sua punição, d. Pedro afirmou que pensaria simultaneamente em três coisas: consultaria primeiro a sua consciência; consideraria em seguida o evangelho e a doutrina da Igreja; e por último veria a tática e as estratégia a adotar diante do fato consumado.

Para Casaldáliga, o Vaticano "deveria, em vez de punir, agradecer aos bispos que atuam como porta-vozes das críticas das aspirações e até mesmo dos escandalos que acontecem dentro da Igreja". Acrescentou que as críticas que fez "com carinho e respeito" ao papa João Paulo 2º "expressam aquilo que milhões de católicos estão dizendo no mundo inteiro e portanto não têm nada de originalidade".

Fábio M. Salles



O bispo de São Félix do Araguaia, d. Pedro Casaldáliga, que recebeu uma "intimação" do Vaticano pedindo seu silêncio

Bispos fazem carta aberta

Do enviado especial a Goiás Velho

Uma carta aberta de solidariedade ao bispo de São Félix do Araguaia, d. Pedro Casaldáliga, será divulgada ainda esta semana por aproximadamente 40 bispos brasileiros e já está recebendo assinaturas em várias dioceses de todo o país. Na carta, os bispos destacam a sua "estranheza" diante da forma como foi "vazada" a informação sobre as punições da Cúria Romana à Casaldáliga e revelam sua "admiração" pelo trabalho desenvolvido por Casaldáliga junto aos trabalhadores rurais e aos indígenas na Amazônia legal brasileira.

A assessoria jurídica da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) fará um exame rigoroso da "intimação" recebida por d. Pedro, para o posterior encaminhamento de um pedido de esclarecimenos às congregações para a Doutrina da Fé e para os Bispos sobre esse documento e sua divulgação, através da imprensa, antes mesmo que houvesse qualquer resposta do bispo.

Entre os assessores da Igreja presentes ontem em Goiás Velho, havia comentários informais de que o documento com restrições a Casaldáliga "existe, é inexplicável e merece ser esclarecido em todos os seus aspectos". Alguns padres diziam também que "as suspeições sobre Casaldáliga devem ser levantadas" e que "se isto não for feito a Santa Sé e a Nunciatura, em Brasília, ficarão em situação difícil por não estarem jogando limpo".

Confirmando a intenção de alguns organismos da Cúria Romana de castigarem Casaldáliga, a **Folha** apurou que está pendente, no Vaticano, o relatório sobre a "visita" realizada há nove anos a São Felix do Araguaia, por ordem de Roma, pelo então arcebispo de Teresina (PI), d. José Freire Falcão, hoje arcebispo de Brasília. Na sua visita a Roma, há dois meses, d. Pedro foi advertido que deveria aguardar as conclusões contidas nesse relatório. (DA)

Fiéis são contra punição

Do enviado especial a Goiás Velho

Uma carta ao papa João Paulo 2º, pedindo que d. Pedro Casaldáliga não seja silenciado nem punido, será enviada hoje ao Vaticano por cem padres religiosos e leigos que participaram da 14ª Assembléia da Diocese de Goiás Velho, encerrada ontem com uma missa no centro da cidade. A carta foi escrita por um grupo de mulheres que participam das Comunidades Eclesiais de Base.

"Papa João de Deus —afirma a carta— nós queremos que o sr. não permita que d. Pedro se cale, pois ele precisa levar à frente este trabalho tão bonito que ele juntamente com outros bispos, padres e irmãs estão fazendo aqui no Brasil." Os militantes das CEBs afirmam que gostariam de "trazer Roma até aqui" e não somente o papa, para que "todos os seus ministérios sentissem um pouquinho da miséria que vive o nosso povo brasileiro".

Anteontem à noite, na reunião de encerramento da Assembléia Diocesana de Goiás, Casaldáliga foi homenageado e deu uma benção às comunidades. Ele afirmou que a prelazia de São Felix do Araguaia viveu os seus momentos mais graves na Diocese de Goiás e perguntou: "Se somos filhos da palavra de Deus, que nos criou e nos batizou, como vamos ficar em silêncio?"

Na Assembléia foi cantada a primeira música popular sobre o "silêncio" de Casaldáliga. A música diz: "querem calar à d. Pedro, mas ele não pode calar, ele é a voz da verdade, d. Pedro tem que falar; nem expulsando ou prendendo vão calar a voz do povo, a Igreja é a nossa voz e Pedro nos traz o novo; telefonemas choveram, de toda a parte do mundo, querendo esclarecimento do fato num só segundo, d. Pedro com sabedoria, esclarecia o assunto". Ontem, as comunidades de base da diocese se concentraram na chácara São José, a sete quilômetros do centro de Goiás, para festejar o fim da Assembléia e homenagear Casaldáliga. (DA)

Divisão da arquidiocese é um fato 'consumado'

Da Reportagem Local

O projeto de divisão da Arquidiocese de São Paulo é considerado, na Igreja Católica local, como um fato "consumado e irreversível", embora ainda não tenham sido publicados os decretos do papa João Paulo 2º, criando as novas dioceses de Osasco, Itapecirica da Serra, Santo Amaro e São Miguel Paulista. A partir de outubro, esses documentos pontifícios poderão ser publicados a qualquer momento. A médio prazo, poderão ser também criadas as dioceses da Penha e de Guaianazes, desmembradas de São Miguel Paulista e do Belém (zona leste).

A divisão da arquidiocese está sendo discutida, agora, em pelo menos três níveis. O primeiro é o da Nunciatura Apostólica (embaixada do Vaticano), em Brasília, e da Congregação para os Bispos, organismo da Cúria Romana; o segundo é o nível episcopal, envolvendo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), d. Paulo e seus bispos auxiliares; e o terceiro nível é o dos demais segmentos da comunidade católica.

As autoridades do Vaticano estão esperando a remessa de dados para concluir o processo de criação das novas dioceses paulistanas. O cardeal Arns e seus bispos auxiliares só consideram consumada a divisão da Arquidiocese, no momento em que saírem os decretos papais.

Entre os agentes pastorais, há consenso a favor da permanência dos atuais bispos nas novas dioceses. Diante da incerteza sobre os rumos pastorais dessas dioceses, alguns padres, religiosos e leigos já se preparam para mudar de área.

HAMA-Qualitätszubehör – damit Ihr Hobby zum Diavergnügen wird.

HAMA quality accessories – your assurance for getting even more enjoyment out of your slide hobby.

Le plaisir de la diapo avec la qualité HAMA pour vos accessoires.

Productos de calidad HAMA – para que su hobby de diapositivas se convierta en un placer.

Hamafix-Diarähmchen 5x5
Einteilig, glaslos, für verblüffend schnelles Rahmen.

Hamafix slide frames 5x5
Single-piece frames for amazingly fast and easy framing. Glassless.

Cadres-caches Hamafix 5x5
D'une seule pièce, pour le montage ultra-rapide des diapos. Sans verre.

Marquitos Hamafix 5x5
De una sóla pieza, para un rapidísimo montaje de diapositivas. Sin vidrio.

1030: 100 St./Pcs. 2,3 mm
1032: 200 St./Pcs. 2,3 mm

1031: 100 St./Pcs. 2,3 mm

Hamafix-Einfaßgerät
Slide framing device
Appareil de montage
Aparato de montaje
1040 f./p. 2,3 mm

Schneidegerät beleuchtet, schnellen und exakten Schnitt. 2fach Lupe.

Slide cutter, illuminated. 2x magnification.

Coupe-diapositives, éclairé. avec loupe à grossissement 2x.

Cortadora de diapositivas iluminada. Con lupa 2x.

Netzbetrieb 220 V

Beleuchtetes Diasortiergerät für 36 Dias mit Fächern zum Vorsortieren.

Illuminated slide sorter for 36 slides; with compartments for pre-sorting.

Table lumineuse pour 36 diapos, avec casiers pour la présélection.

Clasificador de diapositivas para 36 diapositivas con compartimientos para pre-seleccionar.

220 V

Lichtpult zum Betrachten von Dias in den Diahüllen.

Illuminated panel for viewing slide in their strips.

Table lumineuse pour visionner les diapos de tous formats.

Mesa luminoso para visionar diapositivas en fundas.

36 x 27 cm, 220 V

Diabetrachter "Mini"
mit 2fach Vergrößerung.

Slide viewer "Mini",
2x magnification.

Visionneuse «Mini»
à grossissement 2x.

Visionadora "Mini"
de doble aumento.

3640 f./p. 24 x 36 mm / 5 x 5 cm.

Formschöne Diabetrachter (5 x 5)
für Batteriebetrieb.

3642 mit 2fach Vergrößerung
3643 mit 3fach Vergrößerung
3696 Komfortbetrachter mit 2fach Vergrößerung, Fallschacht und Wechselschieber
3698 wie Nr. 3696, jedoch mit 3fach Einschwenklupe fürs Detail

Handsome viewer (5 x 5)
for battery operation.

3642 2x magnification
3643 3x magnification
3696 Handy slide viewer, 2x magnification, with gravity shaft and slide changer.
3698 Identical to model 3696, however with retractable 3x magnifier for easy distinction of details.

Visionneuses (5 x 5) de ligne élégante fonctionnant sur piles.

3642 à grossissement 2x
3643 à grossissement 3x
3696 confortable visionneuse à grossissement 2x, avec passe-vues et cuvette de récupération
3698 comme réf. 3696, mais avec loupe escamotable à grossissement 3x pour distinguer les moindres détails.

Visionadora (5 x 5) de diseño elegante, funcionamiento con pilas.

3642 de aumento doble
3643 de aumento triple
3696 visionadora confortable de doble aumento, bandeja de almacén y cambiador pasante
3698 como el N° 3696, pero con lupa abatible de aumento triple para observar detalles.

Lichtzeiger "Super"
mit hoher Leuchtkraft, Batteriebetrieb.

Pointer torch "Super"
high brilliance, battery operated.

Flèche lumineuse «Super»
à très haute puissance lumineuse, fonctionnement sur piles.

Puntero luminoso "Super"
de gran potencia luminosa, funcionamiento con pilas.

3557 6 V

hama® DSR-SYSTEM

Genial einfach und blitzschnell:
Dias automatisch Schneiden und Rahmen mit DSR-Automat und DSR-Diarähmchen glaslos.
Auch für LKM-Magazine geeignet.

Ingenious, simple and fast:
For automatic slide cutting and glassless mounting using the DSR unit and DSR slide frames.
Also suitable for magazines type LKM.

Archisimple et ultra-rapide:
Découpe et montage des diapos avec le DSR-Automat et les caches sans verre DSR.
Convient également pour les paniers LKM.

Genial, simple y rapidísimo:
Cortado y montaje automático de diapositivas con el DSR-Automat y los marquitos DSR sin vidrios.
Apropiado también para los cargadores LKM.

Art.-No. 1250 Set:
1 DSR-Automat, 1 Lupe, 1 Filmpatronenhalter, 50 DSR-Diarähmchen 5 x 5/24 x 36.
Beleuchtung mit Batterie oder Netz.

1 DSR unit, 1 Magnifier, 1 Holder for film cartridge, 50 DSR 5 x 5/24 x 36.
Illumination from battery or mains.

1 DSR-Automat, 1 lupe, 1 porte-film portecartouche, 50 caches DSR 5 x 5/24 x 36.
Eclairage sur piles ou sur secteur.

1 DSR-Automat, 1 Lupa, 1 Portapelícula/cartucho, 50 Marquitos DSR 5 x 5/24 x 36.
Iluminación por pilas o por red.

Art.-No. 1251
DSR-Automat (einzeln)
Art.-No. 1255
DSR-Automat (einzeln), ohne Beleuchtung/without illumination sans éclairage/sin iluminación
Art.-No. 1050
DSR-Diarähmchen 2,3 mm, 5 x 5/24 x 36 · 100 St./Pcs.

Institut für Brasilienkunde

CEDIM